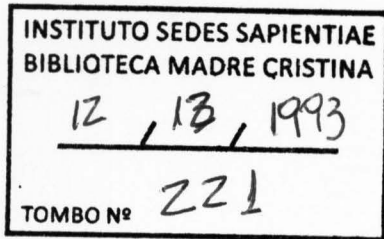


BOLETIM FORMAÇÃO EM **Psicanálise**

ANO II - VOL II - Nº2 - JULHO - DEZEMBRO 1993



PUBLICAÇÃO DO CURSO: FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE DO
INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE



ex. 2.

SUMÁRIO

EXPEDIENTE	pág. 04
I- EDITORIAL	5
II - LEITURAS	7
A MENTE DO ANALISTA: DA ESCUTA À INTERPRETAÇÃO - COMENTÁRIOS	
- Marion Minerbo	9
A LINGUAGEM INTERMINÁVEL DOS AMORES OU O PERSISTENTE NOSTÁLGIO MUITOS ANOS DEPOIS	
- Olivia Bittencourt Valdivia	15
DESDE O SINTOMA	
- Maria Cristina Perdomo	19
INCONSCIENTE E LINGUAGEM: O NOME PRÓPRIO NA GRADIVA DE JENSEN	
- Vera Lúcia Andrade	22
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES PARA A PSICANÁLISE	
- Solange Silva Barbosa	26
DREAM, PHANTASY AND ART - RESENHA	
- Solange Silva Barbosa	31
III - ARTIGOS	33
O INCONSCIENTE EM JOGO: A BUSCA DE UM SENTIDO NA ANÁLISE	
- Ignácio Geber	35
O CORVO E A RAPOSA: AINDA NOS BASTIDORES DA SESSÃO	
Marion Minerbo	46
¿PODEMOS LOS ANALISTAS CONFRONTAR TEORÍA?	
- Silvia Bleichmar	58
IV - CONFERÊNCIA	67
HEIDEGGER E MELANIE KLEIN: GRATIDÃO E RECORDAÇÃO	
- Antonio Muniz de Rezende	69

EXPEDIENTE

COMISSÃO EDITORIAL:

Artur Filhou José
Claudia Paula Leicand
Ede de Oliveira Silva
Fernanda Pinto Freire
Maria Luiza Scrosoppi Persicano

COLABORADORES:

Mildred Kun Wai Chui
Suely Gevertz.

DIGITAÇÃO:



PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:



**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
DA CAPA:**

Claudia Paula Leicand
Maria Luiza Scrosoppi Persicano e



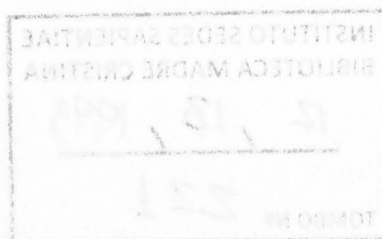
IMPRESSÃO:



Rua Ministro Godoy, 984 - S. Paulo - SP

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Marcos Daniel Cézari - MTPS - 11.193



I- EDITORIAL

"While truth can certainly be experienced by us, it can never be appropriated and transmitted to others as a kind of rational knowledge". (G. Vattimo, in "The End of Modernity")

Neste número o Boletim oferece ao leitor uma série de textos que alcançam densidade no aprofundamento em direções diversas.

Em um momento de tantas transformações, o atual, rápido, envelhece; o diverso, logo se associa; o múltiplo, ocupa o lugar do absoluto.

Assim se dá a evolução do conhecimento, que se constrói através de perguntas.

Esperamos que estes trabalhos aqui apresentados conduzam o leitor por esses caminhos.

Comissão Editorial

I- EDITORIAL

While truth can certainly be experienced as a new
form of knowledge and knowledge is often a
form of knowledge. (C. Vignani in "The End
of Ideology")

...the truth can certainly be experienced as a new
form of knowledge and knowledge is often a
form of knowledge. (C. Vignani in "The End
of Ideology")

II - LEITURAS

II - LETURAS

II - LECTURAS

*A mente do analista: da escuta à interpretação**

COMENTÁRIOS **

MARION MINERBO ***

O trabalho de Baranger é consistente e didático. Ela faz uma abstração dos passos do que se passa na mente do analista entre a escuta e a interpretação. Com isto, ela consegue estar próxima da clínica de todos nós. Ela teoriza sobre a natureza mais íntima do trabalho do analista, seja quando está em silêncio, seja quando interpreta.

Toca em vários pontos importantes. Em virtude do tempo de exposição que me cabe nesta mesa, optei por aprofundar apenas três pontos que me pareceram mais importantes, no lugar de apresentar um resumo mais superficial de todos eles.

Para dar mais vida à teorização de Baranger, optei também por deixar que o suculento material clínico de Jacobs explique e ilustre os pontos que selecionei de seu trabalho.

O tema do trabalho e do Congresso - "Da escuta à interpretação" - sempre me fascinou. Eu me senti à vontade para comentá-lo por ter escrito dois trabalhos sobre os bastidores da sessão, em que tratei justamente disto. Senti-me à vontade também porque ela utiliza o conceito de campo, de forma bastante próxima ao da Teoria dos Campos, de Fabio Herrmann, com o qual estou familiarizada(3). Farei a distinção entre ambos onde for necessário.

Por fim, espero que vocês tenham lido os dois trabalhos nos quais baseio meus comentários, pois farei referência constante a eles.

São estes os pontos que pretendo ressaltar do trabalho de Madeleine Baranger:

- 1- o que escuta o analista
- 2- como escuta o analista
- 3- como interpreta o analista.
- 4- quando interpreta o analista

- 1- O que escuta o analista.

O primeiro aspecto significativo do trabalho de Jacobs é que, antes de relatar a sessão, ele fornece indicações sobre quem tem sido este paciente ao longo desta análise.

Para fazê-lo ele se debruça sobre seus próprios sentimentos e sensações prévios à entrada do paciente na sala de análise.

Estas indicações são preciosas porque iluminam de uma maneira muito feliz nossa primeira questão: o que escuta o analista.

Para Willy e Madeleine Baranger, a escuta do analista focaliza uma estrutura que eles chamaram de campo intersubjetivo em "La situación analítica como campo dinámico", 1961 (1). Eles propuseram este conceito para solucionar um problema epistemológico sobre a natureza do inconsciente, que não vou tratar aqui.

* BARANGER, M. (1962) publicado na Revista Brasileira de Psicanálise vol. 26, nº 4

** Trabalho apresentado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

***Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (2).

O que é campo intersubjetivo?

É uma estrutura que ultrapassa a relação intersubjetiva analista-analisando e ultrapassa mesmo a interação transferência-contratransferência. Seria aquilo que produz tanto uma quanto outra; produz o próprio diálogo analítico. Esta estrutura representa uma nova gestalt, que é o foco do trabalho interpretativo (1).

Portanto, o campo intersubjetivo representa mais do que a soma das duas partes envolvidas, da mesma forma que uma melodia é muito mais do que a soma das notas que a compõem.

“Não se trata simplesmente de levar em conta as vivências contra-transferenciais do analista, mas de reconhecer que tanto as manifestações transferenciais do paciente como a contra-transferência do analista têm origem na mesma fonte: em uma fantasia inconsciente básica que, enquanto criação do campo, tem suas raízes no inconsciente de cada um dos participantes”. (pág. 576 op. cit.)

Eles conferem à fantasia básica do campo a virtualidade do suposto básico, de Bion. Isto quer dizer que esta fantasia não tem existência fora da situação de grupo (ou da dupla) em nenhum dos participantes”.

Com este conceito eles estão se contrapondo a duas idéias:

- 1- de que a escuta visa a fantasia inconsciente do paciente com a qual, em resposta, o analista interage. Para eles, o paciente não traz uma fantasia pronta, que vai se utilizar do analista para aparecer na sessão. A fantasia que nos interessa se estrutura durante a sessão. É a fantasia da dupla, uma fantasia compartilhada.
- 2- de que a escuta visa os movimentos emocionais da relação analítica. Para eles, a interpretação visa os movimentos emocionais que produzem a relação analítica.

Para os Baranger, o campo se estrutura em três níveis: um explícito, que é o contrato e a assimetria de base. Outro manifesto, que é o diálogo analítico. Outro latente, que é a fantasia inconsciente básica do campo, que produz o diálogo analítico. Para eles, a fantasia inconsciente básica tanto é produto do campo, (pág 576 op. cit.) - o observável - quanto o que o produz (pág 577 op. cit.) - o não observável.

Aqui, a Teoria dos Campos faz uma distinção útil para pensar a clínica. Há uma distinção entre o campo e a relação. O campo é o inconsciente de uma relação, qualquer que seja a relação. No caso presente, Baranger está tratando da relação intersubjetiva que se apreende no diálogo analítico. Com esta distinção, reservamos o termo relação para o que é observável, e o campo para as regras emocionais inconscientes que produzem, sustentam e conferem sentido a esta relação. Usarei em meus comentários a distinção entre o campo e a relação por motivos de clareza.

Seguimos até aqui Baranger em sua conceituação de Campo Intersubjetivo, e sua proposta de que a escuta analítica se dirige a esta fantasia inconsciente que subentende e estrutura a situação atual do campo analítico. Vejamos como fica isto no material clínico.

Ao apresentar-nos seu paciente, Jacobs (4) nos introduz justamente num dos campos predominantes desta análise. Antes mesmo do paciente entrar (pág 589/590 op. cit.), o analista percebe-se tenso e preocupado com a aparência de seu novo consultório “esmolambado e pobre”. Sabe que será alvo da crítica ácida, típica deste paciente bem-apegoado e distinto, que dá muita importância às aparências. O paciente entra e se deita, o analista observa sua elegância, relembra a elegância de seu pai e de seu analista. Olha para seu próprio terno deselegante, e pensa: “neste campo eu não havia competido”. O paciente ainda não abriu a boca, mas o campo já está lá, agindo sobre o analista. E ele se dá conta da presença e ação deste campo quando pensa: “jeito de inglês mas pensa em ídiche”. Percebe que esta idéia já é expressão de sua agressividade e competição com o paciente.

Repito que antes mesmo do paciente abrir a boca já percebemos que competição/humilhação é um elemento fundamental neste campo. Este já está em ação, é anterior ao diálogo analítico. Opera produzindo em cada um representações com a marca da competição/humilhação.

As representações produzidas pelo campo são complementares: o analista se vê como esmolambado e vê seu paciente como a quintessência do yuppie.

Ao falar de representações estou descrevendo a relação, e distinguindo-a do campo que a está produzindo. Faço uma distinção que, como disse acima, não está explícita na formulação de Baranger.

A fantasia inconsciente deste campo - e que o analista reconhece - poderia ser assim enunciada: já que competir é inevitável, devo vencer, e a arma eficaz é a humilhação. As relações produzidas, as representações, são de competição e humilhação. Se o analista não reconhecesse o campo, poderia atuar estas fantasias. Ele se limita a experimentá-las em silêncio. O paciente, no entanto, é inteiramente determinado pelo campo, sem dar-se conta disto.

Portanto, mais do que o interjogo complementar esmolambado-yuppie, a escuta do analista volta-se para esta fantasia inconsciente que subentende a relação, para o campo intersubjetivo que a produz. Na pág 590 (op. cit) este foco para a escuta fica claro. Vemos o analista atento ao campo, atento para a possibilidade destas representações se cristalizarem quando estiver diante do paciente. Ele está tenso, adiando para abrir a porta.

Mais precisamente, ele está atento para que sua posição "esmolambado" não transborde agressivamente numa tentativa de reverter as posições - como faria o irmão do paciente. Ao contrário, o material mostra que ele não recusa o desprezo inicial, e que está atento para uma possível movimentação destas representações entre ambos.

Seguimos, fascinados da platéia, os passos daquela dupla que dança harmoniosamente no palco do diálogo analítico. Ao mesmo tempo nos é dado apreciar a movimentação que se dá nos bastidores. Vemos o analista associar em complementação aos passos do paciente. A platéia tem assim a visão privilegiada do conjunto palco-bastidores, que permite ver que na realidade ambos estão sendo dançados por este campo.

2- Como escuta o analista?

Baranger adverte para o perigo de o analista escutar o que já sabe teoricamente, embora também não se trate de uma escuta ingênua.

Ela sustenta dois tipos de referenciais utilizados na escuta:

1- "a quintessência condensada e elaborada a partir das adesões teóricas, do conhecimento das obras analíticas, de sua experiência clínica, do que pôde aprender de si mesmo em sua análise, de sua identificação com analistas e supervisores, e até mesmo das modas teóricas que periodicamente agitam o movimento psicanalítico". (pág 579 op. cit.)

Jacobs(4), é remetido (597/8 op. cit.) pelas associações do paciente - o alfinete de segurança e a circuncisão - e pelas próprias associações - a hérnia do paciente, e a bolada de beisebol - à clássica teoria da castração.

2- No fim da pág 579 ela diz que o "conhecimento do paciente e de sua história como pano de fundo para o drama atual. Sobretudo a história da relação analítica e do processo estão presentes na mente do analista (...) O processo se rege (...) pela memória dos momentos que o constituem" (pág 580 op. cit.). Ainda acrescenta: "a ausência, na maioria dos trabalhos clínicos, do conceito de memória do processo parece-nos extremamente inquietante". Ela reconhece, ao lado das teorias clássicas, outro tipo de orientador para a escuta: o que ela chama de memória do processo.

Na sessão que estamos seguindo, presenciamos a ressonância adequada do analista ao paciente. Penso que isto é possível graças à sua sensibilidade e atenção flutuante, e também porque sua escuta está orientada pela memória do processo.

Vejamos mais um pouco da sessão. Na pág 591 (op. cit.), depois do já esperado comentário sarcástico acerca da decoração do novo consultório, o paciente fala sobre um jantar na casa do Sr. K, e de seu irmão mais velho. Certas expressões se sobressaem imediatamente para nós que já temos, nesta altura do texto, alguma idéia sobre esta análise.

"ele é um bobalhão, um caipira que se mudou para Park Avenue"

"ganharam um pouco de dinheiro e se acham o máximo".

Diante desta fala, o analista percebe-se tenso, sente que indiretamente está sendo criticado. Lembra-se de que o Sr. V. mencionara, meses atrás, que desejava mudar-se para o East Side. Supõe que o paciente está com inveja, encoberta pelas associações.

Então o analista interpreta dizendo duas coisas:

- o Sr. K, a quem está criticando, é também o analista.
- a depreciação é também inveja.

Onde estaria a teoria clássica, como pano de fundo desta interpretação? Seria a teoria da inveja, de Klein? Penso que não, pois esta teoria se refere ao ataque destrutivo ao seio bom por ser bom (Dicionário do Pensamento Kleiniano)(5). Este material não sugere a inveja Kleiniana, e tampouco o analista se utilizou disto para interpretar. Há a teoria da rivalidade edipiana, entranhada em toda a escuta do analista e em suas associações.

Mas falar em rivalidade edipiana parece pouco frente ao que o analista nos mostra dos bastidores. Ele nos mostra a memória do processo, a que se refere Baranger, funcionando ativamente, produzindo suas associações, orientando sua escuta e a interpretação.

Baranger faz uma afirmação importante na pág 580/581(op. cit): O analista escuta uma coisa diferente do que é dita. Supor que ele procura um conteúdo latente por trás do manifesto seria uma coisificação de algo dinâmico. O inconsciente não está por trás, está em outro lugar. A escuta do analista consiste em descentrar o relato do paciente, dismantelar esse relato para encontrar um novo centro que, neste momento, é o inconsciente.

Voltando à interpretação de Jacobs, sua fala nos mostra que, antes de interpretar, o analista escutou o discurso do paciente de forma descentrada, como formula Baranger. Reconhecemos que este descentramento se dá por dois deslocamentos:

- Analista no lugar de Sr. K.
- Inveja (no sentido comum da palavra) no lugar da depreciação.

Baranger não chega a avançar na teorização da natureza mais íntima desta escuta. Recorro à Teoria dos Campos, que também identifica neste descentramento a característica essencial da escuta analítica. Fabio Herrmann(3) propõe que este descentramento é a operação essencial do método analítico, invariável mesmo para diferentes linhas teóricas. O método em ação determina o "campo transferencial, que é aquele que faz de todos os ditos do paciente, fantasias

interpretáveis." Em "A Interpretação dos Sonhos" Freud escutou seu próprio sonho de maneira descentrada, operando por des-condensação e deslocamento, criando o método psicanalítico.

Resumindo, a escuta do analista rumo à interpretação é resultado de uma dupla operação.

- 1) Há um orientador para a escuta, que pode ser a teoria clássica e/ou a memória do processo.
- 2) E há uma operação metodológica, que consiste, segundo Baranger, em "descentrar o relato do paciente, dismantelar este relato para encontrar um novo centro que, neste momento, é o inconsciente.

3) Como interpreta o analista?

Baranger nos fala de intervenções preparatórias, da participação do paciente, que pode integrar os elementos anteriormente comunicados e chegar a sua própria formulação interpretativa. Ambas aparecem na sessão de Jacobs(4).

Ela fala também de duas metas distintas para a interpretação (pág 584 op. cit.).

- 1- A reintegração de aspectos clivados do paciente. A interpretação reúne aspectos e vivências do paciente que não lhe são desconhecidas, no sentido de reprimido inconsciente. Relacionam, por exemplo, determinada experiência infantil relatada pelo paciente, a um acontecimento atual. Provocam alívio associado ao prazer da descoberta.
- 2- Irrupção num sistema de representações tranquilizadoras ou de ilusões provocando o surgimento da angústia. Ao abrir acesso ao inconsciente, a interpretação disruptiva provoca inquietação e angústia no paciente, e potencialmente no analista.

A intenção disruptiva e a intenção sintetizadora se sucedem na mente do analista e funcionam de forma dialética. "Sem disrupção a análise seria idílica e ineficaz. Sem reunificação deixaria o analisando num marasmo psicológico".

Jacobs(4) nos fornece um excelente exemplo de interpretação disruptiva (pág 595 op. cit.). É uma fala tão simples como insinuar para o paciente que ele vira a "mezuzah". Isto é disruptivo porque a "mezuzah" é

elo de ligação entre o discurso depreciativo sobre o amigo devoto ("O apartamento dele parece uma porcaria de uma seção do Museu Judaico") e a situação atual com o analista (consultório novo, judeu novo rico). É disruptivo porque mostra ao paciente que lá é aqui também, que está sendo escutado de forma analítica. A inquietação e angústia que esta interpretação disruptiva provoca estão presentes.

O analista nos comunica isto diretamente, e o paciente deixa sua angústia transbordar numa risada e na associação seguinte: "Ei, espere aí, você tem uma daquelas coisinhas judaicas na porta?"

Mas o que é decisivo para mostrar que esta fala foi de fato disruptiva é que a partir daí, há uma mudança no fluxo de associações do paciente. Ele passa a falar da troca de fraldas a que assistiu na casa do Sr. K.

Presenciamos agora ao vivo o que Baranger chama de ponto de inflexão. (pág 577 op. cit.) "Podemos falar de ponto de inflexão quando surge subitamente uma mobilização do campo analítico, relacionada ou não à interpretação e ao insight registrados e uma reestruturação da fantasia básica subjacente. O ponto de inflexão assinala a abertura do acesso a novos aspectos da história".

Recapitulemos o material clínico: o paciente estava criticando o apartamento com aspecto de museu judaico, e depois do comentário do analista sobre a "mezuzah", riu e passou a falar da troca de fraldas que presenciou. Fala de como o bebê foi espetado com um alfinete, e como sentiu-se nauseado com isto. Este é, a meu ver, o momento em que o campo se abriu para um novo tema.

Até então tratava-se de competição, inveja e humilhação. Agora, quando o paciente se dá conta de que lá é aqui, passa a sentir-se ameaçado como um bebê que pode ser espetado a qualquer momento. O analista também acompanha este movimento - está no mesmo campo - com a associação da bolada de beisebol que sangrou seu nariz. Ambos têm uma sensação visceral de perigo.

O campo minado que ambos estavam evitando (o judaísmo) produz agora representações de outra ordem, tanto para o analista quanto para o paciente. O analista é o judeu ortodoxo ("são terríveis, de barba e chapéu

preto") que faz a circuncisão. O paciente é o recém-nascido à mercê do adulto. Na linguagem de Baranger, houve uma reestruturação da fantasia básica subjacente, com abertura de acesso a novos aspectos da história.

No campo anterior as representações circulavam entre dois polos: paciente Yuppie / analista esmolambado, ou analista East Side / paciente invejoso. No novo campo, a fantasia básica é outra, e se expressa por uma nova ordem de representações: judeu ortodoxo de barba que castra / menino indefeso à mercê do adulto.

Mas neste novo campo, a representação "bebê indefeso" é experimentada pelo paciente por uma fração de segundo apenas, porque lhe é intolerável. Quando ele se antecipa ao analista e interpreta, já não é mais o bebê indefeso.

Ao contrário, o paciente foi afiado e rápido como uma faca de rabino na auto-interpretação. A representação "indefeso" ficou imediatamente com o analista, que nos diz: "...me sinto desapontado". Neste novo campo a interpretação assume, na fantasia inconsciente básica do campo, o valor de faca afiada.

4- Quando interpreta o analista:

Baranger reformula o conceito de ponto de urgência formulado por Klein, que seria o ponto de máxima angústia do analisando. Ela questiona a possibilidade de identificar a angústia latente (578 op. cit.), criticando tal ampliação do conceito de angústia. Ela parte de Pichon Riviere e considera o ponto de urgência "como um momento de funcionamento do campo em que a estrutura do diálogo e a estrutura subjacente (fantasia inconsciente básica do campo) podem confluir, provocando um insight. O analista sente e pensa que deve interpretar."

Em Jacobs(4), pág 598 (op.cit.) temos um excelente exemplo de como funciona o ponto de urgência. O analista vinha percebendo que há um assunto sendo evitado, e que a representação "judeu" tem um aspecto denegrido e ameaçador para ambos, pois pode impedir o sucesso. A partir deste ponto há uma série de associações tanto da parte do paciente quanto do analista. Estas convergem para um insight numa apreensão gestáltica, tendo como orientador para a escuta a teoria da castração. Há realmente uma

convergência do diálogo com a fantasia básica do campo - "o judaísmo é vergonhoso". "Ficaria aborrecido se soubesse que apoio um hábito tão arcaico como a circuncisão", pensa o analista (pág 598 op. cit.). Neste contexto em que o paciente não parou de criticar, humilhar e desprezar o analista, ainda que por inveja, a retaliação parece inevitável para este paciente. O judaísmo fornece elementos expressivos para que tal fantasia tome forma e possa ser vivida e verbalizada.

Há o insight do analista. "De repente começo a falar. Estou recapitulando o fluxo das associações... Digo que acho que estes elementos todos estão interligados, e estou prestes a fazer uma interpretação... quando o paciente me interrompe".

A interpretação de reunificação que o analista pretendia formular é, como diz Baranger, o coroamento, o complemento dialético do efeito disruptivo da interpretação de que falamos acima. A interpretação de reunificação, o próprio paciente pode formular, como vemos. Mas a participação do analista é indispensável no que diz respeito à interpretação disruptiva.

Conclusão

Concluindo, vemos que o trabalho clínico de Jacobs se dá o tempo todo em ressonância com o que diz o paciente, orientando-se por elementos internos ao diálogo analítico. A teoria aparece a posteriori,

redescoberta no momento adequado dentro do próprio trabalho. Qualquer analista pode seguir sem problemas o trabalho que está sendo feito.

Este material se presta especialmente para ilustrar a teorização de Baranger. Cada passo daquilo que teoriza pode ser verificado na prática, independentemente da linha teórica do analista. O que escuta, como escuta, como interpreta o analista são questões centrais para todos nós. Ela os aborda com universalidade suficiente para que a maioria dos analistas se reconheça aí.

É claro que esta universalidade não elimina as diferenças quanto a técnicas específicas de intervenção, ou particularidades no conteúdo da escuta. Mas parece-me que tanto no material de Jacobs quanto na abordagem teórica de Baranger, há universalidade suficiente para que possamos realmente conversar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1- BARANGER, W. & BARANGER, M. (1961) - La situación analítica como campo dinámico, in Problemas del Campo Psicoanalítico, Buenos Aires, Ed. Kargierman.
- 2- BARANGER, M. (1962) - A mente do analista: da escuta à interpretação. Revista Brasileira de Psicanálise, vol 26, 4.
- 3- HERRMANN, F. (1991) - Andaimos do Real, O Método da Psicanálise, Editora Brasiliense, segunda edição revisada.
- 4- JACOBS, T. (1992) - As experiências internas do analista: sua contribuição ao processo analítico. Revista Brasileira de Psicanálise, vol 26, 4.
- 5- Hinshelwood, R.N - Dicionário do Pensamento Kleiniano - Porto Alegre, 1992 - Artes Médicas..

A linguagem interminável dos amores ou o persistente nostálgico muitos anos depois

OLIVIA BITTENCOURT VALDIVIA *

O Amor sempre foi algo muito presente e paradoxalmente um pouco esquecido para a intelectualidade. Essa criação original ou essa coleção de sintomas se perde historicamente em insondáveis tempos remotíssimos. Jamais presenciamos seu começo por falta de registros exatos sobre seu “momento-da-aurora”.

Sabemos realmente sobre o amor? Vasculhando um pouco o cotidiano captamos algumas cintilações da necessidade e do desejo. A resposta sempre fugidia e provisória, estará sempre vinculada ao estilo emocional e ao contexto cultural no qual estamos inseridos. Usamos nossos argumentos: sumários, dramáticos, distanciados, vulgares, sublimes a até poéticos. Esses argumentos nos dão pistas do que possa sutilmente ser o Sujeito Amoroso. Dele sabemos pelo seu discurso, uma série descontínua de falas que não se encerra e é permanentemente retomado na possibilidade de novas variações.

A literatura nos oferece lindas e trágicas histórias de Amor. O romance medieval de Tristão e Isolda apresenta apaixonados que se amam loucamente e morrem de amor. Amor marcado pela impossibilidade. No decorrer da história houve até uma certa oportunidade de possibilitar esse Amor. Condição essa não percebida pelos envolvidos. Foram capturados pela paixão e ficaram emburrecidos de seus conteúdos eróticos. Ao persistir no proibido não viveram um amor possível. Eterno descompasso de sonhos. Eterna

busca de realização no irrealizável. O sujeito amoroso estará sempre preso às carências, injunções, e prazeres do imaginário. A possibilidade de amar se estrutura com a possibilidade do Ser e este momento da viragem antecipa o psicológico sobre biológico. O sujeito amoroso pode se comportar um pouco como Alice e entrar no espelho. Só que também é necessário aprender a sair dele.

A Bíblia sugere que a primeira história de amor da humanidade deu-se entre Adão e Eva. Provavelmente eles nada sabiam sobre o amor e foi um Deus sensibilizado pelo desconforto de Adão frente às fêmeas disponíveis no paraíso que resolveu criar a mulher, levando-a até ele. Foi um caso de amor “à primeira-vista”, pelo menos do lado de Adão que siderou-se no olhar da mulher e falou: “... ossos de meus ossos... carne de minha carne”. Sua primeira expressão foi reconhecer-se em Eva, no que havia de comum entre ele e ela. Deu-se então, a eleição de objeto chamada narcisista e já sabemos das relações nada simples entre amor e narcisismo já bastante explicitadas por Freud posteriormente. Adão jamais poderia confundir Eva com sua mãe. Mas, poderia confundí-la com Deus e aceitar ser dirigido por ela. Eva, enquanto sujeito parece ter logo demonstrado uma certa insatisfação com este estado de coisas e com seu jeitinho sedutor foi logo mudando graciosamente o curso da história.

* Psicanalista Membro do Departamento Científico Cultural do Centro de Estudos de Psicanálise de São José dos Campos - SP

No filme "A Guerra do Fogo" de Michael Gruskoff, cujo título eu mudaria para "Instauração do Amor no Homem Primitivo" a questão amorosa não difere muito da narrativa bíblica. É sempre a mulher que vai ao homem e em sua peculiaridade e diferença se apresenta mais desperta ao amor. A escolha masculina é sempre em um primeiro momento visivelmente narcísica. É a mulher que com seu jogo sedutor consegue transformar a escolha narcísica em escolha objetual. O amor aparece no exato momento em que o parceiro ocasional se torna necessário transformando aquele que poderia ser prescindível à categoria do imprescindível. Foi exatamente pelo sexual que o humano distinguiu-se do animal, deixando de apresentar uma resposta prévia biológica, subordinando-se de certa forma ao simbólico. O Amor é um presente dos Deuses e os Deuses sempre estão certos, mesmo quando erram. Não foi por acaso que a mulher surgiu na humanidade, ocupando um lugar de extrema originalidade. Plagiando um pouco Vinicius podemos dizer: "...as outras fêmeas que nos perdoem, mas a mulher é fundamental...", pelo menos na parceria amorosa adulta.

Qual o lugar do amor na Psicanálise? Freud humano e apaixonado nos deixa os mapas de sua exploração. Em seu percurso amoroso e sensual e autorizado por uma longa experiência clínica há muito se interrogava sobre a vida amorosa dos homens. Em fins do século passado tentando entender a histórica percebeu que talvez ela quisesse dizer alguma coisa com seu corpo. Alguma coisa que não conseguia dizer com palavras. E a histórica falou do sexo, do amor, do ódio e da culpa. Freud, sem querer, inaugurou o lugar da Psicanálise, que é na verdade o lugar de uma relação de amor. Nesta relação a libido refaz seus caminhos até a infância, trazendo à luz o que não pode se expressar. Nesta relação eles podem se apaixonar, odiar, até a possibilidade de uma relação de amor com o analista, que abre esta possibilidade para a vida do analisando. Freud revolucionou a compreensão da noção de sexualidade colocando o sexual no registro do pulsional, estabelecendo a idéia de uma impossibilidade de satisfação, só encontrada através da fantasia.

A energia de Eros (libido) faz referência a tudo o que pode sintetizar-se com amor, incluindo: amor a si

mesmo, aos pais, aos filhos, parceiros. À humanidade, ao saber e aos objetos abstratos. Nele convergem pulsões parciais de ternura, ciúme, inveja e desejos sexuais orientados para os mesmos objetos. O amor é apresentado como uma ampliação do conceito de sexualidade e ao mesmo tempo ancorado na inadequação radical dos objetos à satisfação sexual, vinculada a um fator de desprazer inerente à sexualidade humana.

O conceito freudiano de amor se assemelha ao de Platão que em seus diálogos nos esclarece lindamente que o amor pode ter muitas faces. Passa do plano das relações afetivas para o plano da relação afetivo-intelectual entre sujeitos e verdade. Há vinculação entre as diversas formas de amor e cumplicidade entre Logos e Eros. O sujeito do amor pode ser também o sujeito do conhecimento. Amare e pensar o amor também pode nos levar à liberdade. A fala da sublimação é fértil, criativa e incompatível com um narcisismo muito ortodoxo. É uma saída bem sucedida de canalização de desejo não satisfeito e sempre deixa marcas de sua passagem. É assim, que terminam as análises. O erotismo transferencial se transforma em ternura, em um bem-querer. A sublimação não é o caminho da felicidade mas pode se tornar uma aliada em favor da liberdade de cada um.

Incapaz de formular uma interpretação satisfatória para o que ouço no consultório e na vida, venho dando voltas em torno desse mal-estar. Muitas vezes o discurso amoroso (na teoria ou na clínica), soa como poesia. Ricas e variadas histórias marcam a singularidade e ao mesmo tempo remetem a uma certa universalidade: o humano sempre busca um lugar agradavelmente amoroso. Sempre sofre emocionalmente de amor. O reprimido não é o afeto. Reprimido é a idéia a que o desejo se associa. O afeto fica livre e dissociado de seu conteúdo, ligando-se a outros conteúdos formando os sintomas. E embora os mecanismos de defesa consigam criar uma coerência nisto tudo, são os afetos que nos dão as pistas mais significativas da "poética - tragédia - amorosa", que está se desenrolando.

É possível que o sujeito amoroso tenha se modificado, na medida em que mudam as normas, os costumes, a superfície dos comportamentos, os discursos

dominantes. Mas, o que parece estar sempre ameaçado é efetivamente o amor. Neste país de circunstâncias tão excepcionais, sentimos sempre o coração oprimido. Nossa sociedade predominantemente narcísica e perversa carece de amor. Amor, imaginário em sua essência já que atribui ao objeto algo que de fato este não possui. A condição de amor para os dois sexos, se inscreve no lugar exato onde não há relação sexual; surge no lugar do que seria uma relação sexual formalizada. Surge no lugar da relação sexual que não existe.

Nossa atividade analítica possibilita muitos Encontros, cuja entrada se dá pelo amor (transferência) e sempre acompanhado de pulsões parciais. Cada um desses Encontros é único e deve ser dirigido como se fosse o primeiro. Um certo estado virginal é necessário para um bem sucedido transcorrer amoroso e em cada encontro a história amorosa vai sendo gradualmente reescrita ou inventada. Nosso exercício profissional favorece muitos encontros de amor. A regra de abstinência se impõe como fundamental não só como condição de trabalho mas também como condição de associação livre. Como condição de amor (transferência).

O Édipo Freudiano coloca o amor como repetição: quando amamos não fazemos mais que repetir; encontrar o objeto é sempre reencontrá-lo e todo objeto de amor é substitutivo de algum objeto fundamental prévio à barreira do incesto. O caráter do amor como repetição também é encontrado em Três Ensaio sobre a Sexualidade (1905). O amor é olhado como repetição da satisfação primária.

Amor como Repetição ou Amor como Invenção? Toda a teoria do amor em Freud se dirige a mostrar o amor como repetição. Para Lacan a boa nova é que há possibilidade de novos amores possíveis. A vertente lacaniana parece mais original e pode ser fundamentada no acontecer clínico do nosso trabalho cotidiano. O amor não deixa de ser uma invenção, uma nova elaboração de saber. É um modo de dirigir-se ao (a), a partir do Outro do significante. O amor é esforço para dar nome próprio ao (a); encontrar o (a) no olhar de uma mulher e poder dar a isso um nome próprio, construindo a partir disso uma obra de linguagem. Lacan define o amor como aquilo que vem em suplência

da relação sexual. Na impossibilidade da relação sexual ligada ao Real, há uma reversão simbólica permitindo ao sujeito a ilusão fugidia de que ação sexual é possível. Na medida em que é momentânea, não consegue manter a certeza e se dá outra reversão imaginária que se revela como amor.

Quem é esse Outro do amor? Primeiramente encontramos o outro do amor com o (a) imaginário. Por outro lado está o Outro (com maiúscula) que tem duas faces: uma delas está ao lado do *Hilflosigkeit* (desamparo). É a face da necessidade do Outro que tem e portanto pode dar. Se trata de um Outro supostamente completo. A outra face é a *Abhängigkeit* (dependência), de um Outro que não tem. Este é propriamente o amor: o que concebe um Outro privado do que dá. Assim, o amor verdadeiro se apresenta em suas duas faces: a face do Outro que tem e a face mais genuína do Outro que não tem. O amor não é uma questão de Ter e sim de Ser. Essas duas faces do amor encontramos ilustrado no mito de Eros (Diálogos-Platão) cujo pai foram: Poros (ele que tem, rico, com recursos) e ela, Pênia (pobre, desvalida, miserável).

Em Lacan, o amor se traduz do lado do sujeito como a oposição entre os dois tipos de demanda: a demanda dirigida ao Outro (que tem) e a demanda de amor propriamente dita que se dirige ao Outro que não tem. Em ambas, o desejo é colocado em sua condição absoluta, exaltando o (a) como condição da busca de gozo. O Outro do amor se escreve: *A*. Sempre que existe amor podemos buscar *A*, que quer dizer o Outro barrado, ou dito de outro modo, privado do que dá.

Um exemplo clínico apresentado por Freud, fala que todas as mulheres convém ao homem, isto quer dizer que o significante da mulher não existe. Mas, se entendermos o *A* como referência do Amor podemos deduzir que é natural amar uma mulher encarnada em sua castração imaginária. Naturalmente lhe é próprio o Outro barrado, sendo a mulher um significante descomplicadamente favorável aos homens.

Em a Significação do Falo, Lacan nos faz ver que na mulher o Outro de seu amor se percebe mal, no sentido retroativo de substituí-lo pelo Ser do mesmo homem cujos atributos ama. No amor da mulher por um homem há sempre um Outro que tem. Mas para que seja realmente amor é necessário castrá-lo imaginariamente. Há secretamente um desdobramento

que faz deste homem que tem, um homem castrado. Sempre que há amor, é necessário haver uma castração. Na homossexualidade masculina sucede o mesmo. Para gozar de um homem é necessário que ele tenha. Mas quando se estabelece uma relação amorosa, podemos escutar na clínica uma castração imaginária do Outro. Isto no caso de haver amor. A Homossexualidade feminina se constitui do lado do Amor. A própria perversão da mulher se constitui do lado do Amor. É diferente da perversão do homem que se constitui ao lado do gozo e em detrimento do amor. Geralmente o amor é definido por uma relação entre o sujeito com sua falta de gozo e um objeto que constitui essa satisfação. Personalizar o objeto é dar mais importância ao objeto do que a pessoa e isto é o que pode ser encontrado no fetichismo. O amor desenvolvido necessita que esse objeto seja encontrado em uma pessoa: i (a); uma pessoa com seu caráter imaginário e não puramente objetual.

As estruturas clínicas são modos típicos de suplantar o *A* (desejo do Outro, ou de um Outro). A fobia, neurose obsessiva, histeria seriam Invenções Clínicas do sujeito. A Fobia institui um muro contra este abismo do grande Outro barrado. O Obsessivo arruma um modo de negar o desejo do Outro e inventar um grande Outro não barrado. A Histeria se coloca como sujeito da falta do Outro. Isto implica assumir-se como sujeito barrado. O *A* pode ser interpretado como vontade de gozo do Outro e não só como desejo deste Outro e permite apresentar o feitiço como um modo de formar um objeto encobridor. A Perversão pode ser vista como um modo de identificar-se com esse objeto. Na Psicose e Paranóia, o sujeito está sem defesa, só com seu delírio, a mercê da vontade do gozo do Outro.

No final da análise inventa-se um outro modo de responder ao *A*, um novo modo de amar. Há o descobrimento do *A* e conseqüentemente que não há Outro do Outro, não há Outro e isto dá lugar a uma Invenção. Pode-se dizer que há cura do amor como repetição. A transferência não desaparece; mas se transforma.

O grande Outro é igual para todos; o peculiar de cada um, a invenção de cada um está a nível de *a*. O objeto (*a*) é que particulariza, porque se coloca no lugar de uma suplementação. Onde há *A* surge a invenção. Não se trata de descobrir, no vazio nada há. Assim, no lugar de descobrir se deve inventar. Toda a teoria do amor em Freud se dirige a mostrar o amor como repetição. Para Lacan, a boa nova é que há possibilidade de novos amores possíveis. Assim, o persistente nostálgico pode dar lugar a linguagem interminável dos amores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Autor Desconhecido - Tristão e Isolda, Portugal, ed. Europa América Ltda.
2. Barthes, Roland - Fragmentos de Um Discurso Amoroso, R.J., Francisco Alves, 1977.
3. Coutinho, Jorge M.A. - Sexo e Discurso, R.J., J. Zahar Editor, 1988.
4. Dor, Joel - Introdução à Leitura de Lacan, Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
5. Eco, Umberto - "Sobre os Espelhos", in Sobre Os Espelhos e Outros Ensaios (col.), R.J., Nova Fronteira, 1985.
6. Freud, S. - Obras Completas, Edição Standard, R.J., Imago, 1969.
 - Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, 1905, Vol. VII.
 - Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, 1914, Vol. XIV.
 - Os Instintos e suas Vicissitudes, 1915, Vol. XIV.
 - Psicologia de Grupo e Análise do Ego, 1921, Vol. XVIII.
 - Contribuições à Psicologia do Amor II, 1912, Vol. XI.
7. Lacan, J. - O Seminário - Livro 1, R.J., Zahar, 1979.
 - O Seminário - Livro 2, R.J., Zahar, 1985.
 - O Seminário - Livro 11, R.J., Zahar, 1979.
8. Miller, J. Alain - Lógicas de la Vida Amorosa, Argentina, Edições Manantial SRL, 1991.
9. Platão - Diálogos, Editora Globo S.A.
10. Wisnik, José Miguel - "A Paixão Dionística em Tristão e Isolda" in O Desejo (Col.), S.P., Cia. das Letras, 1990

Desde o sintoma

MARIA CRISTINA PERDOMO *

Não há analista sem prática clínica. A prática é condição necessária para que alguém se constitua analista. Mas é igualmente necessário que possamos dar conta em termos teóricos dessa prática. A clínica pode e deve ser pensada metapsicologicamente.

Quando um analista opera o faz a partir de um posicionamento teórico que determina seus modos de intervenção.

Em um artigo anterior (1) fiz referência a isto em relação ao conceito de inconsciente com o qual um analista trabalha. Em psicanálise não há um conceito unívoco de inconsciente apesar de ser ponto indiscutível de partida. E isto opera, às claras ou nas sombras, sobre o destino de uma cura.

Foi famosa a consigna de "retorno à clínica". Entendo este retorno como um firmar posição perante um teorismo pretencioso e estéril. Mas um retorno à clínica não é uma clínica sem retorno, não significa o abandono da teorização rigorosa e fecunda. Não concebo em psicanálise uma clínica ingênua, uma clínica da intuição ou uma clínica baseada na "experiência às secas". Concebo sim uma clínica que possa fazer a "experiência de ser pensada" em uma tópica, em uma dinâmica e em uma econômica; uma clínica que transpire teoria, que permita as operações lógicas do "pensar sobre".

São muitos os analistas que silenciam que para eles clínica e teoria são compartimentos separados (para dizer o mínimo). Como contrapartida escutamos muitas vezes um pedido dos analistas iniciantes de "juntar clínica e teoria". Mais uma vez "os iniciantes" fazem o pedido dos sábios.

Uma clínica de supervisão deve fornecer andaimes com os quais se possa permitir construir uma elaboração analítica por parte daquele que está em posição de suporte da transferência. Descobrir, pelos nós da trama, os pontos que permitam pensar a clínica.

Pensar, desde este prisma, a questão do sintoma não deixa de ter suas conseqüências.

Em primeiro lugar nos deparamos com a relação entre sintoma e diagnóstico. O que é um diagnóstico em psicanálise?

Existe um corte diferencial e profundo entre as diferentes maneiras de entender esta questão segundo o adjetivo colocado após a palavra "diagnóstico": diagnóstico médico, diagnóstico psiquiátrico, diagnóstico psicológico, diagnóstico psicanalítico.

Desde a psicanálise a leitura clínica não pode passar pelas manifestações fenomênicas, não pode ater-se tão somente às emergências sintomáticas. Um sintoma

* Psicanalista e Professora do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo

não define uma estrutura desde o ponto de vista psicanalítico. Este torna-se engodo empírico perigoso. Focalizar o sintoma é certamente uma volta à focalização fenomênica do “quadro clínico”.

Considero a clínica freudiana como uma clínica estrutural. E então, é a estrutura que sustenta o fenômeno do sintoma. Esse fenômeno pode ser idêntico para estruturas taxativamente diferentes.

Dizer que uma clínica é estrutural é dizer da fundação do aparelho psíquico, da repressão originária, e pensar que o processo decorrente nos leva à construção de um fantasma como consequência da impossibilidade de encontrar o objeto originário, objeto para sempre perdido, falta fundante.

Falar de estruturas é também falar da constelação edípica como decorrente da metaforização dessa experiência originária.

Desde este ponto de vista o sintoma é corpo e fala, criado pela pulsão; é uma metáfora no mais amplo sentido. É um corpo, atravessado pela pulsão, que dá origem a uma escrita primária, a uma escrita em hieroglifo.

Freud parte do sintoma histérico como uma criação de sentido, como uma tentativa de articulação simbólica, como um modo de escrita particularíssimo e sobredeterminado.

Só pensando a articulação sintomática no simbólico podemos entender como é que é possível intervir sobre o sintoma através da “palavra” e tendo ela como único instrumento.

A fala é o nosso campo operativo, e talvez dizer “a fala” seja ainda demasiado abrangente. Diríamos melhor, a articulação de uma fala. E o sintoma é fala articulada a revelia do ego psicológico, é fala de um sujeito dirigida a um Outro, suposto ou atribuído, por efeito da transferência, ao outro analista.

O sintoma é motivo de procura de análise, talvez de demanda, e neste sentido pode ser pensado como um primeiro momento analítico. O ego se rende às evidências dos efeitos inconscientes. O sintoma nos interpela à maneira da esfinge.

O sentido do sintoma está afirmado desde Freud como o sentido do “sem sentido”, como a organização de uma rede de significações onde o aparelho psíquico

fica tomado pela metáfora do sintoma. É uma cadeia representacional que acorrenta o sujeito a algo que não é visível e que ao mesmo tempo determina sua identidade.

Freud teoriza o sintoma como defesa. Defesa em relação a que? Em relação aos conteúdos psíquicos provenientes da cadeia inconsciente, impulsionados pelo desejo, e que não podem irromper no processo secundário sem provocar uma profunda alteração no equilíbrio do aparelho. O sintoma é uma resultante, uma formação de compromisso entre dois sistemas psíquicos radicalmente diferentes.

O sintoma na teoria lacaniana também é defesa. É defesa perante a demanda totalizante do Outro. O processo de “imaginalização” da demanda permite responder com algo que não seja a totalidade do corpo, com algo que permita não se perder no Outro. A defesa, desde esta ótica, seria subjetivante.

Pensar este Outro como aquele do Desejo, teorizado por Freud no Capítulo VII da Interpretação dos Sonhos, como aquele que não cessa de deslizar na cadeia significante, que fica em posição excêntrica ao eu, como desejo por definição insatisfeito; é pensar o sintoma como ponto de ancoragem no deslizamento.

Apresenta-se como estrangeiro ao território egóico como aquilo que perturba, desarmônico. O ego defende-se, nos diz Freud, daquilo que possa desarticular as representações nele contidas. Aceita, ao preço da restrição sintomática, a presença do inconciliável. Por isso o ego suporta, e ao mesmo tempo porta o sintoma, significando o “sem sentido”. Porque existe o “sem sentido”, é que há possibilidade de significação.

Resiste a ser interpretado e não obstante, pede interpretação. Resiste a ser destituído do lugar de esfinge interpelante.

No sintoma as palavras são postas em uma articulação que segue as leis do processo primário. Mas ao mesmo tempo é dique ou barreira para o deslocamento ao adquirir uma cristalização sintomática.

Podemos dizer que assim como o sonho, ao figurar-se como elemento perceptual, é permeado pelo processo secundário, assim também o sintoma, ao “figurar-se” como escritura, torna-se energia ligada.

Nos Estudos sobre a Histeria, e tempos depois na Interpretação dos Sonhos, Freud trabalha esse

deslizamento do desejo à procura de uma fixação em uma representação preconsciente. O sintoma é o elo preconsciente no qual "enganchou" o deslocamento, o objeto metonímico sustentado pelo desejo.

As representações-palavra são elementos do sistema Preconsciente, mas ao mesmo tempo a linguagem articula o sintoma. A palavra torna-se aqui elemento atravessado pelo processo primário.

Este ângulo da escuta analítica está presente na análise do sintoma de Elizabeth nos derivados da palavra "stehen", ou na análise do Homem dos Ratos na decomposição da palavra "ratte". A linguagem, e seu desdobramento na ambiguidade da palavra, é tomada como eixo fundamental do trabalho analítico. A palavra "toma forma" no sintoma, é metáfora que repete e insiste.

Voltando ao Homem dos Ratos, Freud marca dois caminhos possíveis para acompanhar os avatares da fixação pulsional. Um, seguindo a linha das zonas erógenas, da regressão libidinal num corpo erotizado; outro, seguindo o recorte especialíssimo do jogo do significante, onde "ratte" desdobra-se, onde "ratte" adquire a função de um imperativo.

Não se trata, então, tão só de uma questão libidinal autoerótica, trata-se de um imperativo superegótico, de um pôr em jogo a função paterna.

Podemos tomar o sintoma como "signo" de uma doença, ou tomá-lo como "texto". Texto no mesmo

sentido em que Freud o diz em relação aos sonhos: texto sagrado, texto que está em relação com a verdade. E aqui é necessário remarcar o "em relação". A verdade só poderá ser rodeada, mas nunca alcançada em pleno. O umbigo dos sonhos é um nó que não se desfaz porque está ligado ao irrepresentável do desejo. Assim também o sintoma se choca com o mesmo umbigo. Faz-se necessário diferenciar a fantasmática do fantasma "fundamental" (J.A. Miller). O fantasma fundamental, tanto quanto o umbigo dos sonhos, é ponto limite de análise.

É neste sentido que nos topamos com a questão da repressão originária e a constituição do sujeito desejante tal como teorizado no Capítulo VII - Parte C - da Interpretação dos Sonhos.

É o que nunca poderá ser nomeado porque não tem nome e vaga à procura de um "corpo" que o represente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- (1) Perdomo, MC - Inconsciente e Linguagem - Pathos - Psicanálise Contemporânea (1990)
- (2) Freud, S. - Obras Completas Vol. II, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1980
- (3) Freud, S. - Obras Completas, Vol. V, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1979
- (4) Freud, S. - Obras Completas, Vol X, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1980

*Inconsciente e linguagem: O nome próprio na gradiva de Jensen**

VERA LÚCIA ANDRADE **

Para tratar do tema que me propus desenvolver - "Inconsciente e linguagem: o nome próprio na Gradiva, de Jensen" - e do que, obviamente, nele está implícito, ou seja, a relação entre Literatura e Psicanálise, o trecho abaixo, de Jean Bellemin-Noel, pareceu-me um bom começo.

"O apego que sentimos por um livro, pelo menos durante sua leitura, "absorve todas as faculdades da alma", como diria Pascal: é quase um ato de amor. Quer sintomas claramente ou não, os elos que se criam permitem uma ação nos dois sentidos: meu próprio inconsciente modifica minha visão do que leio e o que o livro delineia na penumbra alimenta em mim sonhos que adquirem uma cor inesperada. A leitura não constitui, na verdade, um tratamento; mas pode-se pensar que no tratamento o analista incita-me e ajuda-me silenciosamente a ler o texto que minha confiança escreve no divã e dedica a nós dois."(1)

Ao traçar um paralelo entre o ato de leitura e a ação do analista (leia-se psicanalista), delineando, ao mesmo tempo, semelhanças e diferenças entre eles, um ponto aí se destaca como primordial: o material com que ambos, leitor e analista, lidam é, antes de mais nada, um texto. Esse texto, ficcional ou real, escrito em livro ou no divã, é sempre uma construção, uma representação de um sujeito que se encena, deixando-se povoar por suas fantasias e fantasmas, por vozes que nele falam e dizem muito mais do que ele próprio sabe:

"O poema sabe mais do que o poeta"(2), nos diz ainda Bellemin-Noel.

Lugar privilegiado do desejo, esse "texto do Humano", lacunar por sua própria natureza, exige daquele que se dispõe a lê-lo uma visão e uma escuta muito especiais, atentas a detalhes e nuances que se multiplicam numa cadeia infinita, jamais apreendida em sua totalidade. Enquanto produto e produção do desejo nele deslizam significantes que demandam outros significantes, em busca de significados, os quais, uma vez encontrados, serão habitados por novos significantes, reveladores de uma ausência, de uma falta, impossível de ser preenchida.

Por isso, a tarefa do leitor desse "texto do Humano" - quer se trate do crítico literário ou do analista - é um trabalho de reconstrução que se assemelha muito à escavação, feita por um arqueólogo, de uma morada que foi destruída e soterrada, ou de algum antigo edifício (3).

* Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, realizado em Porto Alegre, junho de 1988

** Professora de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG, Coorden. do Curso de Pós-graduação em Letras FALE/UFMG.

"Os dois processos são de fato idênticos, exceto pelo fato de que o analista trabalha em melhores condições do que o arqueólogo, e tem mais material à sua disposição para ajudá-lo, já que aquilo com que está tratando não é algo destruído, mas algo que ainda está vivo" (4).

Essas são palavras de Freud em seu artigo de 1937, "Construções em análise", em que se vale da comparação entre o trabalho do analista e o do arqueólogo para descrever o procedimento característico do processo analítico: o analista extrai suas inferências a partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito em análise. Agindo desta maneira, ao buscar a história primitiva do objeto psíquico, acaba por perceber que "todos os elementos essenciais estão preservados; mesmo coisas que parecem completamente esquecidas estão presentes de alguma maneira e em algum lugar, e simplesmente foram enterradas e tornadas inacessíveis ao indivíduo." (5)

Inacessíveis à consciência do indivíduo, mas, nem por isso, irrecuperáveis.

Ao compararmos, por outro lado, o trabalho do psicanalista com o do crítico literário, perceberemos também aí semelhanças e diferenças. A diferença fundamental é óbvia: o analista tem em mãos, à sua disposição, um "texto vivo" - o paciente - sujeito falante e falado, uma vez que não é dono do seu discurso, enquanto que o crítico literário lida, em princípio, com um "texto morto", porque escrito. Mas se a escrita é morte, a leitura é vida, cabendo pois ao leitor o importante papel de dar vida ao texto.

Ese o texto revive, renasce a cada leitura, é porque nele há algo que pulsa, que demanda, que exige de seu leitor, sobretudo do leitor crítico, esse trabalho arqueológico de escavação. A essa instância pulsante é que denominamos de inconsciente do texto (6), com sua lógica própria, seus mecanismos e técnicas que se assemelham e equivalem aos procedimentos e mecanismos, constitutivos das formações psíquicas do inconsciente humano. Afinal, estamos no domínio da linguagem e o inconsciente, como nos diz Lacan, "é estruturado como uma linguagem (...), não uma linguagem no sentido em que isso significaria ser um

discurso (...) mas estruturado como uma linguagem. É nesse sentido, que se pode dizer que é uma variedade fenomenal, e a mais reveladora, das relações do homem com o domínio da linguagem". (7)

É a esse inconsciente do texto que objetivamos chegar com a nossa leitura de *Gradiva* (8), a partir do estudo do nome próprio, visto sob o aspecto da tradução. Tradução aqui deverá ser entendida como passagem de um código a outro, de um registro a outro registro. Assim é que podemos ler a transformação, a transposição que se opera do registro inconsciente para o registro do consciente como um processo de tradução, em que o recalque desempenha um papel importantíssimo.

Aquilo que um dia foi recalcado, soterrado, para usar ainda a metáfora arqueológica, tende a voltar. Seu retorno se dá sempre de uma forma distorcida, deformada: o recalque provoca um defeito de tradução e assim pode ser lido.

É esse processo que procuraremos explicitar, trabalhando com o nome das personagens centrais do texto de Jensen-Norbert Hanold, a personagem masculina, e *Gradiva*, a personagem feminina, cujo nome verdadeiro é Zoé Bertgang.

Para isso, partiremos deste último nome e da significação que lhe é dada pela etimologia. "Zoé", em grego, significa "vida", enquanto "Bertgang", em alemão, é um nome composto em que a raiz alemã, 'bert' ou 'brecht' corresponde ao inglês 'bright' (brilho); do mesmo modo, 'gang' corresponde a 'go' (na Escócia, 'gang'), (ir andar) (10). Bertgang, pois, é "a que brilha ao andar".

Na trama da narrativa em questão, Zoé Bertgang é a amiga de infância de Norbert Hanold, cuja lembrança havia sido apagada de sua memória, e que será despertada, sem que disso ele tenha consciência, através do baixo-relevo que o atrai em uma de suas viagens a Itália - uma escultura de uma jovem com um andar muito gracioso e peculiar. Ao chegar à Alemanha, Norbert Hanold encontra uma cópia dessa escultura, adquire-a e coloca-a em sua mesa de escritório.

A posição vertical e peculiar do pé da jovem é um detalhe significativo e excepcional pelo efeito que

provoca em Norbert que experimenta, então, o que Freud denominou de "unheimlich", o sentimento da inquietante estranheza, enquanto aponta para aquilo que é, ao mesmo tempo, familiar e estranho.

A posição do pé, mais especialmente o andar da jovem, representada no baixo-relevo, revela-se assim como o traço que abre o espaço de lisibilidade do texto, e que, tomado ao pé da letra, determina a partida de Norbert para Pompéia, decidido a aí encontrar a sua marca. Marca em seu duplo sentido, enquanto pegada e inscrição. É importante lembrar que Norbert é um jovem arqueólogo e que "o sexo feminino não existia até aqui para ele, a não ser nas espécies do bronze ou do mármore, e ele nunca tinha dado a menor atenção a suas representantes contemporâneas". (GR., p. 26).

Quanto ao nome de Norbert Hanold, a etimologia também nos fornece dados interessantes e permite-nos fazer a primeira ligação entre as duas personagens. Norbert, como Bertgang, também traz em seu nome o significado de "luz", "brilho" ("bert"), mas sob forma negativa, através da partícula "nor", que, em inglês, serve para dar sentido negativo ao que lhe segue. Assim, já pelo nome, Norbert é aquele que não tem luz e, por extensão, aquele que não tem vida. Se atentarmos para o seu outro nome, Hanold, aí encontraremos um novo significado que ganhará sentido na trama da narrativa - "old", que significa "velho" em inglês. Norbert Hanold é um arqueólogo, por tradição familiar ("tinha sido destinado a conservar, e se possível aumentar, o lustro do nome de seu pai, seguindo o mesmo caminho (...). GR., p. 23). Enquanto arqueólogo, é aquele que lida com o que não tem mais vida, com o que foi sepultado, enfim, com a morte.

Uma vez examinados esses dados fornecidos pela etimologia dos nomes e confirmados pela sua significação na trama da narrativa, passemos ao nome Gradiva, que nos indicará o caminho para nossas conclusões.

Gradiva, na verdade, é o nome que Norbert dá à jovem representada no baixo-relevo:

"Para designar a escultura, lhe tinha dado o nome, para si mesmo, de Gradiva, aquela que avança (grifo meu). Esse prenome, que os poetas antigos reservam para Mars Gradivus, para o deus da guerra quem vai à

batalha, parecia a Norbert, entretanto, o mais característico do movimento da jovem, ou, empregando uma expressão contemporânea, da jovem dama(....) (GR, p. 12-13).

O nome próprio da personagem Gradiva nasce, pois, de seu significado etimológico - a que anda. Diríamos melhor, renasce enquanto retorno do que havia sido recalcado pelo inconsciente de Norbert, que se fechara para a vida e para o amor, e retorna de forma distorcida - deslocada e condensada. Assim, é que a companheira querida de infância, Zoé Bertgang - aquela que, por seu nome, é a que tem vida e brilha ao andar - renasce em gradiva, "a que anda", que é sua tradução inconsciente, através da qual Norbert elimina aquilo que ele não queria ver - a vida. Tradução defeituosa, pelo efeito do recalque, ou melhor dizendo, tradução faltosa.

Gradiva, é assim, nessa obra, o significante maior que fornece o suporte para os outros significados. É o significante que estabelece a cadeia dos outros significantes do texto, que precisam ser conectados para que daí surja algum significado.

Dessa forma, o nome próprio Gradiva, enquanto tradução defeituosa, faltosa, estabelece o elo entre Norbert e Zoé Bertgang. É, simultaneamente, deslocamento de Zoé Bertgang, revelador do recalque de Norbert, e condensação de Zoé e Norbert, o qual, através de "Gradiva", recupera o objeto perdido, faltoso. Trata-se de uma recuperação inconsciente, camuflada, em virtude da inscrição mnésica, cujo traço jamais se apaga (NR), e que, uma vez tornada consciente, permite a Norbert abrir-se para a vida.

No último parágrafo do livro há ainda uma passagem que merece nossa atenção. Nela podemos ler:

"Um sorriso alegre e entendido passou pelos lábios da companheira, e apanhando frouxamente o vestido com a mão esquerda, Gradiva-Rediviva-Zoé Bertgang, envolvida pelos olhares sonhadores de Norbert Hanold, no seu andar macio e tranqüilo, em pleno sol, sobre as lajes, passou para o outro da rua" (GR., p. 102).

Nessa passagem, um novo nome é acrescentado à personagem, que aqui parece como Rediviva -

NR.Quanto à noção de traço mnésico e do funcionamento do aparelho psíquico no que diz respeito à memória, ver: "Uma nota sobre o bloco mágico". In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de S. Freud: Rio de Janeiro, Imago, vol. XIX, p. 233.

"Gradiva-Rediviva-Zoé Bertgang". Esse acréscimo só vem confirmar a condensação que sublinhamos acima entre Zoé e Norbert, pois nessa obra o verdadeiro redivivo é Norbert Hanold que, antes de (re)conhecer Zoé, apresenta-se como um vivo-morto, imagem espelhada da morta-viva Gradiva, "fantasma do meio-dia", que povoa os sonhos de Norbert e persegue-o em seus delírios.

O nome próprio Gradiva, nessa obra de Jensen, enquanto tradução faltosa, é, portanto, a marca da traição do inconsciente.

NOTAS

1. BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo Cultrix, 198-, p. 20.
2. Idem, p. 13
3. A esse respeito, ver: FREUD, S. "Construções em Análise In: Edição Standard Brasileira. Obras completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, vol. p. 289-30-.
4. Idem, p. 29-.
5. Idem, p. 29-.
6. Ver: BELLEMIN-NOEL, Jean - *Vers l'inconscient du texte* - PUF, 1979
7. LACAN, Jacques. *O Seminário "As Psicoses"*, - livro 3. Zahar Editor, p. 191-192.
8. JENSEN, Wilhelm. *Gradiva - uma fantasia iana*. de Ângela MELIM. Rio de Janeiro, , 1987. referências a esse texto serão feitas e a abreviatura GR., seguida do número da página.
9. A respeito disso, ver: MAHONY, Patrick "Vers une comprehension de la traduction en Psicanalyse", in *Moscovici y Rey, Marie e Jean - Michel (org.) - "L'écrit du temps - la decision de traduire: l'exemple Freud"* - Les Ed. de Minuit (7), éte 1984, p. 41 - 42.
10. Cf. FREUD, "Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen". Edição Standard Brasileira das obras completas de S. Freud. Rio de Janeiro - vol. VIII, 45 (nota de rodapé).
11. Quanto à noção de traço mnésico e do funcionamento do aparelho psíquico no que diz respeito à memória, ver: Freud. "Uma nota sobre o bloco mágico". In Edição Standart brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud - Rio de Janeiro, Imago, Vol. XIX, p. 233

Algumas contribuições das Artes para a Psicanálise

SOLANGE SILVA BARBOSA *

A frequência com que tenho me deparado com o tema das artes em trabalhos psicanalíticos e a divisão existente entre o trabalho de tratamento psicanalítico e a psicanálise dita aplicada levou-me a pensar esta questão.

Freud sempre reconheceu que as artes podiam colaborar com o desenvolvimento da psicanálise. A Standard Edition apresenta uma relação de vinte e dois trabalhos de Freud que tratam de arte, literatura ou teoria da estética. Também é reconhecido que os escritores anteciparam intuitivamente muitos fenômenos psicológicos que a psicanálise em seguida fundamentou cientificamente. Segundo A. Green (1990): "A arte, a literatura, a mitologia, a história e a pré-história, o estudo das religiões e de modo mais geral a antropologia podem fornecer rico fermento às concepções psicanalíticas. A obra freudiana é testemunho vivo disto."

O exemplo mais conhecido da história da psicanálise em que a literatura, de forma muito clara, contribuiu para os estudos psicanalíticos é o mito de Édipo de Sófocles. Freud considerou o complexo de Édipo como uma das principais descobertas da Psicanálise, e o uso que fez do mito lhe permitiu entrar em contato com aspectos nucleares da personalidade.

Freud diz sobre o Édipo Rei: "Existe uma indicação inegável no texto da própria tragédia de Sófocles de que a lenda brotou de algum material onírico primitivo que tinha como seu conteúdo a aflitiva perturbação da

relação de uma criança com seus pais, devido aos primeiros estímulos da sexualidade." E mais diante: "Enquanto o poeta, à medida que desenreda o passado, traz à luz a culpa de Édipo, ele está, ao mesmo tempo, compelindo-nos a reconhecer nossas próprias mentes internas, nas quais aqueles mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados."

Em "Escritores Criativos e Devaneios" (1907) Freud os estuda e conclui que o escritor cria um mundo de fantasia ou devaneio relacionado ao desejo inconsciente insatisfeito, investido de uma grande quantidade de emoção; mantém uma separação nítida entre este mundo de fantasia e a realidade, e através da linguagem poética libera prazer de fontes psíquicas mais profundas. E a satisfação que uma obra literária oferece ao leitor procede de uma liberação de tensões somatopsíquicas.

A descoberta freudiana de fantasia inconsciente e de simbolismo deu uma nova perspectiva e uma nova profundidade para a compreensão da suprema expressão da fantasia que é a arte. Inúmeros estudos psicanalíticos sobre o processo criativo nas artes mostram que o artista entra em contato com aspectos profundos e universais da mente humana, que estimulam sentimentos poderosos e que não podem ser descritos em termos comuns. Assim, ele cria

* Psicanalista pelo Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo

símbolos, isto é, formas em que a realidade interna possa ser expressada. Para que este processo ocorra, é necessário uma capacidade especial para elaborar e expressar seus conflitos internos, o que envolve um trabalho psíquico inconsciente e consciente para encontrar um novo sentido simbólico para suas emoções pré-verbais. A capacidade de simbolizar e sublimar implica uma capacidade de lidar com a posição depressiva. Isto é, envolve um processo contínuo de relação com os objetos internos, incluindo as vicissitudes de ataque e reparação, onde as pulsões libidinais devem predominar sobre as destrutivas, uma certa renúncia da relação de fusão com os objetos primários e a percepção das realidades interna e externa. Enfim, um trabalho psíquico doloroso para entrar em contato com sentimentos verdadeiros e se expressar de forma musical, visual ou verbal.

O resultado do processo criativo é geralmente comparado a uma criança que foi gerada. E segundo Meltzer (1988), toda função criadora considerada artística ou científica tem suas raízes na criatividade dos objetos internos, desde que estes tenham permissão para retirarem-se para sua "câmara nupcial" (lugar do intercuro criativo - coração do mistério, onde o significado é gerado), renovar sua combinação, e criar novos sentidos que ampliam a visão de realidade.

R. Gori e M. Thaon em seu artigo "Pour une critique littéraire psychanalytique" (1979) realizam um estudo da criação literária e apresentam uma visão winnicottiana do processo criativo. Winnicott coloca a obra de arte no espaço potencial, de forma que ela tem um status de objeto transicional, área de jogo e ilusão entre o ego e o objeto. O espaço potencial, como um lugar central metafórico, passa a existir na relação entre o escritor e o leitor, dentro do qual é constituído um campo de ilusão - habitado pela fantasia inconsciente não representável. Os autores sintetizam da seguinte maneira: "A obra literária ocupa uma posição intermediária entre o espaço narcísico e o espaço objetual, o que a designa como SÍMBOLO que reúne os diferentes fragmentos da realidade externa e da realidade interna, do princípio de prazer e princípio de realidade, da verdade do inconsciente indizível e o espaço figurativo e negociável do código cultural."

A compreensão psicanalítica do processo de

simbolização esclarece a diferença entre o artista criativo e o não criativo. O primeiro é aquele capaz de criar uma verdadeira obra de arte, isto é, seu trabalho é reconhecidamente um símbolo original, e como tal, promove uma experiência estética no observador. Este se identifica com o artista e entra em contato com suas próprias emoções pré-verbais, o que lhe proporciona novas representações, novos sentidos e mobiliza o seu pensar. Este trabalho psíquico do observador, que pode não ocorrer devido às suas resistências, é uma situação distinta da relação de entretenimento puro ou prazer sensorial diante de um trabalho de arte.

Meltzer em seu artigo "A Arquitetura da Pornografia" (1973) diferencia os mecanismos que tornam a representação bem sucedida da paixão em arte (possibilidade de "pensar" no sentido Bioniano) e a representação distorcida em pornografia. Esclarece que o artista pornográfico recusa-se a aceitar a ausência do objeto, intrometendo-se na privacidade deste através de modos sensuais (voyerismo intrusivo) e transforma a experiência interna ou externa numa expressão visual (elemento beta e Coluna 2 da Grade de Bion). Um sistema delirante, originado pelo mal uso do aparelho perceptual, cria um mundo de objetos irreais para provar que este vale tanto quanto o mundo da natureza. E quando isto ocorre os impulsos voyerísticos servem como mecanismo para enfrentar a solidão. Assim diferencia a origem "criativa" e a origem "voyerística" dos objetos apresentados para a apreensão estética. O autor conclui o artigo alertando sobre a motivação comercial que pode ter um efeito corruptor no artista.

É interessante observar que, por trajetórias ou campos de estudos diferentes, chega-se a conclusões semelhantes. Comparem a seguinte citação da escritora Marguerite Yourcenar com as idéias psicanalíticas aqui apresentadas: (1980) "Todo escritor é útil ou nocivo, um dos dois. É nocivo se escreve coisas inúteis, se deforma ou falsifica (mesmo inconscientemente) para obter um efeito ou um escândalo; se se conforma sem convicção a opiniões nas quais não acredita. É útil se acrescenta à lucidez do leitor, livra-o da timidez ou preconceitos, faz com que veja e sinta o que esse leitor não teria visto nem sentido sem ele. Se meus livros são lidos e se atingem uma pessoa, uma única, e lhe trazem uma ajuda qualquer, ainda que por um momento, considero-me útil."

As artes fornecem modelos úteis para a psicanálise. Inúmeros exemplos podem ser citados: iniciando com Freud, seu conceito de narcisismo foi formulado a partir de sua análise do trabalho de Leonardo da Vinci; estudos psicanalíticos das artes esclarecem como os símbolos são formados; os textos literários, poéticos e míticos apresentam configurações do inconsciente que ilustram nossas observações clínicas; etc.

Rudyard J. Kipling (1865-1936) é considerado um dos escritores que apresenta em seu trabalho uma das visões mais profunda da mente humana. Ele descreve, em verso e prosa, o hediondo vazio que ameaça o ser humano e as tentativas de se defender deste vazio através da doença; conta a estória do homem que morreu devido a um terror sem nome; desenha o mapa do país-do-sonho; assim como faz outros percursos por processos psicológicos.

Somente para ilustrar:

A stone's throw out on either hand
From that well-ordered road we tread,
And all the world is wild and strange...
(Epigraph to 'The House of Suddhoo') - R. Kipling

Muito perto da outra mão
Daquela rua bem-organizada que nós andamos,
E todo o mundo é selvagem e estranho...
(tradução livre da autora)

THE ELEPHANT'S CHILD - R. KIPLING (1902)

I keep six honest serving-men
(They taught me all I Knew),
Their names are What and Why and When
And How and Where and Who.

I send them over land and sea,
I send them east and west,
But after they have worked for me,
I give them all a rest.

I let them rest from nine till five,
For I am busy then,
As well as breakfast, lunch, and tea,
For they are hungry men;
But different folk have different views,

I know a person small -
She keeps ten million serving-men,
Who get no rest at all!
She sends' em abroad on her own affairs,
From the second she opens her eyes -
One million Hows, two million Wheres,
And seven million Whys!

Eu mantenho seis honestos serviçais
(Eles me ensinaram tudo o que eu sei)
Seus nomes são 'O que' e 'Porque' e 'Quando'
E 'Como' e 'Onde' e 'Quem'.

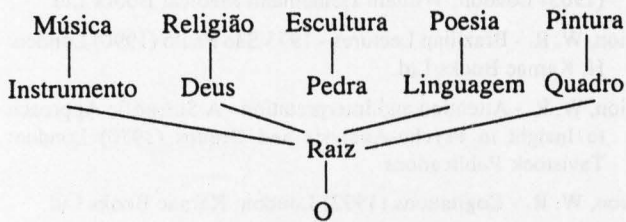
Eu os envio por terra e mar,
Eu os envio para o leste e para o oeste,
Mas depois que eles trabalharam para mim,
Eu dou a todos eles um descanso.

Eu os deixo descansar das nove até às cinco,
Porque eu estou ocupado também,
Também lhes dou desjejum, almoço, e chá,
Porque eles são homens famintos;
Mas diferentes povos tem diferentes visões,
Eu conheço uma pessoa pequena -
Ela mantém dez milhões de serviçais,
Que não tem descanso de todo!
Ela os envia para fora do país em suas próprias
ocupações,
No instante que ela abre seus olhos -
Um milhão de 'Como', dois milhões de 'Onde',
E sete milhões de 'Porque'!

(Tradução livre da autora)

Bion é um psicanalista que recorre aos modelos artísticos e místico-religioso para desenvolver sua teoria. Em seu livro "Transformations" (1965), ele faz uma analogia entre a atividade do psicanalista e a do pintor. Define o trabalho do psicanalista como uma transformação de uma realização (a experiência analítica com o paciente) em uma interpretação. Da mesma forma o pintor criativo transforma uma realização (a experiência, por exemplo, de uma paisagem) em uma representação (quadro). E ambos por sua arte acrescentam experiência emocional a seu público.

Em seu livro “Cogitations” (1962) Bion apresenta o seguinte esquema:



O símbolo “O”, denominado por Bion “Realidade última”, refere-se à realidade incognoscível. “O”, como um estímulo estético, causa no observador uma pequena e inefável experiência interna, que deve ser trazida para a linguagem lógica e de realidade. A esta experiência Bion se refere como “aprender da experiência” promovida por “O”, que pode promover mudanças estruturais, o que é diferente de acrescentar informações.

A Teoria do Pensamento de Bion divide a vida mental em áreas simbólicas e não simbólicas (elementos alfa e beta) e coloca sua ênfase na mente como instrumento para pensar sobre as experiências emocionais. Como ele diz (1973): “Sentimentos intensos explodem a linguagem e a linguagem passa a ser utilizada para despojar a vida das emoções mais poderosas.” Em outras palavras, a formulação verbal pode não ser capaz de “conter” as emoções.

Bion tinha grande interesse pela linguagem poética, sempre fazia referência a poetas, chegando a fazer uma coletânea de poesias para psicanalistas, que não foi publicada. Ele se expressava usando uma linguagem rica de imagens, símbolos e metáforas, a até mesmo escreveu uma novela de três partes, “Memória do Futuro”, como um exercício estético para ilustrar sua visão da mente em uma linguagem literária. Ele acreditava que o modelo poético permite que se expresse num grau de verdade quando a investigação é dirigida para o fenômeno protomental (área não simbólica da mente), que o pensamento lógico não está apto a alcançar.

A linguagem poética expressa experiências profundas, estados mentais arcaicos, que não tem relação direta com a realidade consciente. E Bion usa a linguagem poética e mítica para dimensionar o inefável (“O”),

que não pode ser transformado em palavras. Ele toma o termo “capacidade negativa” do poeta Keats para propor a sua Linguagem de Realização. A “capacidade negativa” é a habilidade de tolerar incertezas, mistérios e dúvidas para alcançar depois conhecimento, qualidade que Shakespeare possuía em alto grau, ou que qualquer outro clássico possui ao sobreviver sobre séculos. A Linguagem de Realização depende desta capacidade negativa e tem por objetivo não limitar o significado, onde na metáfora as palavras se convertem em continentes para as idéias que se colocam nela e assim as idéias crescem em sofisticação e se ampliam. Como diz Fenollosa (1936), a metáfora é o emprego de imagens materiais para sugerir relações imateriais.

O pensamento subjetivo, ligado às primeiras experiências mentais do self, tem relação com o pensamento onírico, e este com o pensamento poético. Segundo Bion, o pensamento subjetivo deve encontrar representação simbólica para tornar-se disponível para o pensamento onírico, e depois ser transformado em linguagem verbal (ou outras formas simbólicas como nas artes) e ser elaborado através de processos de pensamento mais sofisticado, assim sendo integrado ao discurso lógico racional. Se não for possível a representação simbólica, o acúmulo de estímulos no aparelho mental leva à descarga através de ação impensada, sintomas psicossomáticos ou alucinação. Desta forma Bion coloca o pensamento criativo no processo onírico inconsciente e no pensamento inconsciente da vigília e recoloca o sonho no lugar em que Freud originalmente colocou, isto é, o sonho como a relação entre a vida psíquica inconsciente e sua conversão em linguagem.

Freud (1916) diz o seguinte: “No caso da elaboração onírica, trata-se claramente da questão de transformar os pensamentos latentes, que são expressos em palavras, em imagens sensoriais, a maioria na forma de imagens visuais. Ora, nossos pensamentos originalmente surgiram de imagens sensoriais desta espécie: seu primeiro material e seus estádios preliminares foram impressões dos sentidos, ou, mais propriamente, imagens mnêmicas dessas impressões. Somente mais tarde as palavras foram vinculadas a essas impressões e as palavras, por sua vez, vincularam-se a pensamentos.” E mais adiante: “... a elaboração

onífrica executa uma versão dos pensamentos onífricos segundo um modo de expressão primitivo, semelhante à escrita pictográfica.”

Se pensarmos que o trabalho analítico, inextricavelmente ligado ao trabalho inconsciente do analisando, pretende dar forma ao pensamento subjetivo, pensamento que emerge do self; no momento em que este ocorre está muito mais próximo do pensamento poético do que do pensamento lógico. É a grande dificuldade do analista é comunicar em termos objetivos o que o processo analítico é experienciado em termos subjetivos. A psicanálise chega, através das limitações da comunicação, ao limite da possibilidade em descrever estas vivências emocionais rodeadas de mistério, devido à discrepância entre o que podemos intuitivamente compreender e o que podemos expressar. Neste momento é que o psicanalista se aproxima do artista em seu trabalho criativo, e é também neste momento que a linguagem poética e literária pode auxiliar o analista a trazer para o âmbito da comunicação experiências primitivas inomináveis, favorecendo uma comunicação mais sensível, mais empática e mais estética.

Segundo Meltzer (1988), no interjogo de prazer e dor, produzido pela ligação ambivalente de amor e ódio, em que a questão da compreensão (ligação K de Bion) salva a relação de impasse. Este é o ponto em que a capacidade negativa exerce sua função, onde a Beleza e a Verdade se encontram.

Através da experiência estética as artes e a psicanálise se encontram. Segundo Kant, a intuição estética é a expressão sensível do mundo inteligível, a concretização do universal, a encarnação da idéia, uma espécie de participação do espírito na Beleza e na Verdade. E para Bion, nossa mente precisa da verdade na mesma medida em que nosso corpo precisa de alimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Bion, W. R. - Transformations - Change From Learning to Growth (1965) London: William Heinemann Medical Books Ltd.
- Bion, W. R. - Brazilian Lectures - 1973 São Paulo (1990) London: H. Karnac Books Ltd.
- Bion, W. R. - Attention and Interpretation - A Scientific Approach to Insight in Psycho-Analysis and Groups (1970) London: Tavistock Publications
- Bion, W. R. - Cogitations (1992) London: Karnac Books Ltd.
- Chasseguet-Smirgel, J. - Creation in the Work of Art and its Framework (1992) Free Associations - Vol. 3, Part I (No. 25): 51-70
- Fenollosa, E. - The Chinese Written Character as a Medium for Poetry (1936) London: Stanley Nott
- Freud, S. - A Interpretação de Sonhos - Standard Edition - Vol V (1900) - Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. (1969)
- Freud, S. - Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - S. E. Vol. XV (1916) - Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. (1969)
- Freud, S. - Escritores Criativos e Devaneio - S. E. Vol. IX (1907) - Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. (1969)
- Green, A. - O Complexo de Castração (1990) - Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. (1991)
- Grunberger, B. e outros - La Sublimation - Les Sentiers de la Création (1979) Paris: Tchou Éditeur
- Kipling, R. J. - The Day's Work (1898) - London: Penguin Books (1990)
- Meltzer, D. and Williams, M. H. - The Apprehension of Beauty: The Role of Aesthetic Conflict in Development, Art and Violence (1988) London: The Clunie Press for The Roland H. Trust
- Meltzer, D. - Estados Sexuais da Mente (1973) Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. (1979)
- Milner, M. - On not Being Able to Paint (1957) New York: International Universities Press (1967)
- Padovani, U. e Castagnola, L. - História da Filosofia (1954) São Paulo - Editora Melhoramentos (1990)
- Segal, H. - Dream, Phantasy and Art (1991) London: Tavistock and Routledge
- Yourcenar, M. - De Olhos Abertos (1980) Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

*Dream, phantasy and art**

RESENHA *

SOLANGE SILVA BARBOSA **

Hanna Segal, reconhecida como importante colaboradora da psicanálise com tradição Kleiniana, neste livro "Dream, Phantasy and Art" apresenta uma visão atualizada de seus trabalhos anteriores sobre pensamento psicótico, simbolismo e criação artística, estabelecendo uma relação com os trabalhos de Freud, Klein e Bion.

O livro se inicia com um prefácio de Betty Joseph. O primeiro capítulo introduz o leitor à teoria dos sonhos de Freud e à sua discussão sobre sonhos que será concluída no quinto capítulo.

No segundo capítulo realiza um estudo comparativo do conceito de fantasia inconsciente entre a visão de Freud e a visão da teoria Kleiniana. Por exemplo nesta citação: "Todas atividades de fantasia pertencem ao Ego, e algumas, das diferenças na visão de fantasia principalmente depende de diferentes visões do Ego primitivo. Na visão de Klein, desde o início da vida há Ego suficientemente estruturado para experienciar ansiedade, para formar algumas relações objetais em realidade e em fantasia, e para usar defesas primitivas. Diferentemente de Freud, ela não mantém a visão de que fantasias somente podem ser formadas quando a criança já desenvolveu uma capacidade para o pensamento lógico."

O conceito de fantasia inconsciente, na visão de M.Klein, é básico para toda a atividade mental e

emocional. E neste capítulo, a autora estabelece relação entre a evolução e as mudanças que ocorrem na vida de fantasia através do teste de realidade, e os conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade de Freud e o movimento da posição esquizoparanóide para a posição depressiva.

O terceiro capítulo é dedicado ao estudo do simbolismo, através da visão de Freud, de E. Jones em seu trabalho "The Theory of Symbolism" (1916), de M. Klein e de seu próprio trabalho "Notes on Symbol Formation" (1957). Diferencia dois tipos de formação simbólica, a "equação simbólica" e a "representação simbólica", que em suas palavras é o seguinte: "Na equação simbólica, o substituto do símbolo é sentido SER o objeto original. As propriedades próprias do substituto do símbolo não são reconhecidas ou admitidas. A equação simbólica é usada para negar a ausência do objeto ideal, ou para controlar um objeto persecutório. Isto pertence à estágios primitivos de desenvolvimento. O símbolo propriamente dito, disponível para sublimação e desenvolvimento posterior do Ego, é sentido REPRESENTAR o objeto; suas próprias características são reconhecidas, respeitadas e usadas.

* HANNA SEGAL Editora TAVISTOCK/ROUTLEDGE, 1991. No Brasil: Sonho, Fantasia e Arte - Ed. Imago, R.J., 1993

** Psicanalista pelo Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Isto surge quando sentimentos depressivos predominam sobre os sentimentos esquizoparanóides, quando separação do objeto, ambivalência, culpa, e perda podem ser experienciados e tolerados. O símbolo é usado *não* para negar mas para superar a perda. Quando o mecanismo de identificação é usado como uma defesa contra ansiedades depressivas, símbolos já formados e funcionando como símbolos devem reverter para a equação simbólica.”

Conclui o capítulo discutindo as conseqüências destes dois tipos de formação simbólica na comunicação e pensamento verbal, desde que toda comunicação é feita através de símbolos.

No quarto capítulo trata do espaço mental e elementos de simbolismo relacionando com a Teoria do Pensamento de Bion. O pensamento para Bion, assim como o simbolismo para Segal estão ligados à capacidade para reconhecer e experienciar ausência do objeto, isto é, somente quando a criança pode reconhecer a ausência do objeto (seio) é que ela pode pensar ou simbolizar.

R. Britton ampliou o conceito de continente e contido de Bion para incluir a relação com o pai, o que é apresentado e examinado pela autora: “Eu penso que o espaço triangular é também como o espaço para um novo bebê. Este não é “saturado” pelas projeções mútuas entre a mãe e a criança. Como um espaço mental novo, não saturado, permite o nascimento de pensamentos novos: dois pensamentos podem se ligar como os pais no intercurso para produzir um terceiro pensamento novo.” E conclui o capítulo afirmando que estes conceitos são importantes para a compreensão dos processos mentais envolvidos na formação de fantasia e pensamento onírico e o mal funcionamento do aparelho mental.

No quinto capítulo, “O Sonho e o Ego”, ela sintetiza os conceitos desenvolvidos nos capítulos anteriores, demonstrando como a função do sonho esclarece o funcionamento do Ego. Aqui podemos ver a integração que a autora faz da teoria bioniana. Diferencia o sonho neurótico ou normal onde o Ego realiza o trabalho psíquico de elaboração e simbolização dos pensamentos latentes do sonho, onde os sonhos são representações pictóricas da fantasia. E o sonho onde o trabalho onírico é parcialmente ou completamente falho devido

a uma formação simbólica pobre e presença de pensamento concreto. Isto é, no psicótico, a impossibilidade de simbolização impede o trabalho psíquico do ego, e o sonho passa a ter a função de se livrar de conteúdos psíquicos, são alucinações durante o sono, e na situação analítica serve predominantemente não para comunicação, mas para atuação (acting out). Através da apresentação de casos clínicos ela esclarece estes aspectos do funcionamento psicótico e propõe que o analista observe a função que o sonho exerce na sessão.

Nos capítulos seis e sete Segal realiza um estudo sobre artes, apresentando e discutindo as contribuições de Freud para a compreensão da criação artística.

Descreve como o artista representa, em seu trabalho de arte, assim como através do sonho, o processo contínuo da relação com seus objetos internos, incluindo as vicissitudes de ataque e reparação, em que toda atividade reparativa contém um elemento simbólico. H. Segal relaciona o impulso criativo à posição depressiva: capacidade para simbolizar, percepção de realidades interna e externa e habilidade para suportar eventual separação e perda; assinalando que excessivas defesas contra sentimentos depressivos pode inibir a criatividade artística e refletir na qualidade do trabalho de arte. Assim, diferencia o artista capaz de criar uma verdadeira obra de arte, onde a experiência estética envolve um trabalho psíquico do observador, onde este se identifica com o artista e pode entrar em contato com sentimentos mais profundos que ele não é capaz de fazê-lo por si mesmo.

No último capítulo, intitulado “Imaginação, brincadeira e arte” considera as semelhanças, diferenças e interconexões entre devaneio, brincadeira, arte e pensamento criativo.

A autora consegue realizar a difícil tarefa de integrar conceitos de diferentes teorias com sua experiência clínica para desenvolver o tema proposto neste livro. Por exemplo, o uso que faz dos conceitos bionianos, quando relaciona objetos bizarros, que não podem ser integrados, somente aglomerados, e sua idéia de que esta aglomeração está na raiz da fobia de multidão. Assim, como torna seu livro enriquecedor na medida em que discute aspectos teóricos e estabelece correlações com a apresentação de material clínico.

III. A busca de um sentido na engenharia

III - ARTIGOS

Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a importância da formação em psicanálise para a prática clínica e a atuação profissional. A psicanálise é uma ferramenta essencial para compreender o ser humano em sua complexidade, permitindo a identificação de padrões de comportamento e a promoção de mudanças positivas.

Constitui-se, portanto, um elemento fundamental no processo de formação do profissional de saúde mental. Através da análise dos casos clínicos e da reflexão teórica, o profissional desenvolve habilidades essenciais para lidar com a diversidade humana e promover o bem-estar dos pacientes.

Portanto, a formação em psicanálise é um processo contínuo e essencial para a atuação profissional. Ela permite que o profissional desenvolva uma abordagem mais profunda e humanizada para o cuidado, considerando as dimensões psicológicas e emocionais do paciente. A psicanálise oferece um arcabouço teórico e técnico que é fundamental para a prática clínica e a promoção da saúde mental.

Além disso, a formação em psicanálise contribui para o desenvolvimento de habilidades de escuta ativa e empatia, essenciais para estabelecer uma relação terapêutica sólida. O profissional aprende a lidar com a ambiguidade e a incerteza inerentes ao processo terapêutico, desenvolvendo uma postura ética e responsável. A psicanálise também oferece ferramentas para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que influenciam o indivíduo, permitindo uma abordagem mais contextualizada e integrada.

Em suma, a formação em psicanálise é um processo essencial para a atuação profissional em saúde mental. Ela proporciona ao profissional uma compreensão mais profunda do ser humano, desenvolvendo habilidades técnicas e éticas fundamentais para a prática clínica. A psicanálise é uma ferramenta poderosa para promover a saúde mental e o bem-estar dos pacientes, sendo, portanto, um elemento indispensável na formação do profissional de saúde mental.

Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a importância da formação em psicanálise para a prática clínica e a atuação profissional. A psicanálise é uma ferramenta essencial para compreender o ser humano em sua complexidade, permitindo a identificação de padrões de comportamento e a promoção de mudanças positivas. Constitui-se, portanto, um elemento fundamental no processo de formação do profissional de saúde mental. Através da análise dos casos clínicos e da reflexão teórica, o profissional desenvolve habilidades essenciais para lidar com a diversidade humana e promover o bem-estar dos pacientes.

Portanto, a formação em psicanálise é um processo contínuo e essencial para a atuação profissional. Ela permite que o profissional desenvolva uma abordagem mais profunda e humanizada para o cuidado, considerando as dimensões psicológicas e emocionais do paciente. A psicanálise oferece um arcabouço teórico e técnico que é fundamental para a prática clínica e a promoção da saúde mental. Além disso, a formação em psicanálise contribui para o desenvolvimento de habilidades de escuta ativa e empatia, essenciais para estabelecer uma relação terapêutica sólida. O profissional aprende a lidar com a ambiguidade e a incerteza inerentes ao processo terapêutico, desenvolvendo uma postura ética e responsável. A psicanálise também oferece ferramentas para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que influenciam o indivíduo, permitindo uma abordagem mais contextualizada e integrada.

Em suma, a formação em psicanálise é um processo essencial para a atuação profissional em saúde mental. Ela proporciona ao profissional uma compreensão mais profunda do ser humano, desenvolvendo habilidades técnicas e éticas fundamentais para a prática clínica. A psicanálise é uma ferramenta poderosa para promover a saúde mental e o bem-estar dos pacientes, sendo, portanto, um elemento indispensável na formação do profissional de saúde mental.

Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a importância da formação em psicanálise para a prática clínica e a atuação profissional. A psicanálise é uma ferramenta essencial para compreender o ser humano em sua complexidade, permitindo a identificação de padrões de comportamento e a promoção de mudanças positivas. Constitui-se, portanto, um elemento fundamental no processo de formação do profissional de saúde mental. Através da análise dos casos clínicos e da reflexão teórica, o profissional desenvolve habilidades essenciais para lidar com a diversidade humana e promover o bem-estar dos pacientes.

*O inconsciente em jogo: A busca de um sentido na análise**

IGNÁCIO GERBER **

Há algo, um todo indiferenciado, nascido antes do Céu e da Terra. Não tem forma concreta, só imagens abstratas. É profundo, escuro, silencioso, indefinido; não ouvimos sua voz.

Sua ação é infinita... sua imagem mal preenche nossa palma.

WEN-TSU - Compreendendo os Mistérios.

1. AS PARTES DO INDIVISÍVEL

Matte-Blanco propõe o homem e seu mundo como constituídos por dois modos de ser antinômicos: o modo de ser assimétrico e o modo de ser simétrico.

O modo assimétrico atem-se à lógica clássica, aristotélica, predominante na nossa lógica usual consciente, ou naquilo que podemos apreender através dela. Ele está solidamente ancorado no espaço-tempo, ou seja, na tetra-dimensionalidade (três dimensões espaciais e uma temporal) que determina nossos limites de apreensão imaginária, de visualização de eventos. Isto determina uma relação metafórica entre espaço externo e espaço interno: pensamos em função dessa tri-dimensionalidade espacial que podemos visualizar imaginativamente. Também ordenamos temporalmente os pensamentos num fluxo narrativo onde os acontecimentos obedecem a uma sequência linear.

O mundo assimétrico é analítico, dividido em partes que se relacionam segundo uma lógica conhecida.

Já o modo de ser simétrico refere-se a uma outra lógica, onde não vigora o princípio de contradição e como consequência não há ordenação de tempo ou

espaço nem relação entre partes distintas.

O mundo simétrico é sintético: nele estamos imersos na totalidade indivisível, desconhecida, além do nosso pensar habitual. Matte-Blanco sugere a possibilidade do inconsciente simétrico ser fruto de uma lógica multi-dimensional que escapa dos nossos limites tri-dimensionais.

A lógica explicaria esse modo de ser simétrico é regida por dois princípios: o princípio de simetria e o princípio da generalização.

Pelo princípio de simetria o sistema inconsciente trata o inverso de qualquer relação como idêntico à relação. Assim, se João é pai de Pedro e Pedro filho de João, para esta lógica João é também filho de Pedro, Pedro é pai de João e todas as relações possíveis são válidas sem contradição. Da mesma maneira se o evento A antecede o evento B, também B antecede A, excluindo-se assim sequências temporais.

O princípio de generalização, que a rigor está contido no princípio de simetria, é assim formulado por Matte-Blanco:

** Psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

* Trabalho apresentado na SBPSP, em 26-08-1993.

26 ago 1993

1993 08 26

O sistema inconsciente trata a coisa individual (pessoa, objeto, conceito) como se fora um membro ou elemento de um conjunto ou classe que contém outros membros; trata essa classe como sub-classe de uma classe mais geral e esta como sub-classe de outra ainda mais geral e assim por diante.

Na procura de classes cada vez mais amplas o sistema Inconsciente dá preferência a funções proposicionais que por um lado representam generalidade crescente e por outro preservam a individualidade da coisa de origem.

(The Unconscious as Infinite Sets - U.I.S. - pg. 38)

Função proposital é a característica que identifica uma classe ou conjunto e determina a equivalência de seus elementos. Como veremos mais adiante, pelo princípio de generalização - a parte é igual ao todo vice-versa. Assim, uma mulher pode ser pensada emocionalmente - e é na direção das emoções que esta lógica aponta - como a totalidade das mulheres, a "mulhericidade", a feminilidade, a maternidade e inversamente, essas qualidades de intensidade infinita podem ser individualizadas numa única mulher.

Acredito que pensar deslocamento e condensação em termos de classes pode facilitar sua apreensão. Assim, no caso do pequeno Hans, o cavalo não seria apenas um deslocamento do pai, mas ambos estão inseridos na mesma classe de seres grandes, temidos, amados e perigosos e sua equivalência nesses conjuntos contextuais torna-se identidade.

O modo simétrico regido pelos princípios de simetria e generalização, não é perceptível diretamente ao nosso consciente pois é radicalmente irredutível ao pensar deste. Assim sendo, a simetria é analítica à assimetria, revelando-se nos seus atos falhos, sonhos, sintomas, silêncios.

Os modos de ser simétrico e assimétrico e suas respectivas lógicas não existem isoladamente, em estado puro. Assim, Consciente e Inconsciente não coincidem com assimetria e simetria, mas são constituídos por diferentes proporções desses modos de ser formando uma bi-lógica, uma bi-modalidade. O consciente com predominância de assimetria e o inconsciente com predominância de simetria. Assim, lógicas irreconciliáveis vão constituir o sistema

consciente-inconsciente como um contínuo inseparável, o que justificaria a asserção de que "o inconsciente não existe".

Vemos assim que Matte-Blanco investiga uma lógica que possa dar conta da criação genial de Freud: um outro modo de ser intuído a partir das características do processo inconsciente postulados na "Interpretação dos Sonhos".

Ausência de Contradição

Deslocamento

Condensação

Ausência de temporalidade

Substituição da realidade externa pela psíquica

O problema não é novo. Ao longo de toda a história do pensamento esta antinomia de modos de ser sempre esteve presente sob as mais diversas oposições de nomes: divisível-indivisível, descontínuo-contínuo, técnico-artístico, profano-sagrado, racional-emocional, limitado-ilimitado, conhecido-desconhecido, finito-infinito.

Cada par citado tem sentidos específicos em contextos particulares mas todos eles podem revelar equivalências como elementos de classes mais amplas sempre antinômicas.

No limite - ainda anterior à totalização numa classe única - teríamos a oposição entre a classe daquilo que controlamos e a classe daquilo cujo controle nos escapa.

O infinito é o ponto de encontro da ciência e da arte.

(U.I.S. - pg 392)

O inconsciente como conjuntos infinitos, nome do primeiro livro de Matte-Blanco, exprime sua tentativa de abarcar o infinito inapreensível por uma aproximação matemática: os conjuntos infinitos.

Voltemos no tempo para retomar alguns momentos pontuais do processo histórico ininterrupto em que as postulações criadoras acerca das transgressões ao senso comum se fizeram significativamente, através de *paradoxos* - aquilo que foge ao controle de nossa lógica habitual, na busca do infinito. Como disse Pascal:

Esses espaços infinitos que me assombam.

Zeon de Eleia propõe o paradoxo da flexa. Trata ele da divisibilidade do movimento contínuo da flexa pelo arco em momentos puntiformes de não-movimento. Algo como o congelamento de imagens quadro a quadro de uma sequência cinematográfica. A redução paradoxal do cinético ao estático. Uma tentativa de captar o contínuo ou o infinito como um número "infinitamente" grande de elementos pontuais - uma linha imaginada como um número infinito de pontos.

Milênios após Galileu assim propõe seu paradoxo dos quadrados: se colocarmos lado a lado a série dos números inteiros, 1, 2, 3, 4, ... e a série dos quadrados dos números inteiros que constituem inegavelmente uma parcela menor, uma parte própria do conjunto de números inteiros, teremos:

1	1
2	4
3	9
4	16
.	.
.	.
.	.

Ora a cada número inteiro da primeira série corresponderá sempre, numa relação bi-unívoca, um outro número da série dos quadrados. Portanto a série dos quadrados tem, simultaneamente, o mesmo número de elementos (mesma cardinalidade) e apenas uma parte dos elementos da série de números inteiros. Isto aponta para o infinito.

Pouco após a morte de Galileu, Spinoza, em sua carta dirigida ao seu interlocutor Lodevijik Meijer, conhecida como "*Carta sobre o infinito*", recoloca a questão:

A questão do infinito sempre pareceu difícil para todos, até mesmo inextricável porque não distinguiram entre aquilo que é infinito por sua natureza, ou pela força de sua definição, e aquilo que não tem fim, não pela força de sua essência, mas pela sua causa. E também porque não distinguiram entre aquilo que é dito infinito porque não tem fim e aquilo cujas partes, embora conheçamos o máximo e o mínimo, não podem ser explicadas ou representadas apenas por um número. Enfim, porque não distinguiram entre aquilo

que só pode ser inteligido, mas não imaginado e aquilo que também podemos imaginar. Se tivessem prestado atenção nisso, jamais teriam sido esmagados ao peso de tantas dificuldades. Com efeito, teriam claramente compreendido qual infinito não se divide em partes (ou que não tem partes) e qual, ao contrário, pode ser dividido em partes sem contradição. Também teriam compreendido qual infinito pode ser concebido como maior do que outro sem qualquer contradição, e qual não pode ser concebido assim."

É dentro dessa tradição de perplexidade que se inserem Freud e tantos outros (e um pouco de todos nós). Paradoxal tradição daqueles que rompem com o que estabelece o senso comum (o *establishment*) e ousam admitir o desconhecido. Os místicos, como bem denominou-os e assumiu-se o aparentemente racionalista Bion das *Cogitations*.

A revelação genial de Freud com a declaração do inconsciente é sincrônica à revolução da matemática moderna que tem como precursora a obra póstuma de Bolzano "*Os paradoxos do infinito*" (1851). Ela vai passar pelos "*Conjuntos infinitos*" de Cantor, pelas "*Investigações Lógicas*" de Frege, pela "*Estrutura lógica do mundo*" de Carnap, por Russel e chegar aos contemporâneos por outras tantas vias.

Vale notar que os desenvolvimentos de Freud e dos matemáticos se fizeram independentes, não havendo registro de conhecerem o trabalho do outro.

Na sua aproximação particular ao infinito, Matte-Blanco utiliza a definição de Dedekind para conjuntos infinitos. Ela remete a Galileu e pode ser assim formulada:

Um conjunto é definido como infinito quando e somente quando uma parte própria do mesmo tem a mesma cardinalidade que seu todo.

Na sua demonstração Dedekind contrapõe a série de números inteiros, n , a série de números pares, $2n$:

1	2
2	4
3	6
4	8
.	.
.	.
.	.

A série de números pares tem, simultaneamente, a metade e a totalidade dos elementos da série de números inteiros. Conclui-se que são séries infinitas. Ou seja, nos conjuntos infinitos a parte representa o todo e vice-versa. Pelos caminhos do infinito chegamos à metonímia, à metáfora, ao deslocamento, condensação, aos misteriosos territórios inconscientes, alheios à contradição e ao paradoxo.

O inconsciente não conhece indivíduos mas somente classes ou funções proposicionais que definem a classe.

(U.I.S. - pg 139)

A classe que para o modo simétrico de ser é um todo indivisível, para o modo assimétrico de ser é um conjunto infinito formado por elementos discretos.

(U.I.S -pg 130)

Pensando ainda em termos de classes, podemos situar o consciente e o finito na classe mais ampla do conhecido e o inconsciente e infinito na classe do desconhecido.

Uma citação de Cantor exprime posições comuns: *A essência da matemática radica na sua completa liberdade.*

Freud certamente concordaria que *A essência da psicanálise radica na sua completa liberdade.*

2. ESTILO, TENDÊNCIA IRRESISTÍVEL

Seria possível imaginar uma classe que reunisse todos esses místicos disruptores? E qual seria sua função proposicional? Um estilo? Proponho duas maneiras particulares de definir um estilo:

1. O estilo de um ser, definido como a intersecção das inumeráveis classes onde ele se insere. No meu caso, como exemplo, a sobreposição espacial de classes tão gerais ou específicas como a classe dos homens, dos brasileiros, dos caçulas, dos pais, dos psicanalistas, dos músicos, dos taoístas, dos marinheiros, etc. etc.
2. O estilo de ser definido como produto da proporção pessoal de simetria-assimetria. Talvez essa qualidade seja quase tão estruturante quanto a divisão primordial a todas as classes humanas: feminino-masculino.

Estaremos simplificando, pois cada estilo é dinâmico e mutante apesar de uma poderosa inércia, mas poderíamos falar da classe de seres voltados para o desconhecido, o infinito que lhes escapa e da classe dos seres voltados para o que já conhecem, o finito que podem controlar.

Não atribuímos nenhuma escala de mérito a esses dois estilos básicos.

Ambos se completam na aventura humana. Assim como Yin-Yang, não há melhor ou pior; é o seu equilíbrio que determina as tendências que Matte-Blanco, por exemplo, denominou *vitalis* e *não vitalis*.

Diríamos então que estilo vital é aquele cujas proporções internas permitem reconhecer e aceitar melhor a diferença, o outro estilo e somar com ele. Estilo não vital é o que se sente ameaçado pela diferença, por outro estilo; divide e tenta destruí-lo no outro e em si mesmo.

Penso que é disso que Bion nos fala em sua linguagem tão pessoal e tão calcada no pensamento (assim chamado) oriental - a busca do O.

Para cada psicanalista o estilo é produtor e produto de sua concepção, síntese pessoal, de *Inconsciente*.

Dito de outra maneira, o estilo determina a eleição das suas teorias, doutrinas, escolas. Talvez a cisão primeva entre Freud e Jung se devesse a uma diferença de estilos: diferentes proporções de simetria e assimetria na constituição do imaginário-simbólico de cada um.

Propondo ainda outra definição:

Estilo é o que se manifesta em nós 'sem esforço'.

Mas o que quero dizer com *sem esforço*? Me dou conta, nessa exato momento, que esse escrito me demanda dedicação, tempo, trabalho mas absolutamente nenhum esforço.

Krishnamurti, um dos pensadores mais radicalmente livres de e em si mesmo, nos diz em um ensaio denominado "*O esforço*":

Ser inocente é estar livre da carga da experiência. A memória é o que corrompe e não o experimentar mesmo (...) o esforço para chegar a ser destrói a inocência - e sem inocência como pode haver sabedoria?

Reunirei quatro conceitos diferentemente propostos de modo a formarem uma classe com uma função proposicional comum. Qual é essa função, não está ainda claro para mim e exatamente por isso penso que a visão conjunta dessas proposições possa talvez iluminá-las:

1. *Atenção livremente suspensa* - Freud.
2. *Sem memória, sem desejo* - Bion.
3. *Não procuro, acho* - Picasso, Lacan.
4. *Sem esforço* - Krishnamurti.

Com sua *atenção flutuante* Freud postulou uma escuta não seletiva da fala do outro, um ouvido sem pressupostos pessoais, preparado dentro dos limites possíveis de sua análise pessoal a compartilhar sem preconceitos.

Sem memória, sem desejo é praticamente textual do *Tao-Te-King* de *Lao-Tse*, respeitados os problemas de transcrição do chinês ideogramático. É um conceito fundamental em Bion e sua inserção na classe acima talvez nos ajude a compreendê-lo. Não esqueçamos jamais que Bion nasceu e viveu seus primeiros oito anos na Índia, criado e impregnado nessa cultura por sua aia hindu.

Não procuro, acho. Pensada como elemento da classe acima essa frase perde qualquer possível conotação de arrogância. Bem ao contrário, ela é uma confissão humilde de quem se deixa encontrar pelos eventos; ainda que partindo de Picasso ou retomada por Lacan. O que nós acharmos não será certamente o mesmo que eles, mas será uma criação nossa, um produto, desapegado, de nosso estilo.

É também um paradoxo esse estilo, que só reconhecemos ao dele nos desapegarmos.

Sobre o *sem esforço* já citamos Krishnamurti e podemos agora até resignificá-lo.

Isso tudo me leva a algumas questões referentes à nossa prática.

Quando Bion fala em *paciência* penso que isso nada tem a ver com o controle disciplinado da impaciência. Imagino um outro estado de ser, exercido sem qualquer esforço, propiciado por *um ato de fé* ainda na acepção provável de Bion.

É comum atribuir-se em nosso meio um mérito especial à capacidade do analista de tolerar o silêncio do analisando e o seu próprio. Penso que, olhando para o analista, essa convivência com o silêncio só ganha sentido se for consumada sem esforço. Se ela cobrar algum esforço - nosso próprio sintoma - estaremos ensurdecidos por um ruído estrondosamente mudo, o qual sugiro seja rompido. São nuances sutis no trato da nossa (contra)-transferência.

Lembro-me de uma "master-class" de Antonio Carlos Menezes, excepcional cellista. A toda uma sucessão de talentosos instrumentistas alguns consumados solistas outros ainda principiantes procurou ele transmitir, acompanhando a movimentação gestual, o princípio fundamental de tocar sem esforço. Nada falou sobre questões técnicas ou interpretativas mas o efeito musical na execução dos participantes foi imediatamente audível.

Outra questão: Será viável para um analista assumir a *sem memória, sem desejo*, a não seletividade da atenção flutuante, o desapego de compreender (controlar?) apenas dentro do consultório, limitá-lo a uma disciplina no *setting* sem que essa atitude já tenha se originado e permeado antes toda uma postura de desapego no mundo? Desapego de compreender, de curar, de favores e desfavores?

CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA

Meu estilo é uma tendência *irresistível* que se manifesta na sessão e me surpreende. Uma maneira de ver coisas que cria aquilo que eu vejo e determina minhas respostas. Tudo em constante mutação.

A *construção compartilhada* é certamente uma consequência atual de meu estilo. Não é uma nova proposta mas, como tantas outras, tenta recuperar propostas originais de Freud emprestando-lhes uma ênfase particular. Falarei de alguns aspectos onde essa ênfase pessoal se revela na minha prática:

Ouçoo muito antes de falar. Quando ouço pareço perceber relações na fala do analisando. Ele me conta várias situações diferentes: sonhos, acontecimentos, projetos, devaneios etc., e estruturas comuns vão se desvelando. Podemos pensá-las como metáforas:

A compreensão de metáforas impõe implicitamente a extração de relações gerais a partir de um exemplo particular e a sub-seqüente realização de que essas mesmas relações gerais se aplicam a outros casos particulares."

(U.I.S. - pg.405)

Em certas ocasiões, mais raras, essas relações parecem se completar num sentido totalizante possível de ser transmitido ao analisando em forma narrativa direta e objetiva.

Outras vezes, elas me sugerem uma parábola, uma história metafórica que capte e retransmita um sentido mais aberto.

Sem metáforas a possibilidade de expressão de fenômenos psíquicos praticamente desaparece.

(U.I.S. - pg.405)

Outras vezes ainda, estruturas são captadas sem completar-se num sentido mais claro. Posso então dividir com o outro esta apreensão, mesmo incompleta, das criações sempre emocionais de sua fala, e esperar pela elaboração dele. Vamos assim trocando informações e construindo juntos um sentido que nos envolve.

Dividindo com ele os dados estético-expressivos de sua fala espero que seu "inconsciente" faça sua parte. Vou acompanhando o momento, tantas vezes sem entender. Talvez venhamos a entender depois. Faço intervenções não conclusivas, não intencionalmente interpretativas, embora sabendo que não temos controle amplo sobre o poder mutativo daquilo que falamos.

As colocações de Isaías Melsohn, Matte-Blanco, Bion, entre outras, parecem aguçar minha intuição na captação e organização dos dados dessa trama expressiva, matemático-evocativa, multi-lógica.

A familiaridade com certa lógica matemática e musical também contribui para essa captação intuitiva, estético-emocional. São elementos de uma mesma matriz. Não se trata de ficar "ligado" caçando relações mas deixar-se encontrar por elas. Como dito acima, *não procuro, acho*. Disse Fernando Pessoa: *Descobrir a América, que disparate! Terras não se descobrem, se encontram*.

As informações podem chegar ao analisando na forma

explícita de uma fala ou de forma tácita pelo proceder. Quando possível procuro refazer para ele e para mim o caminho que percorri da sua fala à minha interpretação ou ao ponto a que cheguei. O analisando participa desse jogo do inconsciente, muito seriamente lúdico, num conluio cujo objetivo não é a ocultação, embora esse risco esteja sempre presente, já que a resistência não capitula tão facilmente.

Ganho aos poucos certa convicção de que esta construção compartilhada tem o sentido de uma *demolição consentida*. Apontar um suporte estrutural da fala é descentrar o sentido, abrir outras alternativas. Uma radical ruptura de campo, na feliz expressão de Fábio Hermann.

A ruptura é necessária, mas a participação do outro é vital, dá vida ao processo. É preciso observar a dinâmica do compartilhar e do romper. Num contexto matizado pela construção surgem os momentos do *Koan*. O Koan, a resposta ou não-resposta surpreende e cortante do mestre Zen da tradição taoísta é um precursor da interpretação psicanalítica, uma ruptura de campo.

O humor assume papel importante nessa conciliação do juntar e separar. Piadas são parábolas que reconstróem sentidos, funções proposicionais de classe na fala do analisando ou então, como o Koan, demolem essas funções, se abrindo para classes antes impensáveis. Veja-se a clássica tradição judaica de humor auto-interpretativo.

4. "SEJA UM HOMEM" - UMA SEQUÊNCIA CLÍNICA

Matte-Blanco descreve a emoção como sendo constituída de *dois diferentes conjuntos de fenômenos: sentir a sensação (sensation feeling) e pensar (thinking)*. Isto é, um primeiro momento fugaz de se fundir com a sensação (ser com o objeto) seguido imediatamente pelo estabelecimento de relações num pensar ainda carregado de simetria que é específico da emoção. *"Um trajeto que vai do desconhecido ao lugar comum"*.

A emoção é a mãe do pensar.

(U.I.S. - pg.303)

Coloca-se então a questão: Será que apontando-se para o suporte estrutural da emoção não se surpreenderá a própria matriz emocional?

Traçar o caminho inverso, partindo do estabelecimento de relações piores de assimetria em direção à emoção “puramente simétrica”. *Do di(vi)sível para o indi(vi)sível.*

Tentarei ilustrar alguns dos pontos abordados através de uma sequência clínica. Estando o caso em andamento as resignificações são diárias e por isso empresto a todas as minhas observações um caráter transitório, estando abertas para amplas reformulações.

Pela mesma razão, permiti-me, em prol do sigilo, a omissões e substituições incorrendo no risco de uma quebra de ritmo do texto mas esperando que as distorções resultantes não sejam tão significativas.

O Momento das Sessões

G. homem de 40 anos, após inumeráveis namoros rompidos, namora agora uma mulher que muito o atrai e diz que pela primeira vez pensa em casamento, ter filhos, mas ainda tem muitas dúvidas. Tem-se preocupado com a possibilidade da namorada engravidar.

Sua cunhada está grávida, ou seja, seu irmão pouco mais moço está em vias de tornar-se pai do primeiro neto dos seus pais.

Sessão 1

Conta-me dois sonhos:

No primeiro sonho está numa casa assombrada com uma ex-namorada. Ela diz que não tem medo. De frente-se com um espectro e reconhece nele um colega mais novo que trabalhou sob sua supervisão, com o qual mantinha boas relações. Lembra que os outros colegas se referiam a este como seu irmão mais novo.

No segundo sonho

ele guia um automóvel subindo uma ladeira em cujo piso estão espalhados cacos de vidro. Ele manobra com atenção para desviar deles.

Comenta o sonho: Parece-lhe que era a ladeira ao lado

do cemitério do Araçá e aí lembra que ele mesmo mora junto de uma ladeira, próximo à casa de seu irmão. Apesar da proximidade não vê seu irmão há tempo e se pergunta se isto tem a ver com a gravidez de sua cunhada. Diz que seu irmão está gordo e a partir de certa idade tornou-se mais corpulento que ele e refere-se a si mesmo como franzino.

Especula um tempo sobre o que quer dizer o sonho da ladeira do cemitério do Araçá, subitamente se corrige: “não, naquele trecho da ladeira o cemitério não é o Araçá mas sim o Cemitério da irmandade, e me explica que aquela área pertence a uma irmandade religiosa e daí o nome.”

Chamo sua atenção, repetindo com certa ênfase o nome que ele trouxe: “*cemitério da irmandade*”. Se surpreende e relaciona imediatamente com seu irmão, o espectro, a ladeira perigosa e outros detalhes.

A partir disso tramamos em conjunto uma interpretação possível que passa por aspectos tais como:

Cemitério da Irmandade, lugar onde se enterra a irmandade, agora pensada como uma relação de irmãos. Com ela seus fatores constitutivos entre os quais competição, precedência, inversão de posições, primogenitura, morte.

A morte nos dois sonhos talvez se referisse à morte dessa irmandade compreendida por ele como um modelo pre-determinado de relação ou poderíamos dizer, usando as sugestões de Matte-Blanco, de uma classe de relações definida por certas funções proposicionais do imaginário de G. Um modelo de relação que muda e com isso se extingue. As mudanças com seus ganhos e perdas são sinalizadas por ritos de passagem do tempo: casamento, paternidade etc.

Sessão 2 - um mês depois

Deita e conta-me um sonho que teve nessa noite:

“Andava pela rua e encontrei o Elder, colega de faculdade que em certa época abandonou a medicina por um rendoso cargo público. Pareceu-me que havia livros de medicina no banco do carro do Elder.

Depois entrei num banheiro imaculadamente branco e vazio. Não havia sinais que identificassem se era

masculino ou feminino; então entrei num cubículo para fazer xixi. Aí entrou no banheiro o Ederaldo um médico conhecido, mais experiente ele dirigiu-se a uma bacia na parede e urinou lá. Pensei então que o banheiro devia ser masculino."

A seguir está num prédio antigo e sólido nas proximidades do centro velho de São Paulo.

"Estava numa sala de consulta mas era estranho porque era uma consulta coletiva, talvez uma enfermaria de hospital. O meu chefe, o R. estava lá com outros colegas. A sala tinha lustres antigos com quebra-luzes e longos fios pendurados do teto. Metade deles estava acesa e metade apagada. Aí aparece o L. que é irmão de uma namorada que eu tive faz tempo. Ela está trabalhando num projeto de renovação de uma área do centro. Esse L. tem problemas de visão; são seqüelas de uma doença que teve em criança, mas agora ele casou e leva a vida. Pois é bem esse L. que é encarregado do conserto das luzes. Ele pede 100 dólares. Achei absurdo mas o R. sugeriu dividirmos a despesa e todos concordaram".

Associa com um conto de Alcântara Machado onde um cego comanda um protesto de passageiros pedindo o conserto das luzes apagadas num vagão de trem. Lembra ainda um outro colega, galã com as meninas, que perdeu um pé num acidente de trânsito. Lembra que ele tinha cabelos prematuramente brancos e que colocou uma prótese tornando-se depois dele mesmo, especialista em próteses ortopédicas.

Fala então sobre a possibilidade de se casar: "Eu mesmo ainda não acredito. Fico pensando no aumento dos meus gastos e como vou me organizar; talvez eu tivesse que interromper a análise."

A seguir, conta um outro sonho:

M. um colega mais velho está transando com A., uma bonita estagiária que ele vem curtindo. Parece brincar de médico e usavam um produto chamado "nojol".

Relaciona com Nujol um lubrificante mineral antigo e associa com nojo na acepção de luto. Descreve M. como pequeno, bonito, cabelos brancos, e conta que ganhou dele na disputa por uma promoção. Comenta que sente prazer com seus primeiros fios brancos. Lembra agora que A. terminou seu estágio na véspera

e se despediu dele sem maiores efusões. De noite teve fantasias eróticas com ela.

Prossegue associando: "Ontem teve uma reunião no hospital. Os médicos mais jovens reivindicavam redução de plantões mas deixei claro que não vou abrir mão de minhas prerrogativas de mais antigo que me dispensam de plantões." Recorda os tempos de faculdade como um período ruim. Não se orgulha dela, ao contrário de seus colegas.

Recebeu recentemente referências elogiosas do seu chefe. Sente-se mais reconhecido. Recebeu também convite para trabalhar numa boa posição no hospital A. Einstein.

(Quando me conta isso me lembro que na sessão da véspera me contava que não fora reconhecido por um funcionário da portaria do Sírío, mas ao me contar falou "portaria do Einstein" e depois se corrigiu. Nessa mesma sessão falou-me de seu encontro com um velho médico arrogante e orgulhoso de seu nome tradicional; esse médico não teria reconhecido o nome, também tradicional, de G. Ao fim dessa sessão eu assinalei a relação entre nossas posições analista-analisando, meu nome judeu imigrante e o seu nome tradicional, as posições e o preconceito).

Assinalo então que vários momentos dos sonhos sinalizam para a passagem do tempo, as marcas do passado, a renovação. O que (ou quem) vem antes e o que (ou quem) vem depois.

Ele concorda mas diz que não tinha pensado nisso mas sim na questão do seu reconhecimento.

Aceito esse outro eixo e sugiro pensarmos ambos os temas como um *reconhecimento*, um conhecimento revisto. Um conhecimento que se altera pelo próprio reconhecimento da passagem do tempo.

A construção compartilhada dessa interpretação possível nos leva a desdobramentos como o desapego a títulos pessoais representados pelo nome tradicional, títulos nobiliárquicos, faculdade nobre. A perda de posições estabelecidas e defendidas (Bezetungen, diria Freud) sentidas como perdas de status. Entre elas o status de analisando ("neurótico"?) ameaçado pela possibilidade de se igualar a mim ou me ultrapassar invertendo as posições - ele tornar-se o analista. Veja-

se o cego que proporciona a visão, o manco que proporciona o andar, talvez eu mesmo. A incorporação do trabalho analítico com a passagem do tempo: o anseio e o temor pelo fim da análise.

Esse analisando oferece uma enorme gama de possibilidades interpretativas, algumas mais gerais, outras mais específicas. Tenho dado preferência a eixos mais amplos, mais desligados de teorias específicas, cabendo neles diversos desdobramentos, sínteses teóricas posteriores. Assim, a passagem do tempo ou o tempo como referência aparecem em Elder, mais velho em inglês, tantas vezes associado a elder brother, irmão mais velho. Daí para Ederaldo o médico mais experiente que urina no lugar dos homens enquanto ele usa o das crianças que ainda não alcançam o outro, e que é também o lugar onde urinam as mulheres, o cubículo.

O tempo insiste nos ambientes envelhecidos, na renovação, as sequelas infantis, sua superação, a apropriação dos traumas, o casamento e os filhos como ritos de passagem. Brincar de médico, brincar de papai-mamãe etc. etc.

O outro amplo eixo do reconhecimento é retomado por ele da sessão anterior cujos efeitos permanecem atuantes nele (e em mim), ligando-se à imagem pessoal, os títulos conforme reconhecidos pelo Outro ao longo de várias vivências particulares. Títulos de Nobreza, de conhecimento, de primogenitura, de dependência. Poderíamos resumi-los como *preconceitos de classe*.

Se repensarmos estes eixos com auxílio do conceito matemático de classes ou conjuntos fica mais fácil imaginar G. identificando-se com a classe dos mais velhos ou a classe dos mais novos, a classe dos opressores ou dos oprimidos, a classe dos que dão e a classe dos que recebem, a classe dos que tem e a classe dos que não tem.

Cada uma dessas classes com função proposicional específica e limitada vai se fundindo com outras formando classes maiores até chegar a duas classes abrangentes: a classe dos que são e a classe dos que não são! Transcender uma classe por outra implica para ele uma mudança total do seu ser.

A imersão do analista em um vértice teórico certamente o fará encontrar nos *atos* relatados pelo analisando as

provas desejadas de sua teoria. Mormente quando ele estiver num momento criativo de construção de uma nova teoria pessoal maiores são os riscos de ser apanhado na rede da própria investigação - no próprio desejo. Como exemplo imaginário podemos fantasiar como as referências, nos sonhos desse analisando, às sequelas nos pés e nos olhos não seriam ouvidas pelo primeiro Freud fascinado por Édipo.

Outros passos e outros olhares poderão conduzir por diferentes caminhos a um sentido comum.

Sessão 3 - uma semana depois

Começa falando de maneira fragmentária, diferentemente de sua fala habitual bastante organizada. Se confessa meio confuso e pensando em "coisas que já passaram" e se "vale a pena voltar a coisas de trás." O que ele diz me faz pensar nas últimas sessões.

Decide-se: "Então vou contar um sonho."

"Eu estava sentado num sofá junto com uma moça - talvez fosse o sofá da minha casa. Aí chegou um homem e ele não deixou que eu deitasse com a moça no sofá. Ele era forte e parece que tinha um revólver... O homem se sentou no chão com os pés no sofá de um jeito que eu mesmo faço na minha ginástica", seria eu mesmo?"

Prossegue após um pequeno silêncio: "Ontem fiquei com muita raiva. Eu pedira a meu pai para pagar uma conta no clube, do mês passado, e ele resolveu, por conta dele, pagar também a do mês que vem. Acontece que eu já havia pago esta conta e quando falei com o funcionário sobre a devolução ele criou os maiores problemas e isto vai me dar trabalho."

Associa com episódio da adolescência em que guiava sozinho pela primeira vez e deu uma pequena batida no carro de um senhor mais velho. Combinou com este um acerto a ser feito em sua casa mas o tal senhor chegou antes dele e o pai antecipou-se e fez o acerto.

"Fiquei muito bravo com meu pai, mas a verdade é que eu tive culpa da batida."

Continua falando do clube que freqüentava na adolescência, do seu medo de uma turma de rapazes violentos e prepotentes, brucutus. Volta a reclamar do

funcionário por obrigá-lo a submeter-se a ir ao clube para fazer o acerto.

Lembra ainda uma visita recente à casa dos pais; ele quis dar uma olhada num livro que presenteara ao pai e descobre que o pai o dera a um amigo idoso que estava doente.

“Na hora fiquei com raiva e decepcionado mas acho justo que ele tenha dado o livro para o amigo.”

Observa que sentiu um clima de briga entre os pais, pensa na possibilidade da separação deles mas descarta pois acha que sua mãe não conseguiria administrar sua vida sozinha.

Lembra então sua infância e se descreve como “uma criança má que estava sempre atormentando os pais”.

Intervenho então assinalando essas relações de agressor-agredido, opressor-oprimido e como ele reafirma, na sessão, sua culpa inicial nos incidentes que decorrem, preservando seu pai.

Responde num tom emocionado: “Puxa, me voltou forte tantas vezes em que meu pai me dizia - ‘Seja um homem’”.

Eu digo: “Isto não quererá dizer: Seja um adulto?”

Minha fala deflagra nele uma enxurrada de recordações de caráter muito íntimo sobre suas relações com as mulheres. Acha que sempre quis repetir situações vividas nas brincadeiras infantis. Lembra um conto de Cortazar sobre sedução erótica entre uma enfermeira e um menino doente. Está tomado pelas próprias palavras.

Sugiro então uma confusão ou mal-entendido entre duas relações diferentes: a relação masculino-feminino e a relação adulto-criança. Tentamos então uma construção dramática, uma interpretação compartilhada acerca de sua passagem de criança para adulto nos aspectos estacionados de sua evolução emocional.

Penso comigo que, colocados em termos de classes simbólicas o *Masculino* e o *Adulto* confundem-se ao serem generalizados para a classe mais ampla do *opressor*, que é também o *protetor* em contraposição (e portanto também em coincidência) à classe do *oprimido* e *protegido*.

Note-se que o deslocamento da classe dos homens para as mulheres (e vice-versa) implica numa idéia espacial do lugar dos homens para o lugar das mulheres, enquanto a passagem de criança para adulto (e vice-versa) implica num deslocamento no tempo. Para o inconsciente simétrico não há ordenação ou divisão mas apenas simultaneidade e indivisão, levando-nos para a classe mais abrangente da *comunidade humana*. Aí “*seja um homem*” representa estar ou não incluído nela. *Ser ou não ser*.

Num artigo recente chamado “The bi-logic perception of time”, Klaus Fink relata sua experiência com um analisando que denota uma apreensão paradoxal da passagem do tempo, com alternância de tempos que evoluem, tempos que regredem e tempos estacionados na eternidade simétrica.

No inter-jogo da simetria e assimetria, podemos intuir a essência matemática da simbolização.

Voltando a nossas sessões: tanto tempo e trabalho para chegamos a estas palavras tão gastas: “*Seja um homem*”. Uma frase que soaria tão absolutamente óbvia, banal e mesmo piegas numa conversa cotidiana ou no texto de um romance, novela ou filme, parece recuperar o seu sentido pleno para nós dois naquele momento.

Me pergunto se não estará aí a proximidade entre a criação psicanalítica e a criação artística. Devolver a um signo, a uma palavra gasta, todo um sentido estético, uma plenitude transformadora adequada e inerente ao momento vivido.

Retornar do lugar comum para o desconhecido.

Algumas leituras durante a redação desse texto:

ALAIN Miller, J. - S'truc dure.

BION, W.R. - Cogitations.

BRUNO, Cássia A.N.B. - Sobre a união do silêncio e da palavra. SBPSP.

COSTA, Newton da. - Psicanálise e lógica - entrevista a M.P. Souza Leite e O. Cesarotto.

ESPINOSA, Baruch de. - Carta sobre o infinito (1663).

FEDIDA, Pierre. - Nome, figura e memória.

FERENCZI, S. - Diário clínico.

FINK, Klaus. - The bi-logic perception of time. Int. I. Psycho - Anal (1993) 74,303.

FREUD, S. - O Ego e o Id (1923).

___ - A negação (1925).

___ - Construções em Análise (1937).

___ - A cisão do Ego na defesa (1938).

___ - Achados, idéias, problemas (1938).

GERBER, Ignacio. - Em busca de uma lógica inconsciente. SBPSP.

___ - De Freud a Bion pelos caminhos de Lao-Tse.

GROF, Stanislaw. - Além do cérebro.

KRISHNAMURTI, J. - Comentários sobre o viver.

MARRA, Evelise. - Situação analítica - transformações. SBPSP.

MATTE-BLANCO, I. - The unconscious as infinite sets.

___ - Thinking, feeling and being.

MEHLSON, Isaias. Notas críticas sobre o inconsciente.

PLATÃO. - Diálogos.

SIMON, Ryad. - Anseio e temor de ser psicanalista. SBPSP.

SMETAK, Walter. - O retorno do futuro.

SOUZA Leite, M.P. - A negação da falta.

SOUZA Mello, Jantzi B. - O regresso infinito. Aquiles e o sublime. SBPSP.

VERNE, J. - Fora dos eixos.

-x-x-x-x-x - Wen-tsu - understanding the misteries.

LANÇAMENTO

"A Palavra in-sensata: Poesia e Psicanálise" de Eliane Fonseca - ed. Escuta dia 26 de outubro de 1993, às 20 hs, na Livraria Pulsional - R. Dr. Homen de Mello, nº 351 - Perdizes - São Paulo.

*O Corvo e a raposa: Ainda nos Bastidores da sessão**

MARION MINERBO **

I

Em 1846 Edgard Allan Poe publicou *A Filosofia da Composição* (8) artigo que revela os bastidores da criação poética utilizando como material seu próprio poema *O Corvo* (*The Raven*) escrito em 1845. Seu objetivo era “tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso ou à intuição, e que o trabalho caminhou, passo a passo até completar-se, com a precisão e a seqüência rígida de um problema matemático”. Vale a pena transcrever um trecho.

“Muitas vezes pensei quão interessadamente podia ser escrita uma resenha por um autor que quisesse - isto é, que pudesse - pormenorizar, passo a passo, os processos pelos quais qualquer uma de suas composições atingia seu ponto de acabamento. Por que uma publicação assim nunca foi dada ao mundo, é coisa que eu não sei explicar, mas talvez a vaidade dos autores tenha mais responsabilidade por essa omissão, do que qualquer outra causa. Muitos escritores - especialmente os poetas - preferem ter por entendido que compõem por meio de uma espécie de sutil frenesi, de intuição extática, e positivamente estremeceriam ante a idéia de deixar o público dar uma olhadela por trás dos bastidores, para as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento, para os verdadeiros propósitos só alcançados no último instante, para os

inúmeros relances de idéias que não chegam a maturidade da visão completa, para as imaginações plenamente amadurecidas e repelidas em desespero como inaproveitáveis, para as cautelosas seleções e rejeições, as dolorosas emendas e interpolações...”

Poe prossegue dizendo que inicia um poema pelo fim, quer dizer, considerando o efeito que deseja provocar no leitor. Procura em primeiro lugar, qual a extensão do poema que melhor lhe permitiria atingir o efeito desejado. Para Poe, o poema deve emocionar, e “todas as emoções intensas, por uma necessidade psíquica, são breves”. A extensão conveniente para *O Corvo* seria em torno de cem versos. Em segundo lugar, procura qual efeito seria apreciado tanto por um público amplo quanto pela crítica. O efeito procurado é da natureza de uma intensa elevação da alma, (não da inteligência ou do coração) por meio da Beleza. O tom emocional mais propício para o Belo, em sua experiência, é a Tristeza. “A melancolia é o mais legítimo de todos os tons poéticos”. Em seguida mostra ao leitor como e por que escolhe o refrão, a sonoridade das palavras, as idéias que seriam por elas veiculadas, por qual razão escolhe um corvo etc. O passeio pelos bastidores de *O Corvo* é fascinante.

* Artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise, Vol XXV, nº4, 701 - 719

** Psicanalista, Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Gostaria de ressaltar dois pontos deste artigo que têm íntima relação com o trabalho psicanalítico.

Em primeiro lugar, este belo poema que indubitavelmente atinge seus propósitos de tocar-nos emocionalmente é o resultado de uma integração harmoniosa - é isto o que entendo por Arte - entre precisão técnica por um lado e sensibilidade e criatividade por outro. Tenho a impressão de que a integração destas duas áreas, seja por preconceito, seja por ideologia, oferece alguma dificuldade para nós, analistas. Sérvulo Figueira(2) nos mostra como os grandes criadores em psicanálise, os que hoje consideramos autores consagrados, aliavam uma extrema sensibilidade clínica a um considerável lastro teórico e a um rigor metodológico. Este amálgama pode ser, até certo ponto, decomposto, permitindo que um aprendiz de poeta (e de analista) tenha acesso aos mistérios do processo criativo.

Em segundo lugar, é notável que o poema se inicie pelo fim, quer dizer, pelo efeito que o autor deseja produzir no leitor. Poe nos diz que o poema deve emocionar.

E qual seria o efeito que desejamos obter com a interpretação? Ao longo da história da psicanálise várias respostas têm sido dadas a esta questão, segundo as diferentes concepções teóricas de aparelho psíquico, dando origem às variações técnicas que conhecemos. Se entendermos o "emocionar" a partir de sua raiz etimológica - colocar em movimento - talvez possamos dizer, de um ponto de vista operacional, (afastando-nos provisoriamente das concepções teóricas) que também a interpretação visa emocionar.

Colocar em movimento as auto-representações (4), ou simplesmente "desencadear um novo trabalho psíquico no paciente" (1) - é esta a concepção de interpretação que norteia este trabalho. Conseqüentemente, interpretação é o conjunto das falas do analistas que produzem um efeito cumulativo ao longo do processo analítico. A este efeito Fabio Hermann tem chamado ruptura de campo (4). Com isto, o paciente adquire maior mobilidade psíquica e revela-se tanto para ele como para o analista, as determinações de tal movimentação, o inconsciente.

II

O presente trabalho é uma ampliação dos mesmos

temas tratados anteriormente em "Nos bastidores da sessão: sobre o trabalho de construção da interpretação" (7). Questionava então o que seria uma interpretação, o que objetivamos ao interpretar, como fazemos para interpretar. Conhecer a essência do que fazemos poderia ajudar-me a metabolizar os modelos inicialmente imitados para tentar ser mais livre no trabalho clínico.

Os questionamentos nasciam da constatação de diversos estilos de trabalho, cada qual fundado numa teoria, e que respondiam de maneiras diferentes às questões acima colocadas. Além disto era evidente uma cisão entre estilos interpretativos ditos mais "técnicos", que partiam de noções teóricas precisas e explícitas, e estilos interpretativos mais "soltos", ditos mais afetivos e aparentemente menos comprometidos com alguma teoria. Procurava superar esta dicotomia que me parecia senão falsa, pelo menos bastante superficial. Meu argumento era de que há uma captação sensível do tema presente no discurso do paciente e também uma elaboração reflexiva pré-consciente no processo de interpretar. Não como movimentos diferentes, mas um único que podemos tentar decompor para conhecer como é feito. Esta idéia é bastante próxima da acima exposta por Poe sobre os bastidores do processo de criação poética.

O efeito imediato da interpretação sobre as auto-representações da paciente durante o diálogo analítico já era de meu interesse. Cito um pequeno trecho do trabalho onde analiso mais detidamente o efeito da minha primeira interpretação. "... Gostaria de ressaltar que a segunda fala da paciente leva em consideração (a nível inconsciente) dois aspectos de minha interpretação: traz exemplos de duas situações que não se resolvem com lógica, tendo-se rompido, portanto, o campo de pressupostos da primeira fala (que tudo se resolve com lógica), estando aberta a uma nova versão. E em segundo lugar confirma o tema proposto pela interpretação, trazendo aspectos de si própria, representados pelos filhos, fora de seu controle (loucura): não coma chocolates!, e, contra qualquer lógica ela os come.

Outra questão levantada diz respeito à natureza do trabalho da analista nos bastidores. "Esta elaboração, aqui ampliada para a apreciação do leitor teve lugar de forma fugaz, condensada. Talvez o termo mais

adequado seja uma reflexão pré-consciente. Consiste mais precisamente num impacto apreendido instantaneamente, esteticamente, num misto de sentir e pensar, onde se agregam forma e conteúdo, idéias e imagens, impressão subjetiva e elaboração reflexiva”.

Por fim, há uma breve menção ao estilo interpretativo. “Com esta paciente dei-me conta de uma especial dificuldade na formulação da interpretação. Isto porque seu estilo de discurso (narrativo), tende a provocar na analista o uso de um estilo igualmente lógico e narrativo na formulação da interpretação. Liberman chama a isto estilo simétrico de interpretação, tendo como efeito reforçar sua auto-representação...”

Em *O Corvo e a raposa: ainda nos bastidores da sessão* procuro ampliar estas três idéias:

- o efeito da interpretação
- o trabalho do analista nos bastidores
- o estilo do trabalho interpretativo

III

Transcrevo abaixo uma sessão de feitiço talvez pouco usual, e depois procurarei comentar algo a respeito do trabalho da analista nos bastidores.

Carla tem uns quarenta anos, está em análise há pouco menos de um ano, quatro vezes por semana. Fez dez anos de terapia na linha existencial. Queixa-se de dificuldades de relacionamento em geral, e especialmente com homens.

P- É, eu tive uma pequena recaída, pedi novamente dinheiro para o meu pai. Mas desta vez não houve escândalo.

O fim-de-semana foi agradável, fui à chácara do Zé. Tive que pedir emprestado o carro do meu cunhado, o meu não estava licenciado. Foi gostoso, simples, sem expectativas que algo fantástico acontecesse. Curtimos, conversamos.

Também estou melhorando profissionalmente. Recebi convites para dar aula nas faculdades A e B. Não era exatamente o que eu gostaria, mas é um começo.

A- Está contente...

P- É meio babaca estar contente por tão pouco. Afinal, com o Zé, podíamos ter transado, podia ser mais constante...

A- Contente, babaca...

P- Ah, mas não está pesado para mim. Só falei que era babaca para mostrar que não perdi o senso crítico. Na verdade, meus relacionamentos familiares estão mais agradáveis, o arco está menos tenso. Se ser babaca me deixa mais contente, então quero ser babaca. Meu cunhado reclamou que eu devolvi o carro sujo, eu nem me ofendi. Deixei passar. Estou menos tensa.

A- Que medo de perder o senso crítico!...

P- Pois é... Mas hoje eu lembrei de mariposa. (Certa vez contou que entrou uma mariposa enorme e horrível em sua casa que esvoaçava por todos os cômodos, e ela foi refugiar-se no quartinho de empregada). Vi outra mariposa no terraço, e antes que ela entrasse fechei correndo a janela. Desta vez a raposa não entrou.

A- Raposa? Dizem que é um animal muito esperto...

P- Não sei porque disse raposa. Tem o mesmo som de mariposa... Achei-me esperta por fechar a janela? Não estou entendendo mais nada.

A- Você bem que queria deixar a raposa para fora. Ela é esperta, mas se entra no galinheiro come as galinhas, os pintinhos...

P- Pronto, fiquei burra. Não entendo mais.

(Inicia uma série de auto-questionamentos obsessivos do tipo “será que é isto? será que é aquilo? porque faço assim? porque faço assado? procurando compreender de maneira unívoca exatamente a que eu me referia, tentando sair da “burrice”).

A- Entrou a raposa...

P- (Silêncio). Sabe aquela conversa que tive com o Jairo sobre nossas escolas? (Tanto ela como Jairo são donos de “escolas” que se deslocam até as firmas para ministrar aulas). Foi um desfile de esperteza de ambos os lados. No dia seguinte ligou uma firma pedindo aulas, mas não vou poder atender. Eles querem que eu forneça o local, mas eu não tenho estrutura para isso. A primeira coisa em que pensei foi passar o cliente para o Jairo. Percebi que era pura vaidade querer mostrar para ele que não preciso, que até dou meus clientes para ele. Afachei que era burrice. Pelo menos devia tentar tirar algum proveito disto.

abriu o bico para cantar a pedido de não sei que bicho, e ficou sem queijo?

P- A raposa!! Mas eu nem sei se corvo come queijo. Eu não posso atender a firma.

A- É verdade. Quem tem estrutura é o Jairo, quem tem dinheiro é seu pai, quem tem carro licenciado é seu cunhado.

P- (Tenta argumentar que ela não tem onde dar aulas, que isto nada tem a ver com seu pai ou seu cunhado. Esgotados os argumentos, pensa um pouco e diz:)

Eu tenho uma amiga para quem eu poderia passar este cliente. Já passei outros para ela. Mas eu quis passar para o Jairo porque ele é homem. Porque será?

Esta sessão, propositalmente diferente do que costumamos encontrar em trabalhos que apresentam material clínico, é paradigmática de um estilo de trabalho que se encontra mais frequentemente em meu horizonte do que em meu cotidiano. Digo estilo e não técnica pois a maneira de trabalhar apresentada serve para esta pessoa nesta fase da análise, não cabendo a generalização que a idéia de técnica pressupõe. Uma sessão neste estilo e sem grandes introduções certamente não fará sentido para o leitor, a menos que este seja introduzido nos bastidores para conhecer um pouquinho da história desta análise. No entanto, faz sentido para a dupla analista-paciente, tendo-se revelado com esta pessoa um estilo profícuo. Assim, embora não chegue a ser representativa, acredito que esta sessão seja de interesse para movimentar uma discussão sobre estilo clínico.

A paciente chega satisfeita com seu fim-de-semana. É sempre uma surpresa seu humor na segunda-feira. A satisfação aqui tem vários conteúdos: não brigou com o pai, esteve amigavelmente com o Zé etc. Isto ainda não faz qualquer sentido no campo transferencial para mim. Ela precisaria falar mais para que eu pudesse começar a escutar. No entanto, ficar em silêncio depois de tudo o que ela contou, e, especialmente no tom afetivo em que fez não me parece apropriado. Quando eu digo: "Está contente..." meu objetivo é mostrar-me receptiva a seu estado emocional, ao mesmo tempo em que a convido a prosseguir na direção que melhor lhe

aprouver.

A direção escolhida surpreende-me apenas um pouco. Com o tempo, fui notando que é comum a paciente associar sentimentos leves e agradáveis com ser boba, enquanto viver constantemente sob tensão, atenta à possibilidade de ser enganada é ser esperta. Assim, a palavra contente, inofensiva para outro paciente, para ela se reveste de forte valor emocional. A paciente se retesa, e associa imediatamente a possibilidade de ter sido babaca. Graças à isto começa a despertar minha escuta analítica, ainda em fase de aquecimento. Instintivamente, já sei que tanto a escuta quanto a próxima interpretação deverão considerar este fato. É pouco, mas é um começo.

Digo "Contente, babaca..." A sessão apenas se inicia, de modo que não saberia dizer mais do que isto no momento. Procurando trabalhar "sem memória", deixo de lado as muitas coisas que sei sobre esta paciente e considero apenas o material desta sessão. Ainda não me é possível maior compreensão. Evidentemente, quando uma associação se me impuser a partir do material não a descartarei para "trabalhar sem memória". Deixá-la-ei penetrar-me para utilizá-la como elemento vivo do trabalho interpretativo.

Eu poderia oferecer esta mesma interpretação de forma bem mais elaborada, e sem dúvida correta no contexto. Uma formulação aproximada seria: quando ela se dá conta de estar contente em minha presença, é perturbada por algum aspecto que insinua ser ela babaca. A interpretação incluiria a experiência emocional de "estar contente comigo", a angústia, a que chamaríamos provisoriamente de "uma aproximação calorosa com a analista" e a defesa, "um retraimento e a suspeita de "ser babaca". Poderia, mas conhecendo minha paciente, imagino que ela passaria a analisar, a contestar, a argumentar cada pedacinho de minha interpretação. O efeito interpretativo buscado estaria irremediavelmente perdido. Não se trata de bola de cristal mas da experiência lentamente acumulada ao longo destes meses - por que não aprender com a experiência? A interpretação seguinte à suposta argumentação da paciente poderia enforçar descritivamente o movimento emocional, isto é, sua maneira de desentender a interpretação e o motivo para isto. Mas ela talvez concluisse, não sem alguma razão, que nas entrelinhas

da interpretação há uma crítica ao “desentendimento” e uma expectativa de que entendesse “adequadamente” a interpretação. Ora, se existisse uma compreensão “adequada” de uma interpretação estaria impugnando o próprio conceito de interpretação, estaria impugnado o próprio conceito de transferência!!

Esta construção, aqui hipotética, provém, com disse, de experiências anteriores com ela. Estas levaram-me a concluir que este tipo de paciente requer outro estilo interpretativo, que minimize sua possibilidade (defensiva) de “esquartejar” intelectualmente a interpretação. Por todas estas razões prefiro apenas justapor os termos mais fortes de sua fala, sem conexões sintáticas a que ela possa se agarrar para racionalizar. Isto a “obriga” a deparar-se face a face com termos que provocam emoção, não no sentido piegas, mas no sentido de movimento emocional, termos que cutucam sua organização defensiva, e que obrigam a uma reorganização emocional - que seguiremos atentamente. Poe sabia, ao construir seu poema, do efeito emocional que a repetição do refrão *Never More*, palavras por si bastante carregadas, aplicado a contextos significativos diversos, produziria no leitor.

Analogamente, não apenas as palavras contente, babaca são, em si mesmas, carregadas emocionalmente, mas também para uma pessoa cuja fala é tão estruturada, a própria falta de estrutura da minha interpretação já é perturbadora, já a situa (à interpretação) em outro campo. Dizendo-lhe apenas isto, coloco em evidência para a paciente como ela vive “o estar contente” e fico novamente à espera da direção que imprimirá à nossa conversa.

Após a interpretação, assustada ao se ver refletida na fala da analista desta maneira - “esta sou eu?” - recua e diz um tanto sem-graça-brincando que só falou para mostrar que não perdeu o senso crítico. A emenda fica melhor que o soneto, porque aqui, novamente, a escuta analítica treinada detecta algo importante, e parece-me que numa linha semelhante ao contente-babaca. Formulo-me quase sem perceber, a pergunta que sem dúvida não se coloca para ela: “e qual o problema de perder o senso crítico?” O que é “senso crítico” para ela, que não deve ser perdido em hipótese alguma?”

Esta é, sem dúvida, uma auto-representação central

para ela, à qual está fortemente aderida, e que, sabemos, será colocada em crise pela análise. O destino do senso crítico é ser perdido um pouco, para que ela experimente como é “não ter senso crítico”, e, despojada temporariamente desta representação central, descobrir que continua sendo Carla. E, quem sabe, descubra também que não ter tanto senso crítico torna a vida mais divertida.

Algum leitor teria com razão questionado, dois parágrafos acima, por quais misteriosos caminhos a escuta analítica detecta que algo é importante no discurso do paciente. A bem da verdade, a importância que dou à frase “só para mostrar que não perdi o senso crítico” tem alguma história. Provavelmente este assunto nunca tivesse aparecido antes, passaria despercebido nesta sessão. Mas apareceu antes e de tantas maneiras diferentes e no entanto iguais, que acabou se constituindo para minha escuta numa pequena teoria. O assunto senso crítico provoca angústia, defesas específicas, modos de relacionamento, resistências. Provoca também o prazer de exhibir-se esperta, de humilhar o outro com sua esperteza, de auto contemplar-se esperta.

Convido o leitor a acompanhar o nascimento desta pequena teoria. Um dia ela conta que estava muito brava com o pai que não lhe tinha dado um carro novo, conforme prometera, e seu carro estava novamente quebrado. Foram juntos à oficina e lá ficou furiosa com o mecânico que não teria, em sua opinião, feito um bom serviço. Armou um grande escândalo com os dois, e depois descobriu que o carro estava funcionando bem. Envergonhada com o escândalo e com a baixaria, pediu mil desculpa aos dois, e depois mais desculpas, e outras mais. Até o momento eu vinha acompanhando silenciosamente o movimento mental que me era dado ver através desta historinha: ela vai se enfurecendo num crescendo, até um fortíssimo, e então ela se envergonha e vai amansando até chegar à humilhação auto imposta. Minha interpretação não considerou os muitos e interessantes conteúdos do material, mas apenas o movimento musical descrito. Interpretei: “Depois da tempestade vem o boi manso”. Pura descrição que, no entanto irritou-a profundamente. Respondeu-me, ríspida, “boi manso nunca, no máximo touro em trégua!!”. Levei um susto, não imaginava

atingir uma área tão sensível. Talvez imaginasse, se pensarmos em termos de inconsciente do analista. Mas não é o que me importa discutir aqui. Importa mais que esta reação informa que temos aí uma área resistencial importante, que vai não apenas ser objeto de análise, como permitir que ela ocorra.

Falávamos de contente-babaca, e do medo de perder o senso crítico, quando convidei o leitor a assistir a um nascimento sui-generis, da pequena teoria que não só orientou como na verdade permitiu minha escuta durante esta e outras sessões. Bem sei que ela nada tem de especial, e que é fácil detectar seu legítimo parentesco com várias teorias conhecidas. Mas tem a vantagem de estar sendo feita aos poucos e sob medida para Carla.

Dizia, então, que tendo detectado aí algo de importante, o ponto de angústia, cabe agora considerá-lo na próxima interpretação. Mas, em que consiste exatamente este “algo importante”? Na verdade ainda não sei, talvez a paciente saiba sem saber que sabe. Não é esta, afinal, a grande descoberta de Freud? Procuo, então, alguma formulação que permita à paciente dizer o que sabe. Digo “Que medo de perder o senso crítico!”, num tom que pretende ser receptivo a este medo, seja lá o que for. Cuido de não oferecer rapidamente um tradução para “senso crítico”, embora até me ocorram associações teóricas. Seria uma pena saturar a comunicação com uma tradução teórica, necessariamente genérica, quando estamos à procura do que é específico de Carla. Confio, então, que se eu puder esperar, algum dia ela mesma terá várias versões do que é “senso crítico” para ela.

Esta interpretação traz à tona o material à espera do qual eu estava. Surge uma associação livre, a expressão do desejo, a fantasia inconsciente, a criança dentro do paciente, tantas são as maneiras de nomear o objeto psicanalítico!

Vejamos.

Volta à cena a mariposa. A mariposa, cuja entrada queria evitar, representava há poucas sessões algo negro, sinistro, que a assustava, que roubava seu espaço confinando-a a um cubículo, impedindo-a de fruir a vida, à sombra de suas negras asas. Impotente, só lhe restava fugir. Nesta sessão um ato falho esclarece mais um tantinho a respeito da natureza da mariposa:

é também uma raposa, dado que será acrescentado no devido tempo à pequena teoria recém-nascida. Deixo à imaginação do leitor examinar as possibilidades interpretativas que se nos abrem (3).

Gostaria de deter-me sobre um ponto que sempre me intrigou, qual seja, a natureza do já mencionado objeto psicanalítico. Embora o conceito de inconsciente seja aceito por todos os psicanalistas, há sem dúvida maneiras diversas de compreendê-lo. Não se trata de uma discussão acadêmica, como poderia parecer à primeira vista. É certo que os vários inconscientes produzem práticas diversas. Minha compreensão, que passo a expor, tem a marca do trabalho de Isaías Melsohn - *Crítica ao conceito de inconsciente* (6). Ora, qual a diferença entre mariposa e raposa? Em certo sentido, nenhuma, pois ambas são apenas metáforas de um referente que não existe. Se o referente existisse, teríamos que admitir uma tradução do tipo “a mariposa é isto, a raposa é aquilo”, e a psique perderia seu estatuto de inefabilidade. Passaria a ser uma psique reificada, e os objetos internos, que se supõe serem apenas matrizes produtores de representações várias tais como raposa e mariposa passariam a ser “coisas em si mesmas”. Assim, embora a psique não exista concretamente, produz mariposas e outros bichos que assustam de verdade. Creio que não há, pois, dificuldade em mantermos a inefabilidade como essencial à natureza do objeto psicanalítico.

Por outro lado, não podemos em virtude da natureza inefável da psique concluir que ela seja incognoscível. A Psicanálise perderia sua razão de ser no momento mesmo da descoberta do inconsciente!! Daí que representações como mariposa ou raposa sejam para nós da maior importância pois são tanto o produto quanto o acesso ao inconsciente. “Raposa” expressa algo diferente de mariposa, é uma faceta diferente daquilo que, embora incognoscível em si mesmo é perfeitamente cognoscível através de suas representações. Para Freud o inconsciente é cognoscível por meio de suas produções: sintomas, sonhos, atos falhos. Para Klein, a totalidade do discurso do paciente é entendida, é ouvida pelo analista como expressão do inconsciente, como fantasia. Para Bion, é com as transformações que podemos trabalhar, uma vez que não podemos conhecer o “O”.

E o que nos diz “raposa”? Uma vez que afirmamos acima que, sendo o inconsciente inefável não admite traduções do tipo “isto quer dizer”..., seria interessante que não nos apressássemos em atribuir qualquer sentido mais definido, preciso ou específico à expressão raposa. Metáfora que é, deixemo-la rondar e produzir outras idéias e associações, da mesma forma que deixáramos a metáfora mariposa esvoaçar em torno de nós, desdobrando-se em vários sentidos. Aliás, é justamente o fato de não caber uma tradução do tipo “raposa é isto”, que possibilita a atividade interpretativa. Escutei raposa no contexto desta sessão que por sua vez se insere num contexto de vários meses de trabalho analítico. Entrementes, camadas de material clínico e de interpretações que traziam à tona mais material clínico foram engordando aquela pequena teoria que se ia tecendo aos poucos sobre Carla, ou melhor, sobre seu inconsciente. É difícil descrever este contínuo teorizar que ia nascendo da clínica e dialeticamente, produzindo-a.

O Campo da Esperteza

Graças à raposa revela-se subitamente um campo emocional cujos pressupostos organizavam os diálogos e a experiência vivida, estando eu semi-ciente disto. Este campo é suficientemente viscoso para, graças ao desconforto provocado, alertar-me quanto ao perigo de nele ficar atolada. O material associativo era obscuro, embrenhado num matagal defensivo, o qual, no entanto, revelava a fragilidade do terreno.

Gostaria de esclarecer que não penso que ela tenha dito raposa por efeito do campo da esperteza, no sentido de causa-efeito, nem que assim o nomeamos em função do ato falho. Talvez ela pudesse ter dito elefante no lugar de mariposa. Neste caso, o campo seria ainda o da esperteza (esperteza paquidérmica?) pois este se revela por relações de objeto que trazem, de alguma maneira, a marca da esperteza-burrice.

Talvez tão importante quanto o significante, seja a própria insinuação furtiva de uma palavra inesperada em meio a uma frase, driblando a almejada coerência, desejo driblando a razão. De qualquer forma, mais do que descobrir o sentido do ato falho, interessava-me seguir o trabalho psíquico desencadeado por sua

interpretação. Como veremos adiante, sua reação, sentir-se “burra” de repente, confirma que é neste campo mesmo que estamos. Nele assumem formas específicas certos modos de ser, de sentir dor e prazer que são só de Carla. Seu jeito de conversar, de beber, de ser gauche na vida (à Drummond), configuram este grande campo emocional.

Cabe aqui uma observação. O uso da teoria dos campos, de Fábio Herrmann (4), envolve o reconhecimento, pelo analista, do campo emocional específico que sustenta as relações entre Carla e seu mundo, onde se inclui a analista. Evidentemente, a mente é complexa, são vários os campos que se estabelecem. Aqui nomeio apenas um, por ser o que até o momento atual desta análise mais se destacou e predominou. Seria, pois, um contra-senso congelar e reduzir a vida emocional desta paciente ao recém visualizado campo da esperteza. Ao mesmo tempo é importante destacar que no campo da esperteza as relações identificatórias de Carla tem mobilidade, circulam num elenco de auto-representações variadas, mas pré-determinadas, restritas pela natureza de seus objetos internos. Assim, ela não é apenas esperta.

Tomando a fábula como modelo, é raposa faminta ou maldosa, esperta mas incapaz de voar como o corvo, solitária ou invejosa. Mas também é corvo, desprezado e invejado, feio e vaidoso, abre o bico e tal como o peixe, morre pela boca, embora também só sobreviva se abrir o bico. É o queijo que se perde, que passa do ponto, que é comido por quem não devia. Pode ser a árvore que assiste impassível, desesperada ou impotente ao desenrolar de seu próprio drama. Espero ter deixado claro que o campo da esperteza sustenta as mais variadas relações, dentre as quais ser esperta, além de ser apenas uma das possibilidades, demanda que se diga com que e como.

Deixando La Fontaine e voltando a Carla, o campo emocional aqui batizado de campo da esperteza era responsável, como não podia deixar de ser, por grande sofrimento. A contradição essencial do desejo estava à flor da pele. A necessidade de mostrar-se esperta em seu relacionamento comigo praticamente paralisava seu discurso. Dava voltas e mais voltas atrás do próprio rabo, e ao cabo de algum tempo ficava exausta pelo esforço inútil, e frustrada pela distância abissal

que interpusera entre nós, quando tudo tinha começado numa tentativa de se aproximar, de ser admirada e amada por mim. “Ontem fui tomar café na padaria com X, que é terapeuta. Ele contou que atende 100 pacientes por semana, que alguns pacientes são muito chatos. Fiquei completamente transtornada com a revelação. Era com você que eu estava? Estou com medo de ser chata? Estou querendo invadir sua privacidade? Ser íntima? Por que me senti daquele jeito? Por que...? (O leitor há de se recordar que ela tem dez anos de experiência como paciente). Tudo isto não era dito angustiadamente, mas aos poucos, sopesando cada questão, procurando respostas perspicazes que correspondessem à sua vivência. No entanto as questões não se desdobravam em novas associações, evidentemente não havia conclusões possíveis, e a paciente ia dar num beco sem saída, onde encontrava a raposa.

Um dos propósitos deste modo de ser era certificar-me de que seu senso crítico e sua inteligência permanecem íntegros, intactos pela psicanálise. Estamos agora no campo da sobrevivência emocional, no temor de se misturar com a analista, perder sua individualidade. É um novo campo que se esboça, e que alguns meses mais tarde, pôde se constituir com muita força. Através dos mais variados assuntos - trabalho, amigos, festas, homens - o clima emocional criado era de que ela podia viver a vida com minha cabeça, meus valores.

Mas isto é mais tarde. Por enquanto ela se apavorava com a idéia de perder o senso crítico, e a psicanálise, por ser tão maravilhosa, era também perigosa. Ela decerto concordaria com interpretações desta ordem. Corremos o risco de um insight racional, e ela começaria interrogar-se sobre o por quê teme que a psicanálise lhe roube o senso crítico, voltando a ciranda que havia dado origem à “interpretação”. A maneira que encontrei para escapar a este tipo de armadilha foi deixá-la correr atrás do próprio rabo até que perceba que não foi a lugar nenhum, ou intervir de maneira a causar certo impacto emocional, “falando diretamente aos sentimentos” (5), não dando chance para nova mediação racional. “Começamos tomando um café gostoso, e agora, onde estamos?”

Falava muito sobre o relacionamento de seu pai, viúvo. Contou certa vez que quando pequena ganhara

um presente inusitado de seu pai. Eram ações, presente de gente grande. Ficara feliz, sentindo-se importante. Uma prima exclamou: como você é boba! Você pensa que estas ações são um presente para você, mas seu pai só pensou em si próprio quando as comprou. Se pensasse em você, compraria um brinquedo, não acha? Esta situação se tornou paradigmática do “ser boba”: ser induzida a pensar, erradamente, que é amada. A prima-raposa...

Recentemente seu pai lhe pedira para organizar sua (dele) festa de aniversário. Ela até que estava curtindo a idéia, sentia-se importante. Furtivamente insinua-se a raposa: “Mas ele está apenas me usando!!”

Ao falecer a mãe deixara parte de uma herança que deveria ser repartida entre os filhos, e o pai relutava em fazê-lo. Havia sérias brigas familiares por este motivo. Um dia o pai chamou os filhos para distribuir os bens. O momento de alegria foi fugaz. Rápida e astuciosa, a raposa: “Não acredito, aí tem coisa, ele nunca ia fazer uma coisa destas. Homem, quando é generoso, é bom desconfiar”. Na ocasião lembra-me ter identificado esta herança materna a um anátema, “guarde-se de confiar nos homens!”

A raposa também era responsável por um tipo especial de prazer, que está no avesso do sofrimento. Um pequeno exemplo apenas, para não nos desviarmos demais da sessão. Um dia conversávamos sobre seu futuro profissional. Deveria dar mais aulas, batalhar mais alunos? Ou seria melhor dedicar-se mais em ampliar sua empresa de dar aulas em empresas. Talvez fosse mais interessante enfronhar-se mais na carreira universitária, fazer mestrado, doutorado... E elaborava cada possibilidade, achava prós e contras para cada uma delas: Lá pelas tantas, ela exclama: “Mas por que eu não arregajo as mangas, começo logo qualquer destas opções e paro de encher o saco?” Percebendo o prazer que extraía daquela nossa conversa (descrito como “encher o saco”), respondi: “Porque teria que parar de encher o saco, que é muito mais gostoso do que qualquer das opções”. Ficou pensativa e disse que era assim mesmo, que a parte mais gostosa era quando ela e seu sócio passavam horas e horas planejando, discutindo o destino profissional de ambos, e que agora sentia tanta falta de um interlocutor... Aqui, isto que ela chama de “encher o saco”, uma espécie de

masturbação mental, é extremamente prazerosa, embora acabe depois por gerar angústia, pois é paralisante.

Pois bem, quando ela disse raposa, tudo isto aflorou em mim. Situações vividas com a paciente, suas historinhas, enfim, dados que pairavam nebulosamente em meu pré-consciente (ainda se pode usar este termo tão *demodée*?) se organizaram em torno da palavra raposa. Evidentemente não da forma organizada com que exponho neste trabalho. O fato é que levei uma fração de segundo para interpretar “Raposa? Dizem que é um animal muito esperto.”

Terei sido precipitada ao não pedir associações à paciente? Poderíamos considerar o material anterior ao ato falho como sendo as associações? São questões que agora formulo. De qualquer forma acho que as coisas se passam assim, às vezes não dá tempo de parar para pensar quando somos tomados por um insight. Se não for produtivo, sempre há tempo de retomar, corrigir, buscar outros caminhos. Nesta sessão o rumo tomado sugere que a interpretação tenha sido produtiva. Produziu um movimento emocional que desembocou em novas associações. Não é isto que esperamos de uma interpretação?

A interpretação oferece minha associação entre o ato falho e parte da história desta análise. Poderia fazê-lo de modo bem mais elaborado, mostrando inclusive as conexões com o material do início da sessão, (contente-babaca, medo de perder o senso crítico) ou até com outras sessões. Imagino que seria uma interpretação “esperta”, e só restaria à paciente concordar com a demonstração da minha teoria sobre ela. Seria produtivo, no sentido dado acima? Repetiríamos o beco sem saída, a analista atolada no mesmo sistema da paciente. Dar interpretações “espertas” é uma tentação constante, afinal este campo, como disse, tem um alto “coeficiente” de viscosidade. Por outro lado não posso temê-lo em demasia, senão, como experimentar em minha própria pele a terrível sensação de paralisia de Carla?

Penso que a formulação oferecida tem a vantagem de ser aberta, (outro termo tão ouvido...), quer dizer, a paciente realmente pode fazer com ela o que quiser, embora sua resposta seja necessariamente restrita pela

qualidade específica de suas relações de objeto. Podemos imaginar vários destinos para minha fala. A paciente pode discordar da minha associação e oferecer outra mais pertinente, pode complementá-la, espantarse, irritar-se, admirá-la, desprezá-la, ignorá-la, ou nenhuma das anteriores.

Foi o que aconteceu. A paciente ouviu e imediatamente se sentiu “burra”, (“Não estou entendendo mais nada”) a analista transformada em raposa de repente. Pensando bem era provável que isto acontecesse, se é que vamos dar algum crédito à proto teoria sobre o funcionamento mental de Carla.

Ocorre que durante a sessão não captei de imediato este movimento. Ela disse que não entendia mais nada, e eu repeti a interpretação no intuito de esclarecê-la, talvez minha formulação tivesse sido confusa, ou infeliz. Neste momento “afundo”, por assim dizer, no campo da esperteza, aderida momentaneamente aos pressupostos de Carla, concordando com ela que é insuportável deixar de compreender - o conluio.

Na verdade como se vê no material, não repeti exatamente o que dissera, mas acrescentei várias informações por meio de uma imagem. Disse-lhe que ela gostaria de deixar a raposa de fora, frase que embora aluda ao conteúdo manifesto de sua fala “Fechei a janela, a raposa não entrou”, tem para minha escuta o sentido de lutar contra este objeto-raposa que impede o contentamento. Amplio esta idéia, dizendo que a raposa come as galinhas, os pintinhos... Aqui deixo-me levar por uma imagética infantil, de desenho animado e fábulas adormecidas em algum canto de mim mesma.

Talvez este movimento de me abandonar a estas imagens “em pleno trabalho”, esteja ligado a certo aspecto da paciente que “não brinca em serviço”. Para ela, tal frase deve soar um tanto transgressiva do bom comportamento analítico, o que se choca a sua crença no bom comportamento pacifista. Já a surpreendemos, aplicada, tentando compreender transferencialmente a cena do café na padaria.

Quero dizer com isto que o efeito interpretativo talvez esteja mais no meu “mau” comportamento do que no conteúdo “raposa come pintinho”, como saber? A idéia era má: pintinho representando um broto de vida,

algo que desperta ternura e outros sentimentos que ela talvez considerasse bobos. No entanto fazem parte de “deixar-se ser criança um pouquinho”, tempero que tanta falta faz em sua vida. Para ser mais justa, “ser um pouquinho criança” é um tempero que ela não sabe usar. Por vezes erra a mão, carrega no tempero, e lá estão as pessoas a tratá-la como uma incapaz no sentido jurídico do termo. Certa vez numa festa bebeu um tanto a mais, bateu o carro, deu vexame. Pediu às pessoas que não a deixassem mais dirigir quando bebesse. E, de repente, para seu desagrado, lá estavam as pessoas a dirigir sua vida.

Digressões à parte, o que na realidade aconteceu foi que ela não ouviu nada sobre pintinhos e fábulas da minha infância. Tomada de angústia, e agora recorrendo a seus mecanismos de defesa obsessivos habituais, procura desesperadamente compreender, ser esperta para não ser devorada pela analista-raposa. A interpretação assinala delicadamente este movimento. “A raposa entrou...”

Neste momento da sessão não há mais sinal do contentamento inicial, substituído que foi por uma esperteza estéril e distanciadora. Insisto ainda sobre a forma dada à interpretação. Procura acompanhar um movimento defensivo mas não denunciar ou criticar a paciente por tê-lo feito. Equivaleria a chamá-la de “burra”...

Esta interpretação ela ouviu. Ouviu alguma coisa, não necessariamente o que eu quis dizer. Tanto que mudou o rumo da conversa, embora sem mudar de assunto. Fala do desfile de espertezas de ambos os lados, (analista e paciente?) de não ter estrutura (qual ouvido analítico não se deteria um pouquinho aí?), de vaidade, de mostrar que não precisa. E de burrice.

O que escolher? Acabo escolhendo “vaidade”, mas ainda no campo da esperteza. É interessante, porque esta é uma vaidade muito específica, é a vaidade de ser esperta que acaba por prejudicá-la. Não parece moral de fábula? (quem tudo quer, nada tem etc.).

Provavelmente devo tê-la ouvida deste jeito, porque para minha surpresa, eu comecei a contar uma fábula que continha exatamente estes dois elementos. A intenção era abrir espaço para um possível aspecto novo (a vaidade) do campo em questão. Há uma

associação visual minha no corpo desta interpretação. Trata-se da capa verde-abacate de um livro de fábulas onde meu zoom mental focaliza a imagem de um corvo deixando cair um queijo, deixando fora de foco justamente o protagonista da fábula, a raposa!

No entanto a paciente não parece muito interessada em vaidade e insiste naquilo que a preocupa: falta de estrutura, “Não posso atender a firma”. Isto remete minha escuta ao campo mais geral da castração.

Com isto há uma súbita iluminação de outros aspectos do material que ficaram de lado como o dinheiro do pai e o carro do cunhado. Carro e dinheiro são apenas representações, tanto quanto raposa e mariposa. O dinheiro do pai é alvo constante de cobiça, lhe é constantemente negado e motivo constante de atrito. Ou seja, pela constância, o tema dinheiro acabou por delinear um outro campo, paralelo ao campo da esperteza, onde horror à miséria é partilhado por pai e filha. Da mesma forma o carro do cunhado remete a outro tema constante, seu carro sempre quebrado, o desejo de ganhar um carro novo do pai, que sempre promete e nunca compra. Aqui também há atrito constante - “meu pai tem dois carros, só usa um, por que não me dá o outro?” Dinheiro, carro, esperteza, fazem parte do campo mais geral, e por isso mesmo menos específico, das fantasias de castração.

A interpretação reúne frouxamente os três assuntos que reconheço pertencerem ao mesmo campo. Como escutei o “não tenho estrutura” no campo das fantasias de castração do qual Carla ainda não emergiu, só posso concordar com ela. “É verdade, você não tem estrutura, nem dinheiro, nem carro”. Assim ela pode ouvir formulada um tanto cruamente sua fantasia de castração e opor-se violentamente a ela, agora como se fora um corpo estranho.

Um pedacinho do desejo de Carla se encontra agora desentranhado por efeito do trabalho interpretativo, e, como é natural, desgosta-lhe ver suas entranhas mentais à luz do dia. São estranhas, repulsivas. Defende-se como pode. Protesta, esperneia, duela, argumenta. Cansada, obrigada a olhá-las a contragosto, rende-se e pergunta encerrando uma sessão que já é abertura para outra sessão: “por que será?”

IV

Não tenho aqui a pretensão de uma discussão sistemática das questões levantadas no final da parte II. É possível, no entanto, formular umas quantas idéias a partir dos bastidores da sessão que acabamos de examinar com algum detalhe.

A questão que está na origem dos **Bastidores I** - estilos mais "técnicos" que partem de noções teóricas precisas e explícitas e estilos mais "soltos", aparentemente menos comprometidos com uma teoria - toma um novo desenvolvimento nos **Bastidores II**. O estilo clínico apresentado neste trabalho é tanto "solto" aparentemente menos comprometido com alguma teoria" quando "técnico, partindo de uma noção teórica precisa". O paradoxo é apenas aparente, como se verá adiante.

Retornemos a Poe. Ele nos mostra quanta arte é necessária para bem manejar seu instrumento técnico-teórico na execução de um poema. A "soltura", condição necessária para o efeito poético pretendido, é conseguida justamente porque há um domínio da técnica (a escolha do refrão, da sonoridade das palavras) que por sua vez está a serviço de uma concepção teórica clara (a extensão ideal do poema, a melancolia como tom emocional mais propício para o Belo).

No caso do trabalho analítico, a concepção geral que o norteia não é propriamente teórica, mas metodológica, como ficou esboçado no fim da parte I. Basicamente, o efeito de uma interpretação poderia ser formulado, à semelhança do efeito poético, como sendo da ordem de colocar em movimento as representações psíquicas do paciente de uma forma produtiva, produtiva de novas associações, de um novo trabalho psíquico.

Há também uma concepção teórica propriamente dita em vigor nesta fase do trabalho analítico. Uma teoria mais ampla, a teoria da castração, e uma proto-teoria em formação, mais específica, a que denominei campo da esperteza. Creio ter deixado isto claro na parte III. Estas duas teorias orientam temporariamente o campo da escuta analítica, que obviamente não é aleatória. Porém pouco respondem pela técnica específica a ser utilizada na formulação das interpretações.

Aqui entra o lado criativo e artístico do trabalho do analista nos bastidores: a busca de um estilo interpretativo que seja tecnicamente adequado para atingir o efeito metodologicamente determinado com cada "tipo" de paciente. Na verdade, nunca podemos estar seguros quanto a que produziu certo efeito interpretativo observado, embora seja possível imaginar o que seria contra-producente. Com alguma atenção às reações do paciente, acabamos por desenvolver um estilo apropriado. Os "erros", intervenções inoperantes ou com repercussão excessiva, são um guia precioso para a condução do processo analítico. A sensibilidade do analista e, não raro, protestos do paciente são os únicos parâmetros a nos orientar nesta busca criativa de um estilo.

Na Filosofia da Composição, Poe fala em "precisão e sequência rígida de um problema matemático". Estaria Poe realmente ciente de todas as sutilíssimas filigranas fônicas, lexicais e gramaticais que a linguagem poética trouxe à vida? Das inúmeras e engenhosas configurações de som-sentido que encontramos no tecido do poema?(9). Penso que não, sempre se diz muito mais do que o intencionado. Assim também no nosso trabalho. Os bastidores das reverberações do diálogo analítico podem ser retraçadas parcialmente, havendo sempre um tanto de ficção inevitável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. DIATKINE, R. (1991). Deux formes de pensée psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*. 55(1): 209-211.
2. FIGUEIRA, S.A. (1987). Notas sobre o papel da teoria na formação do psicanalista. In: *Nos Bastidores da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora (1991).
3. FREUD, S. (1916). Parapraxias. Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. S.E. XV. Rio de Janeiro: Imago Editora.
4. HERRMANN, F. (1979). Andaimos do Real: uma revisão crítica do método da psicanálise. São Paulo: E.P.U.
5. *ibid* (1991). Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação. São Paulo: Editora Brasiliense.
6. MELSOHN, I. (1973). Crítica ao conceito de inconsciente.
7. MINERBO, M. (1987). Nos bastidores da sessão: sobre o trabalho de construção da interpretação. In: *Interpretação: sobre o método da psicanálise*. Org. de Sérulo A. Figueira. Rio de Janeiro: Imago Editora.
8. POE, E. A. (1846). A Filosofia da Composição. In: *O Corvo*. São Paulo: Editora Expressão (1986)
9. SANTAELLA, L. (1985). Edgard Allan Poe: Versos e Reverberações. In: *O Corvo*. São Paulo: Editora Expressão (1986).

LIBRO ANUAL DE PSICOANALISIS 1992

Coletânea dos melhores artigos publicados no *International Journal of Psychoanalysis* e *International Review of Psychoanalysis* no ano de 1992, traduzidos para o espanhol, e autorizada pela *British Psychoanalytical Society*. Este número tem como editor nacional o Sr. Elias Mallet da Rocha Barros e será editado pela Editora Escuta. Quem estiver interessado em reservar seu número ao preço de US\$ 20,00, valor inferior àquele a ser cobrado após a sua publicação, deve falar com Arafde, na Livraria Pulsional, tel.: 262.8345, até o início de dezembro de 1993.

¿Podemos los analistas confrontar teoría?

SILVIA BLEICHMAR *

La anécdota constituye esa particularidad histórica, ese pequeño hecho curioso, relato que puede aclarar lo que está por debajo de las cosas, la psicología de los hombres (1). A diferencia del acontecimiento puro, la anécdota es ya "el hecho" teorizado, reelaborado, puesto al servicio de un encadenamiento que trasciende lo singular y se define en el marco de una generalidad simbólica. Desde esta perspectiva, ejercerá el relato de una anécdota, de un suceso acaecido hace algunas semanas, ejercicio que puede poner en marcha una serie de ideas cuyo desarrollo me propongo exponer y que introducen cuestiones que trascienden, como ocurre siempre - aún cuando no fuera sino implícitamente-, lo meramente circunstancial.

Se trata de la conversación sostenida con dos jóvenes colegas que me demandan acerca de mi formación. Se aúna en ellos el deseo de saber quién soy -es decir de qué linaje provengo- y, al mismo tiempo, de encontrar un referente generacional que les permita colocarse a sí mismos en una reflexión acerca de su propio encaminamiento. Les expongo brevemente com quienes estudié originariamente, haciendo mención, en particular, a uno de aquellos a quienes considero "maestro"; el tono es más bien evocativo, me invaden vivencias, recuerdos, sólo traslucibles, del reverso de la hoja, por un tono afectuoso y de respeto que culmina con una observación nostálgica: "en la actualidad la vida nos ha llevado hasta una posición más de pares... compartimos muchas inquietudes y nos planteamos

problemas comunes". Uno de ellos responde: "por supuesto". No sé si estoy entendiendo exactamente a qué se refiere; pregunto qué quiso decir con ese "por supuesto". Responde: "A que ya no existe esa relación de "maestro", ahora es distinto".

La afirmación -es indudable- convoca a una reflexión. Dar por supuesto la desaparición, no de un modo de enseñanza del psicoanálisis, sino de un modo de relación intersubjetiva definida por las circulaciones libidinales que dan origen a la transferencia, es esto lo que está en cuestión. Y de ser así, qué validez puede otorgarse a un enunciado de este tipo? Y aún más, en caso de que históricamente se produjera algo de este orden: la desaparición de la función del maestro, qué consecuencias tendría y aún, a qué se debería, el que ello ocurriera de tal modo?

Las cuestiones quedan abiertas: dejemos emerger las ideas: Si un proceso tal se diera, si el psicoanálisis pudiera aprehenderse fuera del campo de la transferencia... en este caso, el psicoanálisis devendría perversión pura; se anularían las líneas de la transmisión, cada analista se autoengendraría en una referencia solipsista que liquida toda referencia terciaria... El espacio transicional de la teoría, espacio de simbolización y de intercambio, devendría objeto aislado, al servicio sea del autoerotismo, sea de lo

* Psicanalista; doutora pela Universidade Paris III; diretora da Revista Teórica "Trabajo del Psicanalisis; Buenos Aires.

autoconservativo. Es posible la transmisión analítica sin función de transferencia?. El psicoanálisis es un artesanato que no se aprende en forma anónima ni se constituye sin residuo neurótico, identificatorio; que después se replanteen los términos de esta transferencia, que se reparta y se ventile, que se desplace a nuevas relaciones transferenciadas, eso es otra cuestión... Que el analista no deba ser capturado en un imaginario que anule toda capacidad crítica y que tenga no sólo el derecho de discutir los posicionamientos teóricos en los cuales se formó y elaborar la relación con sus maestros como elabora el sujeto en análisis los posicionamientos paternos que lo someten desde sus ideales pendulando entre la productividad y la repetición es también necesario... Si no hay maestro, hay "opinión", no transmisión, el juego de la verdad desaparece, y con ello, toda posibilidad de conocimiento: será la empiria el nuevo orden de referencia? Someteremos la verdad de los enunciados a la "clínica, y el psicoanálisis devendrá sólo un saber práctico? Y cómo concebir la prueba de validación empírica cuando lo que se reifica son los enunciados? Lo dejaremos establecerse como pura lógica discursiva, y en tal caso el delirio impecable instituido por una lógica de la no contradicción registrará nuestros posicionamientos teóricos? Al rehusar la función del maestro, se destituye el carácter verdadero de una transmisión posible. Entre el dogmatismo y el positivismo, esta destitución no hace sino expresar la gran paradoja del psicoanálisis actual, aun cuando más no sea por un camino colateral.

Concebida la transferencia como pura captura evitable desde el inicio, se recrea la fantasía de no interponer, entre el sujeto y el texto, ningún tipo de intermediario imaginario. Y, sin embargo, cierto orden de legitimidad avala la preocupación de estos dos jóvenes principiantes y nos convoca a una repuesta no tradicional. Años de burocratización y de sometimiento al discurso del Amo no propician sino, por la negativa, el rehusamiento de sujetamiento a cualquier orden que pretenda erigirse del lado de un saber posible. No guarda este fenómeno cierta analogía con el viejo sueño de evitar la alienación por medio del ejercicio de una libertad-libertad cuyos determinantes no son claros y cuyas vías de ejercicio son igualmente confusas?

Esta cuestión no se manifiesta sólo en el interior del psicoanálisis, tiene su modo de expresión dominante en cierta vertiente filosófica de la posmodernidad que se sostiene en dos pilares: por un lado, expresa la voluntad histórica plasmada en los 60 por cierto sector intelectual o luchar contra toda forma de institución, en razón de que identifica, espontáneamente, institución, en razón de que identifica, espontáneamente, institución y burocracia. Si la burocracia es lo que anula toda discusión, el juego de lenguaje postula la oposición sistemática a cualquier tipo de consenso. "Cada uno debe constituirse, en nombre de sí mismo de su diferencia, agonísticamente, contra lo homogéneo, lo armonioso, lo universal declarado reductor? El riesgo: que cada uno se tome por su verdad. Considerando cada uno que hay tantas verdades como individuos..."(2) De un modo tal, el discurso se constituye como ejercicio contra otro discurso, como puro des-acuerdo, reteniendo poco de la conservación de un conocimiento posible.

Del autoritarismo homogeneizante y aniquilador al disenso absoluto, una circularidad improductiva se cierra en un riesgo de esterilización. El intento de descapturarse de todo atrapamiento por el discurso totalizante recae en pura confrontación agonística (3). Erigido el discurso como paradigma del lazo social, del modo de confrontación teórico, parecerían caer las redes que posibilitan que una discusión ejercida pueda corroborarse con un saldo de conocimiento acrescentado. Del autoritarismo homogeneizante al disenso absoluto, se plantea un bascular que no cierra sino en un circuito estereotipado, cuyo enriquecimiento se ha entorpecido definitivamente.

De qué modo lo vemos emerger hoy en el campo psicoanalítico? Sabemos, y nos vemos obligados a proponerlo con la fuerza de una aseveración dolorosa, que el psicoanálisis está en crisis. Sabemos también que esta crisis no es algo "que le caiga desde afuera" al psicoanálisis, no es el puro afecto de una crisis externa, referida a la economía o a los modos sociales de ejercicio del poder; el psicoanálisis arrastra su propia crisis, interna de un campo del conocimiento que no logra normalizarse estructurando sus paradigmas como verdades aceptadas por la comunidad científica de pertenencia.

Durante años se ha obturado esta crisis, haciendo tabla rasa con las contradicciones de la obra freudiana y superponiendo a ella una lectura de la misma que la hace devenir "sistémica", sometiénola a un proceso de elaboración secundaria. La intención de constituir un "Lector Supremo" no sólo ha anulado el carácter lacunar y contradictorio de la misma sino que ha tomado por separado cada uno de sus elementos para hacerla jugar en la dimensión de una obra diversa. De tal modo, no es infrecuente que escuchemos hoy, invocando el nombre de Freud, enunciados que jamás no solo se hacen explícitos bajo su pluma, sino aquellos contra los cuales se embarcó en ciente polémica a lo largo de su vida; o contraponer un argumento parcialmente extraído de sus textos en el interior de una polémica perdiendo de vista que unos años después él mismo reformularía los términos en los cuales ese argumento fue ofrecido.

Cada transmisor se ha erigido, de uno u otro modo, en lector supremo. Sea ello siguiendo lo propuesto por un maestro al cual adhiere, sea como efecto de una cierta tendencia inmanente a un modo de aproximación epistémica de la obra. De tal modo, no sólo vemos escuelas enteras establecerse sobre uno o dos textos freudianos sino aún desconocer la existencia del resto de sus escritos. En el peor de los casos, la citación toma el carácter de un "recurso a Freud"; así, vemos establecerse afirmaciones del siguiente orden: "El yo se rige por intereses vitales (Freud, 1914)" como soporte de todo un discurso destinado a poner de relieve una idea del autor de dicho texto y, en la misma publicación psicoanalítica, diez páginas más adelante: "El yo es una estructura libidinal efecto residual del amor parental (Freud, 1914)" mediante lo cual otro propone un desarrollo totalmente distinto.

Dos posibilidades quedan abiertas entonces ante el joven aprendiz de analista: o se enloquece con este verdadero proceso primario fragmentario y superpuesto con el cual las publicaciones recuperan parcialmente enunciados freudianos, o adhiere dogmáticamente a una corriente y, para evitar la confusión desestructurante, se rehusa a leer todo lo que no sea concordante con aquello dominante en la tendencia que ha elegido. No son sin embargo estas las dos únicas opciones. La tercera de ellas, característica por

otra parte de un modo de enunciado que Jean F. Lyotard ha denominado como *diferendo*, tiene las características que enumeraremos a continuación.

El diferendo: reducción y subordinación a una sola legitimidad

En su texto "El diferendo" (4) J. F. Lyotard contrapone dos tipos de modos de confrontación: el litigio, caso de conflicto entre dos partes que puede ser zanjado por un juicio que remite a una regla común y, por ende, a un solo género de discurso, y el diferendo, que representa el caso de un conflicto que no puede ser zanjado con ayuda de una regla de juicio aplicable a las argumentaciones opuestas. El diferendo designa el caso en el cual el demandante es despojado de los medios de argumentar y deviene una víctima, dado que el conflicto que opone a los contrincantes es traducido en el idioma de uno de ellos en tanto que el daño que el otro sufre no significa nada en este idioma. El diferendo remite, por ende, a la cuestión de la legitimidad; y es en función de que habiendo dos órdenes de legitimidad una de ellas anula a la otra que la víctima queda sin sistema referencial en el cual protegerse. A partir de ello la incompatibilidad es total, dado que los regímenes que legitiman los enunciados corresponden a órdenes distintos. En tal caso, quedan dos opciones, o se reconoce la imposibilidad absoluta de legislar acerca de la verdad, o se remite la legitimidad de los enunciados de uno de los contrincantes a la del otro y en tal sentido, el enunciado es anulado.

Veámoslo en uno de esos ejemplos que "dejan mudo" y someten a angustia extrema a un ser humano: Una mujer que sospecha que su marido la engaña, encuentra en la cajón de éste una nota de restaurante de una cena para dos personas cuya fecha corresponde a un día en el cual, supuestamente, el ha debido quedarse trabajando. Cuando lo increpa él la ataca acusándola de que ha hecho intromisión en su intimidad, de que "con alguien así no se puede vivir, ya que uno no tiene privacidad", y que todo esto lo hace pensar sobre qué bases pueden constituir una pareja. Evidentemente, los sistemas de legitimidad corresponden a órdenes diversos: uno de ellos sostiene como valor la fidelidad, el otro la privacidad. El carácter perverso de la situación

está dado por el hecho de que este último orden de legitimidad ha sido acuñado a último momento, y produce ora risa ora indignación en el espectador ajeno al conflicto, en la medida en que se reconoce la vieja regla de que la mejor defensa es el ataque; pero, de hecho, asistimos a un diferendo que despoja del derecho de litigar a uno de los miembros haciendolo devenir víctima. En un caso tal ya no hay litigio.

En ciertas discusiones teóricas a que nos vemos obligados a asistir en el medio psicoanalítico, es frecuente también que la confrontación tome el carácter de un diferendo y no de un litigio. Supongamos que la discusión verse alrededor de una cuestión teórica del origen siguiente: un analista relata el caso de un niño encopretico para el cual el pene aparece como un objeto "no abrochado", despegado de su propio cuerpo. Analiza esta cuestión desde una perspectiva puramente freudiana, remitiéndolo a los modelos del narcisismo originario y de las identificaciones masculinas fallidas; un colega lo increpa, desde otra perspectiva teórica: por qué no ha hablado Ud. del objeto a? El discurso del primer analista queda de inmediato invalidado, en la medida en que un solo orden de legitimidad teórica es reconocida; en razón de ellos, uno de los contrincantes queda anulado en sus posibilidades discursivas, o debe someterse al sistema de legitimidad propuesto por el otro; en términos de Lyotard, ha devenido víctima.

Imaginemos ahora que, de un modo totalmente distinto, el segundo analista, aquel que considera haber encontrado un hallazgo fecundo en la teoría del objeto a en psicoanálisis proponga: "Ha considerado Ud. la posibilidad de ejercer una lectura de este material clínico desde la siguiente perspectiva? Y exponga a continuación una lectura del mismo bajo los esquemas teóricos por los cuales se rige. Habremos dado, evidentemente, un paso adelante en la consecución de un modelo más democrático para el intercambio discursivo entre analistas -; y ello no es poco!; no se habra producido un daño, ya que este último no desautoriza-repudia, en el sentido de una Verwerfung - el orden de legitimidad en el cual se basa el trabajo de su colega; sin embargo, desde el punto de vista del conocimiento, sólo se habrá reconocido que dos órdenes de legitimación teórico son posibles, y cada uno de

ellos quedará solitario sin "puesta a prueba" ni verdadera confrontación.

La situación no es sencilla. Quienes presencien el debate se verán, en última instancia, llevados a optar o bien por lo que ya traen como modelo teórico - con lo cual no harán sino corroborar lo que ya saben-, o bien por las simpatías transferenciales circunstanciales derivadas de la agilidad de los "agonistas". Habrá tantas verdades como sujetos participen de la discusión; a lo sumo algunos se alinearán en los bandos cuya fuerza defina el movimiento discursivo ... La relación de fuerzas, complejo sistema de equilibramiento de estrategias verbales y transferencias previamente establecidas, culminará con el triunfo o la derrota, puramente narcisística, de una u otra línea.

Una pseudo-democratización nos permitirá pasar del diferendo a la confrontación "agonística", sin que ello implique realmente un trabajo en el despejamiento de la contradicción.

Contraposición, contradicción, un modo de "hacer trabajar" el psicoanálisis

Una de las dificultades mayores que ha impedido una lectura "en contradicción" - para volver a esta cuestión ya señalada de la crisis del psicoanálisis - de la obra de Freud es, evidentemente, el prejuicio positivista. Concebida la obra de Freud como herramienta para un "saber práctico", ausente la posibilidad de someter a prueba una cientificidad dada por supuesto, los analistas se limitaron, durante años, a repetir sus enunciados fragmentando sus órdenes de pertenencia y anulando, de tal modo, la posibilidad de encontrar determinaciones posibles para un trabajo de la contradicción. Que un "continuo homogéneo cronológico" no sólo no permite abrir la contradicción sino que es el mejor modo de mantenerla fuera de un develamiento posible lo hemos aprendido en nuestro quehacer clínico. A quién se le ocurriría tomar por "verdadero material" un relato pormenorizado de la vida de un paciente, relato cronológico que nos permite conocer su "historia oficial" pero qué, de hecho, no abre ningún orden de significación posible; un relato así satisface una curiosidad pobre, anecdótica, no inaugura fuentes de ruptura por las cuales brota una

nueva historia.

La cuestión de la contradicción en el plano del conocimiento es tal vez uno de los problemas centrales que nos ocupan. Adorno lo formulaba en su polémica con Popper en los siguientes términos: "La contradicción no tiene por qué ser, como Popper supone al menos aquí - se refiere al Coloquio sobre el Positivismo que propició en encuentro realizado en 1968 - una contradicción meramente "aparente" entre el sujeto y el objeto e imputable exclusivamente al sujeto en calidad de insuficiencia del juicio. Antes bien puede tener su lugar - un lugar en extremo real - en la propia cosa, siendo, en consecuencia, ineliminable del mundo por simple aumento del conocimiento o por mayor claridad en las formulaciones"(5). La contradicción, siguiendo en esto la famosa idea hegeliana, es contradicción necesaria que se desarrolla en la cosa misma. Y Adorno culmina: "No sería difícil reprocharme una equivocación: en Popper el problema es algo de naturaleza exclusivamente epistemológica en tanto que en mí es a un tiempo algo práctico, en último término una circunstancia problemática del mundo. Ahora bien, lo que está en juego es precisamente la validez de tal distinción. Introduciendo en la ciencia una separación radical entre sus problemas immanentes y los reales, pálidamente reflejados en sus formalismos, lo único que se conseguiría es una auténtica fetichización de la misma (6).

La "renegación" de las contradicciones de la obra freudiana tiene entonces su raíz en algo de este orden. En primer lugar, en la suposición positivista de que la contradicción es un "error de juicio", a partir de lo cual, un Freud inimputablemente omnisciente no podría ser sometido a imputaciones de tal tipo. Si la contradicción es algo que opera del lado del sujeto - un problema de "juicio" - no hay entonces posibilidad tal en la obra freudiana y más aún, cuando la contradicción salta a la vista, es problema del juicio del lector, que "no ha entendido bien". Del lado de la cosa misma, por el contrario, la contradicción aparece como irresoluble, y si no se concibe a la teoría como puro "reflejo" de la realidad de la contradicción si, se respeta la autonomía y los órdenes de pertinencia que definen el accionar teórico, la teoría en su sentido más estricto - la metapsicología - queda sometida a una fetichización. Entonces cuando "se teoriza" la clínica, y ello con la

mejor voluntad, no queda más remedio que una parcialización de los enunciados que de cuenta de aspectos parcialmente verdaderos en el intento de capturar la contradicción de la cosa. Pero toda posibilidad de conocimiento y confrontación son anulados: "Ah, Ud. ve esto, pues fíjese que yo veo tal otra cosa".

En psicoanálisis, al menos como nos lo propuso Freud, el problema de la contradicción toma una derivación central: la del conflicto. La contradicción no es patrimonio del inconciente, el inconciente se rige por la no contradicción; la cuestión de la contradicción es inherente al sujeto psíquico en sentido reducido, como sujeto centrado en el yo, como tendencia a la expulsión a otra tópica de aquello que resulta perturbante para sus certezas - acerca de sí mismo, en primera instancia, pero también acerca del mundo, de los objetos-. Inevitablemente, en su proceso de cercamiento del objeto, y de un objeto cuya característica es sustraerse - tal la cualidad del inconciente - Freud atraviesa un camino sinuoso y complejo de idas y vueltas que no puede resumirse en una recta ascendente; a lo sumo en una espiral contradictoria.

Los enunciados cobran órdenes de pertenencia distintos, Y dan cuenta de diversos movimientos en la aprehensión del objeto. En ciertos momentos, por ejemplo, el narcisismo - contrapuesto al amor de objeto-, es equivalenciado al autoerotismo -y una perspectiva cognoscitivista encuentra todo su aval para superponer una psicología de la apertura hacia el objeto de conocimiento a partir del objeto exterior al yo-; en otros momentos, el narcisismo encuentra su estatuto en el orden de una economía libidinal que lo diferencia del autoerotismo y cuyas consecuencias inauguran las diferencias entre la sexualidad disgregante del inconciente y el amor totalizante del yo. Problemas de derivación de lo sexual a lo amoroso se abren en una perspectiva de comprensión de los trastornos clínicos cuyas consecuencias técnicas no son simples. Y esto no sólo en momentos distantes cronológicamente, sino a veces con dos páginas de diferencia, sin fechaciones distintas. Quien haya leído más o menos cuidadosamente "Pulsiones y destinos de pulsión" verá emerger, en dos páginas sucesivas, dos definiciones del apuntalamiento -de la famosa Anlehnung que da surgimiento a la pulsión-, en el primer caso Freud coloca el apuntalamiento del lado

de lo somático, en el segundo, del lado del objeto-sexual? de amor?-. Esto obliga, evidentemente, al lector a hacer un trabajo donde dos enunciados contradictorios sean remitidos a sus respectivos órdenes de pertenencia teórico, los cuales someramente podemos definir como una vertiente del surgimiento de la sexualidad por delegación de lo somático en lo psíquico, y otra vertiente por “deposición-inscripción” del objeto sexual en la instalación de la pulsión.

Si hay que “hacer chirriar las bisagras de la teoría hasta el último gozne”, como propone Jean Laplanche, ello no es sino porque en su develamiento-ocultamiento el objeto mismo se abre en el plano de una contradicción que se ejerce bajo el modo del conflicto ante el sujeto que queda capturado por las determinaciones de un inconciente cuya insitencia desconoce.

La contradicción no se define entonces ni como un problema del juicio lógico, ni como un existente en la cosa misma del cual la teoría no podría descapturarse, sino como un movimiento complejo de aprehensión de la cosa por un discurso que despliegue la contradicción en lugar de reflejarla u obturarla bajo los modos de la reificación de este discurso.

Para volver a Adorno, el cual plantea en el interior de las ciencias sociales la cuestión: “El hecho, por otra parte, de que la concepción del carácter contradictorio de la realidad social no sabotea su conocimiento ni lo entregue al azar, se debe a la posibilidad de concebir incluso la propia contradicción como necesaria, extendiendo así a ella su racionalidad” (7)

Los psicoanalistas nos debatimos hoy en la búsqueda de una resolución del antidogmatismo que no nos precipite en el eclecticismo; hemos recorrido un camino demasiado difícil como para volver atrás, y este camino devendría una banalidad si no nos conduce a una fuerza de rigorización no dogmática.

En esa búsqueda, no se trata de producir “actos” sino de abrirnos a un nuevo proceso de reflexión. Estos “actos” pueden inaugurar una nueva perspectiva política, pero no redundan, de hecho, en un enriquecimiento conceptual. Supongamos un panel, un congreso, una publicación, que se caracterice hoy por su apertura hacia las diversas tendencias que

operan en interior del pensamiento psicoanalítico contemporáneo. Cada uno escribe, o habla, al lado del semejante, sin tocarse, sin intercambiar, sin debatir: Bion al lado de Lacan, Klein junto a Dolto; la coexistencia témporo-espacial con el contrincante teórico aminora las inquinas, y ello es condición necesaria del diálogo, pero no suficiente. Si cada una de las teorías no es revisada en su fundamento, si no se trabaja una propuesta de elaboración de las contradicciones y abordaje de su resolución por relación e la obra freudiana y en el interior de la misma, es imposible que se “normalicen” los paradigmas que permitan al psicoanálisis de su situación de ciencia en crisis permanente.

La creencia, el malentendido

Nos hemos habituado a considerar el malentendido como una forma espúria de la comunicación. Ello no así en la comunicación cotidiana, mucho menos en la amorosa, sin embargo, el malentendido no es sólo un error impalpable en su fuente, sino un error inverterado y durable en sus consecuencias. Para que haya malentendido es necesario no sólo haber entendido mal, sino no darse cuenta de inmediato, o, al menos, hacer como que uno no se ha dado cuenta de inmediato -de este modo que hemos elegido para desarrollar nuestras ideas lo propone el filósofo Vladimir Jankélévitch en los pequeños y bellos volúmenes que se llaman “El yo no se qué y el casi nada” (8): “Al orden legal o escrito el malentendido superpone un orden no escrito o implícito, y este orden tiene por efecto hacer viable la coexistencia de los egoísmos, permitiendo por ejemplo la violación de reglas inaplicables que exigen teóricamente ser observadas pero toleran prácticamente ser trastocadas, y son incluso hechas para ello. ; A Dios gracias, los hombres tienen la oreja un poco dura y no comprenden de entrada lo que se les dice!... Gracias a ese lubricante del malentendido las relaciones interpersonales chirrían un poco menos... El malentendido trama, entre los caníbales que podríamos volver a ser, una especie de *modus vivendi*, y todo un ceremonial convenido de ligazones imaginarias y pseudo-reconciliaciones. Así, decir que el malentendido tiene una función social es

poco: él es la sociabilidad misma". (9)

Cuando el objetivo de las reuniones de los científicos se subvierte, y se pone al servicio de las alianzas políticas -tendenciales, institucionales- o aún, en su aspecto mas degradado, económicas, es indudable que el malentendido debe cumplir una función que evite el despedazamiento mutuo. Pero en este caso no es el saber aquello que se preserva, sino puramente un juego instituyente o descalificante en el cual más que al servicio de la ampliación del conocimiento lo que se pretende es el fortalecimiento de algún tipo de ensamblaje piramidal que posibilite la adquisición, mantenimiento o destitución de las posiciones de poder.

Es imaginable una discusión entre Einstein y Neils Bohr (10) respecto a las diferencias entre la teoría cuántica y la teoría de la relatividad que terminara con la siguiente afirmación: "Después de todo, estamos hablando de lo mismo"? Al menos, ellos sí se pusieron de acuerdo; respecto al desacuerdo...! Sin embargo, cuántas discusiones terminan en una confusión en la cual los analistas parecen estar hablando de lo mismo cuando los conceptos que barajan no solo entran en contradicción entre ellos sino en el interior de sus propios desarrollos. Es esto producto de que los analistas serían más "narcisistas" que el resto de la comunidad científica, y que debido a ello no aceptarían la confrontación o harían como que esta no existe cuando de hecho se produce, porque cuando la asumen llegan al canibalismo más despiadado? No nos parece una explicación tal de suficiente peso. Más aún, sería necesario demostrar mediante grados de narcisismo, con un especie de "narcisómetro", a qué comunidad intelectual le corresponde una calificación de tal tipo, y ello, afortunadamente, es indemostrable.

De todos modos, el malentendido, que opera fructíferamente en la mayoría de las relaciones sociales que tienden centralmente a la preservación de los juegos o al impedimento de la expansión agresiva, es precisamente aquello que ponemos en tela de juicio, constantemente, en nuestro oficio de analistas. Cuando preguntamos "qué quiere decir egoísta..." a "a qué se refiere cuando dice amarla"... "qué es un caballo"... (cuando pedimos, en suma, asociaciones), intentamos

la disminución de la polisemia, en ese momento puntual, al grado cero. Sabemos que esta reducción es imposible en las lenguas naturales, en los lenguajes no matemáticos, pero es sin embargo una tendencia anhelable, y así intentamos ejercerla en nuestra práctica cotidiana. No es del mismo modo como debemos operar en la lectura y en la revisión de textos, y a falta de asociaciones, tomar los discursos existentes alrededor de lo mismo para ejercer este procesamiento de reducción polisémico? La cuestión es que todo lo que queda en los bordes, el resto, no es anulable, debe ser reinscripto de algún modo hasta que deje de insistirse en el sujeto, sea en la teoría.

Poner a jugar la clínica por relación a la metapsicología, y luego la metapsicología vigente en los textos freudianos - y no nos referimos sólo a los de 1914-15 sino a todos aquellos que intentan una formalización que no se propone sólo como resumen de la experiencia sino como reformulación conceptual misma-reemplazada en sus propios órdenes de referencia, he aquí una verdadera tarea de normalización del psicoanálisis.

Volvemos desde este movimiento que efectuamos a la reformulación de la cuestión de la confrontación en psicoanálisis. La teoría nunca se detiene sino en el propio elemento que de inicio arrastraba como un lastre. No se trata sólo de que "hasta aquí llega" una formulación teórica, sino de que en este hasta aquí se ponen en evidencia las impasses originarias que permitiéndole avanzar hasta un punto, paralizan su fecundidad futura. Si hay algo que se pone en evidencia en la obra freudiana es que, paradójicamente, el descubrimiento del concepto ampliado de sexualidad - como sexualidad infantil, pulsional, autoerótica -, se inscribe en una propuesta centralmente endogenista que no puede sino culminar, en la segunda tópica, con el ello filogenéticamente heredado. A partir de esto, es imposible, sin este procesamiento de deslinde, aceptar simultáneamente el modelo del capítulo VII - modelo de inscripciones, de huellas mnémicas - sin poner en revisión el concepto de filogénesis. Un verdadero malentendido que culmina en confusiones irresolubles correspondiente a enunciados del siguiente tipo: "la huella mnémica es lo que luego Freud llama el representante-representativo pulsional" - perdiéndose

de vista que si el primer concepto alude a la constitución exógena del inconciente el segundo es impensable sin el paralelismo psico-físico y, en definitiva, se juega un endogenismo para el cual lo externo y lo interno deben ser redefinidos.

Más brutal es aún el intento homologador cuando uno se ve confrontado a cuestiones del siguiente orden: “Ud. piensa que el espacio transicional de Winnicott debe ser ubicado en el orden de lo imaginario o de lo simbólico en Lacan?” Cuando para ello tendríamos que definir previamente el lugar que Winnicott otorga a un orden terciario, ordenador de los intercambios en el sentido que la estructura del Edipo ocupa en Lacan, y ver si los fenómenos que explora pueden ser concebidos en un orden de explicación de este carácter. No se trata de agregar Winnicott a Lacan, o viceversa, sino de ver si las estructuras teóricas tienen coordenadas capaces de ser intersectadas, y de no ser así, de explorar en cada una de las teorías en cuestión a partir de una toma de posición que no subordine al modo del diferendo la potencialidad discursiva de una de ellas.

Supongamos que tomemos el siguiente enunciado winnicottiano: “La ‘madre’ suficientemente buena (que no tiene por qué ser la del niño) es la que lleva a cabo la adaptación activa a las necesidades del niño para hacer frente al fracaso en materia de adaptación y para tolerar los resultados de la frustración” (11). En principio, “madre”, alude a función, no a engendramiento biológico; en segundo lugar, esta función está definida no por la capacidad de otorgar protección vital sino por “capacidad activa de adaptarse a las necesidades”, necesidades que incluyen, como vemos unos párrafos más adelante, la posibilidad de generar una ilusión omnipotente de posicionamiento del pecho... Por último, debe efectuar estas tareas haciendo caso a las posibilidades crecientes del niño de tolerancia a la frustración y a sus propios fracasos adaptativos. Winnicott no indaga sobre qué es lo que lleva a la madre a poder llevar a buen término o no esta función; no está en su orden de intereses, le preocupa más desde la perspectiva que aborda comprender cómo el niño pasa de la ilusión omnipotente de posesión del objeto -pecho- al principio de realidad. Incluir al inconciente materno, así como el orden que establece la matriz simbólica en la cual se estructuran los

intercambios entre la madre y el niño es cuestión nada despreciable, y los psicoanalistas actuales nos podemos dedicar a ello. De todos modos, ello no se produce como movimiento de sumatoria, sino como reinscripción y reformulación en el interior de cada una de las teorías en cuestión. Indudablemente la adscripción de Winnicott al psicoanálisis de origen anglosajón no puede hacernos olvidar que nunca se planteó, en la línea dominante en que su obra se inscribe, la cuestión de la constitución del inconciente; a lo sumo, aquella que hace a su destino en la tópica psíquica. De tal modo, es necesario explicitar estas diferencias y en ese marco retranscribir -al modo de Niederschrift, en las cuales algo necesariamente se perderá al pasar a un registro diferente, los posibles paradigmas estructurantes del psicoanálisis de niños.

Lo que de ningún modo se puede hacer, es remitir el orden de legitimidad winnicottiano al lacaniano, so pena de constituir un verdadero dano al corpus teórico. El silenciamiento del proceso discursivo originario es lo que está en cuestión cuando se anulan los órdenes de pertenencia, y es aquí donde nos encontramos en pleno diferendo.

Quienes han hecho por ejemplo, tabla rasa con los conceptos anteriores al edipo complejo y homologan este a la instauración de la metáfora paterna, no proceden de otro modo cuando se trata de conceptos realmente intranscribibles en la obra de Freud. Decir que la represión originaria -que fuera abordada de inicio en el texto de La represión de 1915- puede ser instaurada en el momento del fort-da, pierde de vista que un largo procesamiento debería ser establecido para que esta conclusión no tenga el viso absurdo que assume cuando se postula en un intento de hacer entrar lo incognoscido en los órdenes de lo poco sabido. No se trata sólo de que Freud nunca lo haya explicitado en este orden, sino que faltan los entronques teóricos pertinentes. A saber: el fort-da es empleado como modelo de los primeros modos de dominio del traumatismo regido por algo que va más allá del principio del placer. En tal sentido, parecería jugarse más el modo de los mecanismos que Freud mismo ofrece, cinco años antes de formular este concepto de compulsión de repetición, cuando ortoga en “Pulsiones y destinos de pulsión” ese modelo, abierto de la

fundación de los grandes movimientos pulsionales, "transformación en lo contrario" y "vuelta contra la persona propia". Si ello es así, el fort-da es el modelo de los primeros movimientos de dominio de lo pulsional bajo un modo de apoderamiento de la ausencia-presencia del objeto; queda sin embargo abierta la cuestión de si ambos mecanismos estructurantes - transformación en lo contrario y vuelta contra sí mismo - corresponden en su constitución lógica a un mismo momento o aluden a fundaciones diacrónicamente estructurada -. Todo parecería indicar, de todos modos, que el fort-da más que ofrecer un modelo de la represión originaria ofrece nuevamente un modelo de las primeras estructuraciones defensivas de los destinos pulsionales anteriores a la represión originaria.

Intento, a través de estas líneas, ofrecer algunos ejemplos de la complejidad teórica con la cual nos enfrentamos y de la facilidad con la cual se zanján a veces por decreto, desde una perspectiva posmoderna - hay tantas verdades como sujetos, hay tantas verdades como psicoanalistas -, las grandes cuestiones abiertas.

Por supuesto, estamos lejos de un ideal epistemológico de la armonía con la cual se soñó a mediados del siglo a partir de la solución estructuralista. Y a partir de ello, retomando a Adorno para hacer una equiparación entre nuestros problemas y los de los cientistas sociales: "Parece innegable que el ideal epistemológico de la elegante explicación matemática, unánime y máximamente sencilla fracasa allí donde el objeto mismo, la sociedad (en nuestro caso el aparato psíquico atravesado, más aún, constituido por el conflicto), no es unánime ni sencilla, ni viene entregado de manera neutral al deseo o a la conveniencia de la formalización categorial, sino que es, por el contrario, bien diferente a lo que el sistema categorial de la lógica discursiva espera anticipadamente de sus objetos. La sociedad es contradictoria, y, sin embargo, determinable [al igual que nuestro objeto, el inconsciente, tal como lo formuló Freud en su exordio al texto de la metapsicología (12)]; racional e irracional a un tiempo, es sistema y es ruptura... A ello debe inclinarse el proceder todo de la sociología. De lo contrario incurre, llevada de un celo purista contra la contradicción, en la más funesta de todas: en la contradicción entre su estructura y la de su

objeto"(13)

Evidentemente, no se trata de volver a la creencia dogmática, tampoco de disolver la función de transferencia por decreto en la transmisión del psicoanálisis. Se trata, en nuestra opinión, de que cada productor de teoría pueda hacer entrar en juego sus propios enunciados en el sistema de contradicciones que pone de relieve, y en el movimiento de apropiación de conocimientos transmita tanto su procesamiento como las cuestiones problemáticas abiertas a una dialectización de las discontinuidades en las cuales nuestro saber se instituye como conocimiento verdadero, tanto en su carácter clínico como en sus posibilidades de trascender un saber práctico.

Notas

- 1) Según la definición que ofrece el Petit Robert
- 2) J. Ch. Ruby "Jean Francois Lyotard et l'enthousiasme expérimentaliste" en M. publicación mensual, Paris, N. 24, Noviembre-diciembre, 1988, p.58
- 3) Empleamos agonístico en su acepción griega, que comprende al mismo tiempo lucha y angustia.
- 4) J. F. Lyotard, *Le differend*, Ed. Minuit, Paris, 1983 (Hay reciente traducción al castellano).
- 5) T. Adorno, "Sobre la lógica de las ciencias sociales", en Popper, Adorno, Dahrendorf, Habermas, *La lógica de las ciencias sociales*. Ed. Grijalbo, México, 1978, p. 32 (Trad. del alemán de *Der Possitivismusstreit der deutschen Soziologie*, Herman Luchterhand Verlag, 1969).
- 6) Ibid. p.33
- 7) Ibid.
- 8) V. Jankélévitch, *Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien*, Ed. du Seuil, Paris, 1980, Vol. II
- 9) Ibid. p.211
- 10) Ambas teorías -la cuántica y la de la relatividad- constituyen los dos pilares de la física moderna. Sus contradicciones no pueden ser resueltas por medio del juicio, aluden a campos de la realidad diversos. Un excelente tratamiento del tema puede encontrar el lector en: Barry Parker, *El sueño de Einstein*, Ed. Cátedra, Madrid, 1990.
- 11) D. W. Winnicott, *Realidad y Juego*, Granica Editor, Buenos Aires, 1972 p.27
- 12) Pequeña introducción cuyo valor epistemológico no ha sido, en nuestra opinión, suficientemente explorado aún por el psicoanálisis.
- 13) Op. cit. p.38.

IV - CONFERÊNCIA

Recordação*

ANTONIO MUNIZ DE PEZENDE**

O "Jornal de Psicanálise", órgão da Associação de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, propõe a seguinte questão: o que é um psicólogo? Pergunta difícil de responder. Talvez por isso, os textos enviados para o concurso de identificação do que é um psicólogo, que foram enviados para o concurso de identificação do que é um psicólogo, foram enviados para o concurso de identificação do que é um psicólogo.

Correção: com as palavras de Heidegger, a palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo.

Depois de uma longa discussão, o "Jornal de Psicanálise" decidiu que a palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo.

Depois de uma longa discussão, o "Jornal de Psicanálise" decidiu que a palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo.

Depois de uma longa discussão, o "Jornal de Psicanálise" decidiu que a palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo.

Depois de uma longa discussão, o "Jornal de Psicanálise" decidiu que a palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo. A palavra "ser" é usada para designar o que é um psicólogo.

* "Jornal de Psicanálise", Ano VII, nº 10, Maio de 1970, p. 10.

** "Jornal de Psicanálise", Ano VII, nº 10, Maio de 1970, p. 10.

Heidegger e Melanie Klein: Gratidão e Recordação*

ANTONIO MUNIZ DE REZENDE **

O “Jornal de Psicanálise”, revista do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, propôs a seguinte questão: o que é um psicanalista? Pergunta difícil de responder. Fiquei pensando, em termos pessoais, como gostaria de ser identificado. Acho que como alguém que tenta pensar psicanaliticamente a Psicanálise. Com isso, já estou também anunciando o tema desta palestra. Os textos a serem lidos são: de Heidegger, o volume “Que significa pensar?”, que pode ser encontrado tanto no original “Was heisst Denken?”, como na tradução francesa “Qu’apellet’on penser?”, e de Melanie Klein, “Inveja e Gratidão”.

Começarei com as palavras de Heidegger na terceira lição: “O que é que denominamos com essas palavras: pensar, pensado, pensamento? Para que âmbito da linguagem estão elas apontando? O pensado, onde é que fica? Ele necessita da recordação.”

Ao pensado e seu pensamento - GEDANK - pertence a gratidão - Dank”. O jogo de palavras em alemão é importante porque, na realidade, o que Heidegger está mostrando é que há uma afinidade não apenas etimológica mas a partir daquilo mesmo que é a vida destas palavras, a partir do interior, de dentro. Seria necessário ler o texto todo de Heidegger para em seguida confrontá-lo com o de Melanie Klein.

Com esta pequena introdução estou querendo mostrar como o título “Recordação e Gratidão” é ao mesmo

tempo kleiniano e profundamente heideggeriano. Citei uma frase de Heidegger e cito agora uma de Melanie Klein. Esta por exemplo: “A gratidão acha-se estreitamente ligada à generosidade. A riqueza interna deriva de haver-se assimilado o objeto bom, de sorte que torna possível ao indivíduo assimilar um mundo externo mais amistoso, decorrendo daí a sensação de enriquecimento”.

Essa é a minha introdução. Gostaria de acrescentar algumas informações biográficas. Melanie Klein nasceu em 1882, Heidegger em 1889. Eles são contemporâneos. Não sei se Melanie Klein leu Heidegger e nem se Heidegger leu Melanie Klein. Suponhamos que não. Fica mais interessante ainda. Em uma publicação recente, organizada por Elias Mallet da Rocha Barros, ele introduz uma pequena nota dizendo que Melanie Klein costuma ser apresentada como psicanalista britânica. Não! Ela nasceu em Viena, é Austríaca, tendo sido analisada por Ferenczi, em Budapeste, e posteriormente por Karl Abraham, em Berlim. Somente em 1925 é que foi para Londres. Para lá levou alguma coisa que trazia consigo. A escola britânica de Psicanálise é devedora

** Psicanalista, Membro Associado do SBPSP; Membro do Departamento Científico Cultural do Centro de Estudos de Psicanálise.

* Palestra proferida dia 24-08-93 no Instituto Sedes Sapientiae, sob patrocínio do “Curso Formação em Psicanálise”.

a Melanie Klein de algo que ela trouxe do mundo austro-germânico. Aliás, como também Freud. Estou me referindo a isto porque acredito, junguianamente, num inconsciente cultural, num inconsciente coletivo. Acho que Melanie Klein e Heidegger têm muita coisa em comum. Se não se conheceram durante a vida, se um não leu o outro, melhor ainda. E a confirmação de um “back ground” cultural comum nós poderemos encontrar no tema que hoje vai ser desenvolvido. Acrescentaria que Melanie Klein teve um cliente importante, Wilfred Ruprecht Bion. Uma das coisas que a mim impressiona cada vez mais é o privilégio que Bion reconhece ao pensar, ao pensamento. Para mostrar como isso é importante, farei uma comparação. Ali onde Lacan privilegia a linguagem, Bion privilegia o pensamento. Algumas pessoas pensam que isso ocorre com Bion via Kant. Mas quanto mais frequente a obra de Bion, mais me convenço de que esse privilégio atribuído ao pensar ele deve muito mais a Melanie Klein do que a Kant.

Numa aula que proferi na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo tentei trabalhar essa idéia, respondendo à seguinte pergunta: é possível simbolizar a incógnita? Porque a mente é uma incógnita. Bion a chama de O, realidade última. E a resposta é a seguinte: a incógnita, por definição, é incognoscível; não há conhecimento da incógnita. Mas ela faz pensar. É a incógnita que desenvolve o pensamento. A Psicanálise de Bion, muito mais que conhecimento, é pensamento. E, eu acho, que ele deve isso a Melanie Klein, em relação à prática da Psicanálise. É claro que há também outras fontes.

Fiz a pergunta: é possível simbolizar a incógnita? Uma das principais contribuições de Melanie Klein para Psicanálise e para o pensamento psicanalítico é o que ela diz a respeito do símbolo. Um trabalho seu muito conhecido, e que reputo de importância fundamental, chama-se “Da importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”. A importante contribuição de Melanie Klein neste particular é exatamente uma concepção afetiva do símbolo - ao contrário de Lacan, por exemplo. Lacan deu uma extraordinária contribuição à Psicanálise ao distinguir o real, o imaginário e o simbólico. Para ele, o simbólico é como uma instância superior, que não depende de

nenhum de nós. É a instância de nomeação, a partir da qual podemos discriminar e dar nome às diversas coisas. Não digo que a posição de Melanie Klein seja contrária à de Lacan, mas ela traz, certamente, um aspecto complementar. Para Lacan, o simbólico fica, por assim dizer, acima do humano; para Melanie Klein, ele é profundamente humano, encarnado mesmo na experiência humana, na experiência de sermos humanos. A tal ponto que, falando kleinianamente, proponho que se traduza a palavra grega “symbolon” por cópula. O símbolo do humano é masculino/feminino, isto é, a reunião da diferença, a reunião dos diferentes.

Assim como Heidegger, através da etimologia, nos remete ao sentido mais profundo das palavras, também Melanie Klein. Ao nos falar de símbolo, ela nos remete ao sentido primitivo desta palavra: o símbolo era “um objeto primitivamente uno que duas ou mais pessoas repartem entre si no momento em que vão separar-se por um longo tempo. Cada uma conserva o seu fragmento. Quando mais tarde se reencontram, elas se servem de seu fragmento para se fazerem reconhecer. Com o reconhecimento, são reintegradas numa função nova com um nome também novo”. É importante chamar a atenção para o fragmento que é conservado. A conservação do fragmento significa, simbolicamente, o próprio vínculo existente entre as pessoas. Existe um vínculo entre as pessoas que romperam o objeto primitivo e conservaram seu fragmento como sinal de amizade que havia entre elas. A partir do contexto homérico, semelhante concepção de símbolo é a que se verifica no mito da Odisséia. Homero nos mostra Ulysses deixando Penélope e Telêmaco. Ele vai, mas Penélope fica e continua fiando. O fio, a fiação, o tecimento, é a vinculação. Fiava para manter o vínculo com Ulysses, pois, na realidade, ela foi literalmente assediada pelos pretendentes. Eles queriam ocupar o lugar de Ulysses, no trono e na cama. Isto é, queriam que ela rompesse o vínculo, o compromisso com Ulysses, para se casar com um deles. Ela, no entanto, permaneceu fiel: fiando, simbolicamente, de dia e desmanchando de noite. Em relação a Ulysses, há também uma passagem também simbólica, na travessia do estreito das sereias. Ao ouvir o canto das sereias, Ulysses pediu aos companheiros que o amarrassem

fortemente no mastro do navio para que, apesar de todos os chamados, de todas as seduições, ele permanecesse fiel, isto é, ligado. Só que para ligar Ulysses foi preciso uma corda e não apenas um fio, como para Penélope. Tudo isso é simbólico.

Pretendo agora estabelecer a relação com Heidegger. Encontramos nele essa mesma problemática a partir da etimologia alemã, mas também a partir da latina. Pensar, diz Heidegger, é pesar. A palavra latina para pensar é o correspondente de ponderar. *Pondus*, em latim, é peso. Pensar é ponderar, é avaliar o peso das coisas, o peso dos afetos, o peso de nossas idéias. Pensar é pesar. E, para ele, o que merece ser pesado são as coisas graves. Grave no sentido latino da palavra, as coisas que têm peso. As coisas que têm peso são as coisas fundantes, os fundamentos.

É surpreendente a ligação entre pensar e recordação. Em grego, verdade é *alétheia*. Decompondo a palavra, temos o “a” privativo; e “*lethe*”, o esquecimento. A verdade é o não esquecimento, o não esquecido. O outro sentido da palavra verdade é desvelamento. Heidegger mostra isso muito bem. O que é desvelado é aquilo que foi ocultado. E o que foi ocultado é o desejo. O desejo enquanto negado, recalcado, reprimido e não realizado. Mas, isso é um outro assunto. Aqui queria ressaltar apenas que pensar é pensar a verdade, e pensar a verdade é não deixar esquecer as coisas que merecem ser lembradas.

É o nosso poeta quem o diz: “Louvação, louvação... do que merece ser louvado”. Na tradição grega, o que merece ser louvado são os fundadores. Há um livro intitulado “O papel dos poetas na Grécia Antiga”, de Christian Détienne. O papel do poeta é exatamente este: não deixar esquecer. Por isso o nosso poeta diz que vai “louvar o que merece ser louvado”. Na versão épica, são os fundadores da pátria; na versão filosófica, metafísica e psicanalítica, são os fundamentos da nossa própria constituição, do nosso eu, do nosso self. Mas para pensar o que merece ser pensado, nos diz Heidegger, nós contamos com uma herança. A herança é tudo isso que recebemos, que vem de trás e constitui nossa própria história. Nesse sentido, a recordação é a memória do que merece ser pensado. Portanto, a memória dos fundamentos da nossa própria constituição.

Passo agora para Melanie Klein. Estou tecendo o texto de Heidegger com o de Melanie Klein. A expressão recordar é profundamente kleiniana porque a memória, no sentido mais profundo, é função do coração: reCOR-dar. Outro dia, procurei mostrar a diferença entre memória, recordação e reminiscência. A reminiscência é o lado, digamos, eterno. Nós não recordamos o passado, mas o presente da eternidade. É uma referência a Platão, mas é também filosofia hindu. E é o pensamento de um teólogo chamado Karl Barth. Na mística hindu, não é importante lembrarmos de nosso nascimento. O nascimento é um episódio histórico, do passado. Nós nos lembramos é deste instante agora, em que o “atma”, o respirar, é atual. É agora que estou vivendo, é agora que estou em contato com a fonte de vida. Por isso, a meditação hindu não se volta para o passado, mas para este instante presente, em que me encontro e encontro a fonte de vida. É agora que estou em contato com ela. A recordação para Melanie Klein é a própria conservação do vínculo. O símbolo era um objeto primitivamente uno que duas ou mais pessoas repartem entre si no momento em que vão separar-se por um longo tempo. Cada um conserva o seu fragmento... Para Melanie Klein, o instante da separação é o nascimento.

Muitas vezes se diz que Melanie Klein faz análise de crianças. Eu acrescento: da criança que todos fomos e ainda somos... Em outras palavras, Melanie Klein não é tão somente uma especialista em análise de crianças, mas uma especialista na análise do infantil que há no adulto. Isso muda muito. Sobre isso, escrevi um artigo com o título: “Aspectos infantis na psicose de adultos”. Todos nós nos separamos ao nascer. E o que ficou em nós desta separação? Que possibilidade temos de conservar o vínculo? Um contexto clínico muito importante é exatamente a situação edípica. Estou trabalhando com um rapaz que tem evoluído muito. É um caso muito bonito. Na entrevista, no primeiro contato, na primeira sessão, ele me disse: “meu pai é um monstro, minha mãe é uma vítima”. Eu me perguntei, e perguntei ao longo de toda essa análise, com qual dos dois ele se identificou. O drama dele, até hoje, continua este, de não poder identificar-se com nenhum dos dois. Ele não pode manter um vínculo saudável nem com o pai (que era um monstro), nem

com a mãe (que era vítima). A problemática desse rapaz é a identidade sexual. O fragmento que é ele próprio, como instrumento do reconhecimento, ficou prejudicado. E sabem como? Ele tem fobia de assinar o próprio nome. Ele não pode apresentar-se. Quem é você? A esfinge o atormenta diariamente.

A memória e o reconhecimento dependem um do outro. Ao dizer isso estou trabalhando associativamente. Tenho que seguir o fio que me conduz no tecimento de meu texto. Não sou eu que conduzo o fio, ele é que me conduz. A palavra reconhecimento possui um duplo sentido: eu te reconheço; eu te sou reconhecido. Completo a frase, kleiniana e heideggerianamente, assim: só se reconhecem os que são reconhecidos entre si. A gratidão é fator de reconhecimento. A gratidão tem função cognitiva. Quando se estuda a metapsicologia dos processos cognitivos, descobre-se que a grande novidade (tanto para Melanie Klein como para Heidegger) é que a gratidão tem função cognitiva: conheço aqueles a quem sou grato; e, em sentido contrário, sou conhecido por aqueles que me são gratos. Daí, eu diria, a necessidade de completar esse livro de Melanie Klein ("Inveja e Gratidão") com um outro que escreveu conjuntamente com Joan Rivière, "Amor, ódio e reparação". Os invejosos não se reconhecem; os invejosos não são gratos entre si; os invejosos não têm possibilidade de simbolizar no reencontro. Inveja, nesse texto de Melanie Klein, é o contrário da gratidão. O drama do invejoso, seu sofrimento, seu sentimento de solidão, tem tudo a ver com a ingratidão; tem tudo a ver com a impossibilidade ou a dificuldade de reconhecer.

Deixem-me fazer um espécie de síntese para reequilibrar. Heidegger: Pensar, Dank, Gedank. Pensar, Ser grato. Pensar, pensar, avaliar, ponderar. Pensar, recordar, aletheia, não esquecimento. Pensar, guardar no coração. Pensar a herança, pensar o fundamento. Pensar as fundações, os fundadores, os pais. Pensar o que constitui. Pensar a identidade, pensar o reconhecimento, conhecer, reconhecer com gratidão. Pensar, pesar, recordar, guardar com afeto profundo a herança dos fundadores, que constitui a identidade e permite o reconhecimento. O ser. O ser eu mesmo com os outros.

A análise de Melanie Klein é um reencontro simbólico "O símbolo era um objeto primitivamente uno que duas ou mais pessoas repartem entre si no momento em que vão separar-se por um longo tempo. Quando mais tarde elas se reencontraram... cada uma se serve de seu fragmento para se fazer reconhecer...". Quando mais tarde elas se reencontram. Reparem que o reencontro é ao mesmo tempo com o analista e consigo mesmo. O que levamos ao analista é uma dificuldade em nos reconhecermos, digamos assim, uma dificuldade em termos reconhecimento para conosco. Isto é, chegamos à análise trabalhados pela inveja de nós mesmos.

A inveja de si mesmo é uma noção muito séria e, às vezes, difícil de entender, porque a inveja, diz Melanie Klein, tem essa característica de não atacar as coisas más, mas as coisas boas. Podemos usar expressões que são nossas, usadas pelo povo, ao falar do "mau olhado". Essa expressão é usada porque a palavra inveja vem do latim in-videre, que é ver mal, com maus olhos. Ao invés de olhar as coisas boas com alegria e querer que elas cresçam, o invejoso olha-as com maldade, querendo que elas morram. Por isso, acrescenta Melanie Klein, a inveja é a função da pulsão de morte. A pulsão de morte atacando as coisas boas nos outros e em nós mesmos.

Quando peço análise, estou pedindo a alguém que me ajude a me reconhecer. Por que existe esse problema do reconhecimento? A resposta é de Heidegger, de Melanie Klein, mas é principalmente de nossa experiência: durante a história vamos adquirindo as marcas de nosso percurso. Na verdade, as marcas nos identificam e nos diferenciam. Existe uma frase latina que diz isso com elegância: "quan mutatus ab illo", como você está diferente daquele que conheci! Pois bem, essa diferença (tema heideggeriano e de Lacan) começa na separação que ocorre entre o bebê e a mãe, como condição de vida: sem diferenciação, sem distinção, a vida é impossível. A simbiose não é boa nem para a mãe nem para o bebê. É preciso que haja separação. Ela começa no nascimento e vai intensificando-se ao longo da história. Nós temos as marcas do nosso percurso.

É assim que, quando volta, Ulysses traz a odisséia no coração. Ulysses, em grego, é Odisseus, e odisséia o

seu percurso. Ele traz consigo o seu caminho, de tal forma que seu nome é a própria história. Ela é seu nome novo. É por isso que se requer um reconhecimento especial. Não basta trazer as impressões digitais. O reconhecimento no reencontro é problemático sempre. Quando li a tradução francesa, percebi que a língua francesa permite mais um jogo de palavras, que o espanhol e o português escondem. Em francês dizemos "reconnaissance". Naissance é nascimento. O reencontro, no reconhecimento, é também um nascimento. Eu diria, o renascimento do adulto. Por isso digo que Melanie Klein não trabalha só com crianças. Ela trabalha com o renascimento do adulto, que se torna possível na situação transferencial, onde o vínculo permite ressimbolizar todo o percurso; onde o guardado, o censurado, vem à tona, não mais como proibido, mas como integrado. É o que Melanie Klein denomina de objeto bom, objeto bom internalizado. É o objeto internalizado que permite nosso próprio reconhecimento.

Numa fase muito importante, Melanie Klein diz que "o sinal da integração do ego é quando é capaz de amar o objeto bom total, o objeto bom integrado". A integração do objeto corresponde à integração do ego. O contrário da integração é a situação "esquizado". Essa palavra significa fendido, cindido, partido, dividido. Aquela partição inicial, se não elaborada, transforma-se, ao longo da vida, numa situação esquizofrenizada. Viver a separação sem vínculo é esquizofrenizar-se. A separação individualizante só não esquizofreniza se houver vínculo, e se este vínculo for conservado e cultivado. Aliás, isso é Freud, é Melanie Klein, é Lacan. Quer dizer, a esquizofrenia acaba sendo, por assim dizer, o protótipo de todos os problemas mentais, com a dificuldade de reconhecimento, de integração, de unificação.

Cito mais uma frase de Heidegger: "Guardar na lembrança é recolher". Esse recolhimento é a própria atitude analítica na função de estar em contato com o mundo interno. E é recolhimento no duplo sentido da palavra: de interiorização, recolhendo em si mesmo, e colher, coletar, reunir o que foi plantado, semeado e deu frutos. Mercedes Sosa cantando Violenta Parra: "Gracias a la vida que me ha dado tanto". A gratidão para com a vida é o contrário da pulsão de morte. A

pulsão de morte me impele a atacar a vida e a achar que não há nada de bom, nada que preste. Ao contrário, a gratidão é vital e vitalizante, permitindo o reconhecimento mútuo na integração num todo novo, em que cada um ocupa o seu lugar no desempenho de uma função também nova. As sessões transcorrem num permanente contato com a pulsão de vida e de morte. Nos nossos momentos mais doentios, ou mais psicóticos, nós nos deixamos levar pela inveja, pela destrutividade e nos atacamos. Nos momentos em que estamos nos reintegrando, em que temos mais saúde mental dentro de nós, nós nos recolhemos, nos reunimos e nos ressituíamos.

Para terminar, por onde talvez devesse ter começado, vou dizer uma palavrinha sobre Filosofia e Psicanálise: Heidegger e Melanie Klein. Penso que essa união é possível, mas tenho observado que a Psicanálise questiona a Filosofia, pelo menos a Filosofia antes da Psicanálise, na medida em que não lidava com as coisas escondidas. Mas a Filosofia também questiona a Psicanálise no sentido de ajudá-la a pensar com os recursos do próprio pensamento. Refiro-me a isso porque uma vez estava fazendo uma conferência e alguém me perguntou se não estaria psicologizando a Filosofia. Penso que não. Estou tentando ver até onde o próprio pensar - *gedanken* - nos proporciona um conhecimento mais aprofundado de nós mesmos. Tenho uma formação filosófica, mas ganhei muito quando pude fazer a aproximação entre Filosofia e Psicanálise.

Gostaria de continuar conversando com vocês, num encontro que permitisse o reconhecimento mútuo. Gostaria de poder ouvi-los, para conhecer o pensamento de vocês. Do estranhamento ao recolhimento.

P1(1) - Vou me permitir fazer o que você estava propondo: pensar o que seja pensar. Fiquei no exercício de fazer algumas ligações a partir do que você trazia, da leitura da introdução ao texto de Heidegger "Qu'appellet' on penser" e de uma questão dos alunos que estão estudando Melanie Klein, que se perguntam sobre a relação entre a simbolização e a cognição. Eles tem dificuldade em entender a questão da simbolização

(1) P1, P2, P3 etc referem-se a questões levantadas por participantes da platéia, ao Dr. Rezende.

e da diferença entre o pensamento e o conhecimento. Como se coloca a dimensão psicanalítica da questão do pensar? Vou retomar um pouco meu fio, porque falei, por enquanto, na introdução ao Heidegger, mas muito ocupado e muito atento à questão da tradução. É uma questão proposta por um colega. A pessoa que escreve a introdução se preocupa muito em mostrar como Heidegger propõe que pensar é num certo sentido uma tradução. Vou fazer minhas próprias associações, lembrando a insistência na frase “escutar à maneira grega”. Entendo que a proposta é de que o pensamento a que Heidegger está se referindo seja alguma coisa que se faz pensamento dentro do seu próprio terreno, mas precisando ir antes para o exílio. É a questão do estrangeiro. O que é próprio é mais difícil de ser adquirido. Então, é preciso primeiro passar pela fase do estranhamento para depois reconhecer aquilo que num primeiro momento se precisou estranhar, inclusive para se ter a distância. A questão da distância coloca a questão da metáfora, que coloca questão da tradução para uma outra língua, mas dentro da própria língua. Estou fazendo um apanhado de alguma coisa extremamente complicada, que também não entendo, mas que estou colocando para ver se fica mais claro. Dentro desse contexto, fiquei muito ligada com Klein e o que você disse a respeito de recordação, pensamento e lembrança. Especialmente, no ato do meu pensamento, escuto uma frase do Dr. Rezende dizendo que “viver a recordação sem vínculo é esquizofrenia”; e pensei: viver com vínculo é viver tendo suportado a dor. A dor da posição depressiva, a dor da separação e a dor que dá o peso, o luto. A posição depressiva engendrando o luto, engendra a dor e a dor dá peso, pondus, de ponderar. Da dor ao ponderar e ao poder pensar. Pensar aí adquire um outro sentido diferente do sentido cognitivista da palavra.

Rezende - Acho que tudo isso precisaria ser pensado com mais calma. Começaria pela referência feita aos gregos - “escutar a maneira dos gregos”. Uma mudança importante, sobre a qual Heidegger insiste, é a mudança de modo para falar a respeito do pensamento. Um primeiro modelo aparece, por exemplo, no uso da palavra teoria. Esta palavra vem do verbo “oráo”, que é ver, olhar. Derivados de “oráo”, temos eidos, idéia. O mundo das idéias, o mundo do pensamento, segundo esse modelo, seria o mundo do ver, da visão e das coisas vistas. Eis que, de repente, Heidegger nos fala

de peso, de pesar e ponderar. Esta é uma mudança importante, assinalada também por Spinoza. Passamos do mundo das coisas vistas para o mundo das coisas que tem peso, têm valor, têm carga afetiva. Em vez de simplesmente olhar, pesemos e ponderemos. Esta passagem de “oráo” para pondus corresponde a uma mudança de vértice: do vértice teórico para o vértice existencial e afetivo. É uma passagem que humaniza e existencializa a problemática do pensar. Trabalho o grego por associação livre. Pergunto-me se a palavra “theoria” nós não deveríamos ver a presença de theos. Nesse caso, a teoria seria divina, seria o olhar dos deuses. E conhecer, segundo Platão, seria muito mais reconhecer, isto é, lembrar-se do que se viu quando se estava junto dos deuses, no mundo das idéias. Se a “theoria” é divina, o pondus não. Ponderar é carregar o peso de cada dia, o peso dos anos, o peso da história. Essa é uma mudança que não sei exatamente quando ocorreu, mas que é encontrada em Spinoza e especialmente em Heidegger. Esta é uma primeira associação ao que foi dito por você. A outra associação é a respeito do estranhamento e do estrangeiro. Temos que nos tornar estrangeiros, temos que partir para podermos voltar e sermos reconhecidos. a volta sempre é depois de uma partida. A separação é indispensável para haver casamento. Sempre pensamos que a separação vem depois do casamento. Não percebemos que quando há separação depois é porque não houve antes. Quer dizer, a impossibilidade do casamento ocorre com quem não se separou, não cortou o cordão umbilical, mas se manteve numa ligação simbiótica com a mãe. A censura, o corte do cordão umbilical, é que permite a individualização, a diferenciação e, portanto, o acesso a uma vida própria. Quem não se diferenciou, nem se tornou ele próprio nunca poderá se casar. A questão do estranhamento é a da diferença e do poder ser outro. Ninguém casa com um mesmo; só se casa com um outro. Costumo dizer que casamos sempre, várias vezes, com a mesma pessoa. O primeiro casamento é o da lua de mel. E acaba. O segundo pode durar até as bodas de prata. E pode também acabar. No fim é que as pessoas se casam mesmo. “Até que a morte os separe”.

P2- Estava pensando no casamento com as teorias psicanalíticas, Melanie Klein, Lacan, Freud. Pensava nestas associações que você trouxe a respeito da

verdade, com essa ressonância filosófica. Pensava na vantagem da simbolização psicanalítica e nesse lastro que você soube nos mostrar a respeito dos vínculos, e, com o vínculo, a dor. Pensava em como fazer fluir o pensar quando o vínculo é diferente.

Rezende - Gostaria de começar pela primeira frase, em que você mencionou o casamento com as teorias psicanalíticas, ou mais propriamente com os autores psicanalíticos. Eu quase diria, também em relação a esses autores, que só pode haver casamento se houver separação. Isto é, se tivermos uma personalidade que não faça alianças simbióticas, que não nos faça simbioticamente lacanianos, kleinianos, freudianos, kohutianos, winnicottianos. Na próxima bienal de Psicanálise vou apresentar um trabalho sobre a noção de simbolização como sendo um conceito psicanalítico capaz de reunir as diferenças psicanalíticas. Com uma concepção simbólica do símbolo, podemos casar a contribuição de Freud, Melanie Klein, Lacan e Bion, mas mostrando também a diferença e a complementariedade. A noção de símbolo é capaz de integrar as diversas concepções a que deu origem, sendo para isso indispensável poder pensar as diferenças. Em meu artigo, começo lembrando que Freud queixou-se de que, naquela época, a Filosofia não lhe oferecia um conceito de símbolo suficientemente elaborado para "explicar" os fenômenos simbólicos com os quais ele estava trabalhando. Daí ter ele feito uma tentativa progressiva de encontrar o simbólico, o simbólico propriamente dito, em sentido psicanalítico. Hoje a queixa de Freud já não se justifica, pois a Filosofia acha-se em condição de dar à Psicanálise a contribuição que não deu à Freud. Temos hoje um conceito de símbolo que nos permite aprofundar ainda mais alguns aspectos da experiência psicanalítica. No caso de Melanie Klein, um aspecto essencial é o vínculo; no caso de Lacan, a instância de nomeação, o nome do Pai. Dos três registros, que são o real, o imaginário e o simbólico, este último é o registro do sentido, de onde provém sentido para o mundo humano. Costumo trabalhar esta questão a partir do texto bíblico em que se faz o relato do sacrifício de Abrahão. Considerando-se desde um ponto de vista psicanalítico, o texto nos mostra como Abrahão é convidado a sair do registro do real e do imaginário para passar ao registro do simbólico. É

pedido a Abrahão que mate Isaac. Mas qual Isaac? O Isaac do seu imaginário. Abrahão tinha sonhado com uma descendência que fizesse dele "o pai de uma grande geração" e que dominasse sobre todas as outras tribos. Deus lhe pede que renuncie a esse sonho. Sem entender, Abrahão creu, renunciou ao imaginário e teve acesso ao simbólico. Com isso, tornou-se o pai de todos os que creram. "Deus pediu, deve ter sentido". Ao dizer isso, ele teve acesso ao sentido, ao Outro sentido. Abrahão é o primeiro a ter acesso ao simbólico. Na linguagem de Melanie Klein, acesso ao simbólico é o próprio reconhecimento na gratidão. Para ela, as experiências fundantes são simbólicas na medida em que reúnem sentido e afeto. Nesse sentido, ela é anti-platônica. Seio bom e seio mau não são essências platônicas, mas vivências cognitivo-afetivas com as quais tem início uma nova gramática. Todo substantivo é adjetivado. Não há seio só, o seio é bom ou mau. Esta é para Melanie Klein a origem das idéias. No começo, a palavra nasce do afeto. Depois é que intervém o processo abstrativo para separar o sentido e o afeto, o significante e o significado. A experiência inicial é simbólica e só depois é que se introduz o divórcio. Essas questões do casamento com as teorias psicanalíticas precisam ser muito bem pensadas. Costumo dizer o seguinte, repetindo Bion: Freud não interessa, não importa Lacan. O que importa é a mente. Não há casamento com uma teoria. O casamento é com a mente. Não interessa o Rezende. O que interessa é o que ficou como possível contribuição para vocês poderem pensar um pouco melhor a Psicanálise.

P3 - O que me ocorre é que o desvelamento é sempre acompanhado de velamento. Queria saber o que significa fazer análise. Será que há um movimento...

Rezende - Muito boa sua pergunta. Vou tentar responder não apenas em relação a Heidegger, mas em relação a experiência psicanalítica. Verdade é também desvelamento. Mas, o que está velado, o que está encoberto? O que é encoberto é o desejo, o desejo censurado, reprimido ou recalcado. Esta é a função da barra para Lacan. E o desvelamento é a tentativa de dar lugar ao desejo para que ele, como no sonho, possa realizar-se. Só que ele nunca se realiza. Este é o paradoxo do desejo: não se realiza, mas como a fênix renasce das próprias cinzas, reaparecendo de outra

forma. Numa linguagem mítica, a realização de desejo seria o paraíso. Antes, haverá sempre um deslocamento, haverá sempre um outro lugar em que ele reaparece. Talvez, dizendo com Lacan, o desejo é novamente encoberto, porque nunca é plenificado: a falta permanece. Dito de outro forma: "esta" sessão de análise nunca é a última. A vida mental continua. A verdade é a busca da verdade. Quem diz isso é Maurice Blanchot, que tem essa frase extraordinária: "la réponse est le malheur de la question" (a resposta é a desgraça da pergunta). A verdade é a questão, a verdade não é a resposta. A verdade é a incógnita. E há uma estreita relação entre a verdade e o desejo. A verdade é o desvelamento do desejo.

P4 - Sobre o sujeito do desejo e sua realização, eu diria que é impossível de ser desvelado. Há um mistério do desejo que, como tal, permanece desconhecido, velado. O desejo não tem nome.

Rezende - Acho que é isso mesmo. Talvez seria importante frisar esta sua última frase: o desejo não tem nome. Há alguns pontos de encontro entre Bion e Lacan. Lacan se refere ao falo, Bion fala de O. Eu traduzo isso dizendo que é o O que deu origem à Filosofia, é o oh! de admiração, do estranhamento, do encantamento. Num trabalho que comentei recentemente, Enrique Torres fala de "Uma perversão chamada desejo". Ele trabalha, freudo-lacanamente, mostrando que o objeto do desejo seria o corpo da mãe, numa regressão incestuosa, etc. Fiz uma proposta diferente a partir do mito de Narciso. O problema de Narciso e de sua não realização é que, finalmente, seu desejo é de ser Deus. E a lógica narcísica, uma lógica muito curiosa, o leva raciocinar assim: se Deus existisse, seria eu; ora, eu não sou Deus; logo, Deus não existe. Somente a ferida narcísica pode curá-lo de semelhante perversão delirante.

O BOLETIM DE NOVIDADES

É uma publicação mensal da Livraria Pulsional - Centro de psicanálise, dedicado à divulgação de artigos, notícias e novidades bibliográficas psicanalíticas.

LIVRARIA PULSIONAL

R. Dr. Homem de Mello, 351 - Perdizes

05007-001 - São Paulo

Fone: (011) 262.8345

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

(INSTRUÇÕES PARA OS COLABORADORES)

O Boletim Formação em Psicanálise, publicação do curso "Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae" é uma publicação semestral e tem por objetivo a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins na forma de artigos, leituras (comunicações, comentários ou resenhas de livros), conferências, entrevistas e cartas à comissão editorial.

Os artigos e trabalhos para publicação devem ser encaminhados em três cópias à Comissão Editorial do Boletim Formação em Psicanálise**. A colaboração recebida será submetida à apreciação da Comissão Editorial, que decidirá sobre sua aprovação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando recusada sua publicação.

Os Artigos devem ser datilografados em uma só face em espaço duplo. Devem conter necessariamente: o título do trabalho, nome completo do(s) autor(es) e, no rodapé, as credenciais do(s) mesmo(s).

As citações no texto devem incluir o sobrenome do(s) autor(es) em letras maiúsculas e o ano de publicação do trabalho citado. Se o trabalho citado, tiver até dois autores, deverão constar na citação os sobrenomes de ambos; caso tenha três ou mais autores, somente deverá aparecer o sobrenome do primeiro seguido de e col.

As referências bibliográficas devem ser dispostas em ordem alfabética de acordo com o sobrenome do autor ou do primeiro autor, e numeradas, consecutivamente, contendo: nome do autor, título do trabalho e nome abreviado, segundo os critérios da "World List of Scientific Periodicals (Butter Worths, Londres, 4ª ed, 63/65)", da revista ou livro (em grifo), indicando o número do volume, páginas inicial e final, e ano.

Tabelas, gráficos e figuras devem vir anexas, em preto e branco, referidas em números arábicos, constando sempre o respectivo título de maneira precisa.

Na última lauda devem constar o nome e o endereço do autor ao qual se deve enviar correspondência.

OS CONCEITOS E OPINIÕES EXPRESSOS NOS TRABALHOS SÃO DE TOTAL RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

**** Claudia Paula Leicand**

- R. João Moura, 647 - 10º cj. 104 - CEP 5412-001

**** Maria Luiza Scrosoppi Persicano**

- Rua Capote Valente, 524 - CEP 5409-001

ERRATA DO VOL. II Nº 1

Pg. 9 Rodapé - SAPIENTAE leia-se SAPIENTIAE

Pg. 10 Coluna 1 2ª linha

Lama... Leia-se Alma

Coluna 1 3ª linha

Envelo... Leia-se Enlevo

Coluna 2 3ª linha

Atravessar a contratransferência como o trágico...

Leia... Atravessar a contra transferência é atravessar o trágico

Pg. 11 Coluna 2 22ª linha

oncionamento... Leia-se funcionamento

Pg 12 Coluna 1 35ª linha

onde os objetos funcionais... Leia-se... onde os objetos e objetivos funcionais

Pg 12 Coluna 1 45ª linha

Determinara... Leia-se... Determinará

Pg 13 Coluna 2 27ª linha

Diktal... Leia-se Diktak

Pg 13 Coluna 2ª linha 29

Esse eu em germe;... Leia-se desse eu em germe,

Pg 13 Coluna 2ª linha 36

Para não cair do vazio... Leia-se

Para não cair no vazio

Pg 14 Coluna 2 linha 9

São encontra dos nestes... Leia-se são encontrados nestes

Pg 15 Rodapé

Sedes Sapientae... Leia-se Sedes Sapientiae

Pg 17 Coluna 2 linha 40

Poderíamos penar... Leia-se Poderíamos pensar

Pg 21 Coluna 1 linha 4

A morte da irmão ... Leia-se A morte da irmã

Pg 21 Coluna 1 linha 6

Irmão... Leia-se... Irmã

Pg 41 Coluna 2 linha 32

Auto-Erodico... Leia-se Auto-Erótico

Pg 42 Coluna 1 linha 29

Deslocamento ano nível... Leia-se Deslocamento no nível

Pg 45 Coluna 1 linha 38

A marcha em direção... Leia-se A marcha em direção

Pg 51 Coluna 1 linha 29

El aparato Psíquico... Leia-se El Aparato Psíquico

Pg 52 Coluna 2 linha 4

Situación desencadenate... Leia-se Situación Desencadeante

DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICÁLISE

Comissão de Publicações:

Artur Filhou José
Claudia Paula Leicand
Ede de Oliveira e Silva
Fernanda Pinto Freire
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Mildred Kun Wai Chui
Suely Gevertz

Comissão de Clínica:

Ângela Perpétuo
Aristides Costa Cicarelli
Armando Colognese Jr.
Cecília Noemi de Carvalho
Homero Vetorazzo Filho
Oscar Miguez
Maria Rosa Sales

Comissão de Eventos:

Alícia I. Weiz Cobello
Berenise Neri Blanes
José Pedro Lopes da Silva
Maria Helena Saleme
Maria Teresa Scandell Rocco
Oscar Miguez
Solange Silva Barbosa

Comissão de Coordenação de Curso:

José Carlos Garcia
Maria Cristina Perdomo
Nora Miguez
Suzana Alves Viana

Corpo Docente:

Aristides C. Cicarelli
Armando Colognese Jr.
Cecília Noemi de Camargo
Ede de Oliveira e Silva
Emir Tomazelli
Homero Vetorazzo Filho
José Carlos Garcia
Maria Beatriz Godoy
Maria Cristina Perdomo
Maria Helena Saleme
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Maria Tereza Scandell Rocco
Nora Miguez
Oscar Miguez
Suzana Alves Viana

Professores Convidados:

Antônio Muniz de Rezende
Gilberto Safra

Comissão de Coordenação de Departamento:

Aristides Cicarelli
José Carlos Garcia
Maria Cristina Perdomo
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Maria Teresa Scandell Rocco
Nora Miguez
Suzana Alves Viana



CURSO: FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
